



## Prefácio

Força, doçura, verdade, partilha e sonho.

Esses são alguns dos substantivos que escolhi para descrever a trajetória acadêmica da Ana Júlia, uma jovem forte por natureza, cuja leveza lhe permite dividir, com muita seriedade, seus sonhos com outros jovens os quais experimentam a coragem de buscar a concretização das suas escolhas.

A alcunha “Deuskdminhavaga” reverbera o sentimento de muitos jovens que se sentem representados e, às vezes, cansados de estudar para o vestibular, mas, em vez de se reprimir, a Ana é inspiração para todos nós, ensina-nos a amar nossas oportunidades e a ir à luta, mesmo quando parece não haver esperança. Ademais, tenho demasiado orgulho da autenticidade com a qual ela divide conosco, pelo Instagram, o seu dia a dia, deixando sobressalente que a vida real nem sempre são flores.

Quanto a esta revista incrível, é reflexo da divisão característica da autora, uma vez que fazer pesquisas somente para o seu estudo próprio não a satisfaria, assim, em vez de ser mesquinha e entender os outros jovens como concorrentes, ela resolve empreender e apresentar para outros estudantes o objeto das suas pesquisas que estão muito completas.

Aos queridos estudantes que tiverem a posse deste material, aproveitem e saibam que se o sonho for ardente e o trabalho também, no tempo certo, todos se realizarão de formas mais abrangente que podemos imaginar.

Querida Ana, Deus não está apenas a trazer sua vaga, como está preparando cada detalhe da sua trajetória, Ele tem uma turma escolhida para você, a qual conhecerá no tempo certo da sua história, parabéns por esse projeto tão especial.

Ótimo estudo a todos!

Sharlene Leite



## Antes de você começar a ler a revista..

Antes de você começar a ler esta revista, queria te lembrar uma coisa: você é capaz! Tenho certeza que durante a pandemia você questionou suas escolhas, seus caminhos, fez comparações, ficou preso em arrependimentos e ao pensamento de “e se eu tivesse feito isso...”.

Enfim, ser estudante no Brasil não é fácil. Vestibulando então... Críticas, dúvidas e opiniões alheias são coisas que nos acompanham o tempo todo. A ansiedade, a incerteza, o medo de não passar, os anos no cursinho e agora, muitos passam pelo luto de alguém querido por conta do COVID19... 2020 não está fácil, mas nunca se esqueça do seu propósito, do motivo que você começou. Tenha força e coragem. Continue.

*"Toda positividade eu desejo a você, pois precisamos disso nos dias de luta."*

Queria agradecer a **você**, por confiar em mim e adquirir este material. Todo o carinho e confiança foram a força motriz para produzir cada página com muita dedicação e afinco.

Por fim, faça a sua rede de apoio. Parafraseando Emicida e Zeca Pagodinho na música “Quem tem amigo tem tudo”, eu afirmo pra você, esta revista só saiu porque fui amparada por eles.

Muito obrigada, por cada palavra de incentivo e apoio, em especial à Natália, Carol, Marina, Victor, Abner, Aninha e a minha irmã Maria Cecília.

As minhas instagramers de educação favoritas: Isabela (@papelarisa), Luiza (bixomed\_) e Taíse (med\_rabiscos), em especialmente a Taí, sem ela e o noivo sr. MedRabiscos Leonado, os QRcodes não teriam rolado e toda a magia de ir direto as reportagens não aconteceria.

E a minha ilustradora favorita Thaís Passos (@studies.t), amiga, obrigada por deixar tudo isso ainda mais lindo. <3

Sharlene, com você escrevo a minha história e aprendo todos os dias a colocar todo o amor em cada projeto. Você é meu espelho.


Mamãe, obrigada por incentivar toda e qualquer ideia, vibrar comigo a cada pesquisa nova e confiar tanto em mim, você é tudo. Sou porque você é, nunca conseguirei agradecer tudo que você faz e vive comigo, a minha determinação vem de ti e espero conseguir ser 1/3 da mulher que és.

E a Deus, por me dar força e sustentar toda minha trajetória até mesmo quando eu desacreditava da minha capacidade em terminar tudo isso.

*Se cheguei até aqui foi porque me apoiei no ombro dos gigantes. Isaac Newton*

# Eiii, estudante!

## Nesta revista você encontrará:

1. Era Trump
    - Guerra comercial entre China e Estados Unidos
    - A crise de 2008 e seus desdobramentos na Primavera Árabe
    - Crise da Síria
    - Tunísia
    - Líbia
    - Conflito no Iêmen
    - Conflito em Mianmar
  2. 30 anos da Guerra do Golfo
  3. Irã x Iraque: rivalidade e crise atual
  4. Tensão Irã x EUA
  5. Crise na Argélia
  6. 30 anos do Massacre da Praça da Paz Celestial
  7. Crise no Equador
  8. Crise política na Bolívia
  9. Disputa pelo Ártico
  10. Separatismos
    - Caxemira
    - Sudão do Sul
    - Darfur
    - Questão curda
    - Sri Lanka
    - Catalunha e País Basco
    - Brexit e suas consequências
  11. Crise na Venezuela e o cenário atual
  12. Protestos no Chile e seus desdobramentos econômicos
  13. Coletes Amarelos na França
  14. Brasil na OCDE
  15. Um ano de governo Bolsonaro
  16. Brasil como aliado Extra-Otan
  17. Relação Brasil-China
  18. Conflito do governo com os povos indígenas
  19. Retirada americana do Brasil da lista de países em desenvolvimento
  20. CPI das Fake News"
  21. Novo cangaço" em São Paulo
  22. Nova nota de 200 reais
  23. Teste da vacina contra o novo coronavírus no Brasil
  24. Brasil e o coronavírus: como o país vem enfrentando a pandemia
  25. Malala defende Fundeb e a educação brasileira
  26. Tragédia ambiental no Pantanal
  27. Breque dos app: greve dos entregadores
  28. Protestos contra o racismo no Brasil
- Caso Miguel
- Mito da democracia racial
29. E **mais** 17 QR CODES de notícias importantíssimas para você, como a explosão em Beirute, novo acordo entre Israel e Emirados Árabes e suas consequências no Oriente Médio.
- 



# NAJU, ME ATUALIZA!

## REPORTAGENS:

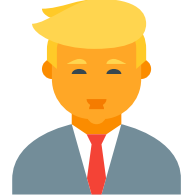
### Donald Trump: Biografia, política, e muito mais!

Conheça a trajetória de Donald Trump. Saiba como ele conquistou um dos cargos mais importantes do mundo!



## ERA TRUMP

### Quem é Donald Trump?



O 45º presidente dos Estados Unidos é um magnata dos imóveis, ele construiu um império comercial enorme. Publicou livros, participou de filmes e ainda foi apresentador em programas da televisão americana.

**Num contexto geral** : Adota política nacionalista: proteção industrial e econômica dos EUA e geração de empregos para os nativos.

- “America First”
- Defende maior parceria com a Rússia
- É contrário a ascensão chinesa
- Oposição ao acordo nuclear com Irã: um acordo que prevê a retirada das armas nucleares iranianas. Contudo, os EUA se dispuseram a fortalecer a economia iraniana gradualmente conforme o acordo fosse cumprido. Trump desacredita que a economia do país do Oriente Médio mereça tal injeção.
- Tendência ao isolamento: Trump, em sua fala, rejeita a globalização. Salienta que os demais países devem procurar investimentos para não depender dos EUA.

**Trump enfrentou grandes embates desde o início do mandato por achar que conseguiria ser “autônomo”.**

Teve um começo turbulento

- **Chacina de Las Vegas:** Maior ataque a tiros da história dos EUA mata 59 e deixa mais de 500 feridos em Las Vegas. Homem atirou do 32º andar do resort Mandalay Bay contra multidão que participava de festival de música country. **Estado Islâmico** reivindicou o ataque a tiros, que já é o mais letal da história dos EUA. Discussão do uso de armas no país: vale lembrar que Trump é **pró-indústria bélica** e defende o armamento.
- **Marcha de supremacistas brancos em Charlottesville:** Os graves distúrbios deste fim de semana em Charlottesville (Virgínia), por conta de uma marcha de supremacistas brancos, resultaram em uma avalanche de críticas contra Donald Trump pela mornidão de sua reação. Com vítimas fatais já confirmadas, em seu primeiro grande incidente racista, chegou a citar a “violência de todo tipo” sem citar o racismo e o nazismo. Esses grupos abraçaram o trumpismo em sua vertente nacionalista e se tornaram mais valentes com sua vitória eleitoral. A Casa Branca teve de esclarecer que a condenação do presidente os inclui. O prefeito de Charlottesville o acusou de açulá-los. A tragédia colocou Trump diante de um espelho incômodo.



JULHO DE 2020 | EDIÇÃO 2

# NAJU, ME ATUALIZA!

## ERA TRUMP



### • Saída do do país do Tratado de Associação Transpacífico (TPP, na sigla em inglês)

Deixa claro o lema “America First” O que é o Acordo Transpacífico (TPP)? O Acordo de Associação Transpacífico, também conhecido pela sigla TPP (do inglês Trans-Pacific Partnership) é um tratado de livre-comércio assinado por 11 países banhados pelo Oceano Pacífico. Criado com o interesse de estabelecer uma maior integração entre as economias do Pacífico, o TPP surgiu a partir da expansão do Trans-pacific Strategic Economic Partnership (TPSEP), um bloco econômico formado em 2005 apenas pela Nova Zelândia, Chile, Cingapura e Brunei.

Em razão da importância desse acordo no comércio internacional – já que o mesmo envolve a participação de grandes potências econômicas, o TPP foi considerado por muitos como o acordo comercial mais importante dos últimos tempos. Somando todos os países membros, o TPP representou, no momento da sua criação, um PIB de mais de US\$ 50 trilhões – ou seja, 40% de toda a economia mundial.

### Quais são os objetivos do TPP?

A importância do TPP vai muito além do desenvolvimento do comércio entre seus membros. Isso se deve porque, além de ser um acordo de cooperação comercial, o tratado Transpacífico também intenciona:

- O aumento da integração econômica entre seus membros, principalmente através redução de tarifas, taxas, barreiras alfandegárias e demais obstáculos à circulação de produtos, serviços e investimentos;
- O estímulo aos investimentos internos entre os membros do bloco, para favorecer o desenvolvimento econômico dos países e aumentar a integração comercial entre eles.
- A criação de regras comuns sobre propriedade intelectual de produtos e serviços, novas tecnologias e produção de conhecimento, para ao mesmo tempo proteger as inovações dos países-membros e estimular o desenvolvimento científico global;
- A padronização das legislações trabalhistas dos países membros, para garantir um melhor padrão nas condições de trabalho (principalmente nos países asiáticos) e evitar a migração empresas para países com mão de obra barata;
- O fortalecimento de políticas ambientais comuns, para garantir que os países do bloco possam alcançar um desenvolvimento econômico sustentável.

NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

Por que o anúncio de Trump de que os EUA vão deixar a Parceria Transpacífico é boa notícia para a China



## SAÍDA DO PROTOCOLO DE PARIS

GI

NATUREZA

EUA notificam a ONU e confirmam saída do Acordo de Paris

Notificação é o primeiro passo formal e processo deve demorar um ano. Trump anunciou a intenção de deixar o acordo em 2017.



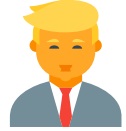
O **Acordo de Paris** é um compromisso internacional discutido entre 195 países com o objetivo de minimizar as consequências do aquecimento global.



JULHO DE 2020 | EDIÇÃO 2

# NAJU, ME ATUALIZA!

## ERA TRUMP



### TRUMP PROÍBE CIDADÃOS DE SETE PAÍSES DE ENTRAR NOS ESTADOS UNIDOS

31 JANEIRO 2017

Em meio à polêmica determinação do presidente Donald Trump de proibir a entrada aos EUA de pessoas de sete países, uma pergunta segue sem resposta clara: **por que estes países especificamente?**

Estão na lista **Síria, Iraque, Irã, Líbia, Sudão e Iêmen**, nações predominantemente **muçulmanas**.

Desde a sexta-feira à tarde, quando Trump assinou a ordem executiva, seus cidadãos estão impedidos por 90 dias de entrar nos EUA. O documento presidencial argumenta questões de segurança, afirmando que "vários indivíduos nascidos no exterior têm sido condenados ou implicados em delitos relacionados com o terrorismo desde o 11 de setembro de 2001".

Embora esteja aberta a possibilidade de ampliar a lista, a ordem deixou de fora a proibição a países como Arábia Saudita e Egito, de onde vêm vários membros da Al-Qaeda que atacaram os EUA em 2001. Enquanto isso, nenhum indivíduo envolvido nos atentados a Washington e Nova York naquele ano vem dos sete países vetados por Trump.

**Xenofobia:** Xenofobia é o medo, aversão ou a profunda antipatia em relação aos estrangeiros, a desconfiança em relação a pessoas que vêm de fora do seu país com uma cultura, hábito, raça ou religião diferente.

Fonte: BBC BRASIL



Como Trump definiu os 7 países da polêmica proibição de entrada aos EUA?



### DONALD TRUMP ANUNCIA REVISÃO DO ACORDO DE OBAMA COM CUBA



O que Trump pretende mudar em relação a Cuba, segundo fontes da Casa Branca: haverá maiores restrições para viagens de americanos a Cuba; haverá mais restrições para fazer negócios com empresas controladas pelas forças armadas cubanas.

O que Obama implementou e Trump **não deve mudar**, segundo fontes da Casa Branca: os EUA manterão sua embaixada em Havana, e a operação de voos e viagens de navios dos EUA para Cuba permanece.



Edição do dia 16/06/2017  
16/06/2017 21h28 - Atualizado em 16/06/2017 21h28

Trump anuncia revisão do acordo dos EUA com Cuba selado por Obama

"Estou revertendo a política do governo anterior que só beneficiava Cuba".  
Trump diz que está sendo investigado e volta a citar 'caça às bruxas'.



Sob ataque de Trump, acordo diplomático entre Cuba e EUA completa cinco anos

Especialistas avaliam o marco do acordo entre Obama e Raúl Castro e a tentativa de "asfixia" de Donald Trump



## TRANSFERÊNCIA DA EMBAIXADA AMERICANA DE TEL AVIV PARA JERUSALÉM

Símbolo dos conflitos entre palestinos e israelenses, o território da cidade de Jerusalém voltou a ser discutido nos últimos dias. Isso aconteceu porque a embaixada dos Estados Unidos foi transferida para o local. Antes disso, o centro das relações internacionais norte-americana na região era localizado em Tel Aviv, cidade de Israel. A mudança foi uma promessa de campanha de Donald Trump. Com isso, os EUA passaram uma mensagem de que acredita que Jerusalém é a verdadeira capital de Israel, quando a briga pela cidade ainda não foi resolvida entre os dois estados.



## RELEMBRE A QUESTÃO PALESTINA:



No início do século XX, antes da Primeira Guerra Mundial, o movimento sionista, que lutava pela criação de um Estado judeu, incentivou a migração para a Palestina, e os judeus passaram a comprar terras dos povos árabes na região.

Nessa época, grande parte da Península Arábica estava sob o domínio do imperialismo inglês. Pedidos foram feitos para que a Inglaterra destinasse um espaço para a formação do Estado judaico, porém, durante o período Entre-Guerras, nada foi resolvido, apesar da permanência do sionismo.

Foi somente após a Segunda Guerra Mundial, com o enfraquecimento inglês e a sua retirada da região, que novos movimentos surgiram e o apoio internacional ganhou mais força, principalmente em função do **Holocausto**, que causou o extermínio de milhões de judeus, vítimas do **antisemitismo** alemão.

Após a criação da ONU, em **1945**, a fundação do Estado de Israel foi colocada em pauta. Em 14 de maio de 1948, foi determinada sua criação e implantação, compartilhando a região da Palestina com um Estado palestino que, na verdade, nunca saiu do papel.

### CRONOLOGIA DOS CONFLITOS:

- À 1ª Guerra Árabe-Israelense se seguiram ainda muitos conflitos: a 2ª Guerra Árabe-Israelense em 1956 ou Guerra de Suez;
- a Fundação dos grupos terroristas "Al Fatah" e "OLP" – Organização pela Libertação da Palestina em 1959
- 1964 respectivamente; a Guerra dos Seis Dias ou 3ª Guerra Árabe-Israelense em 1967;
- e a Guerra do Yom Kippur ou 4ª Guerra Árabe-Israelense em 1973.



Trump anuncia plano de paz para conflito entre israelenses e palestinos





## IMPEACHMENT

O estopim de tudo isso foi o caso envolvendo o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski. Trump teria ligado para Zelenski, pressionando-o para que investigasse o filho do ex-vice presidente **Joe Biden** (que agora concorre às primárias do partido para candidatar-se a vaga de presidente).

Em 2015, Joe Biden pressionou a demissão do secretário geral da **Ucrânia**, que investigava a empresa Burisma de corrupção.

Adivinha quem trabalhava nessa empresa? O filho de Joe, **Hunter Biden**. Com isso, os opositores de Trump viram nessa atitude uma **brecha** para acusá-lo de abuso de poder, ao pressionar um aliado mais fraco em benefício próprio. Ele busca a reeleição, logo, um escândalo contra seu concorrente seria ótimo.



**Impeachment: Trump é inocentado em julgamento no Senado e se mantém presidente**



## ÚLTIMAS NOTÍCIAS ATÉ JULHO DE 2020

≡ EL PAÍS

INTERNACIONAL

PANDEMIA DE CORONAVÍRUS >

### A 100 dias das eleições e atrás de Biden nas pesquisas, Trump inicia empreitada midiática

Sitiado pela crise do coronavírus nos EUA, mandatário tenta aproveitar a presidência como vitrine para reabilitar sua abalada imagem de líder



**Trump propõe adiar eleições presidenciais americanas**



**Atrás de Biden nas pesquisas, Trump muda de tom sobre pandemia**



**Depois de semanas ignorando ou minimizando o impacto da pandemia de covid-19, o presidente americano, Donald Trump, demonstrou nos últimos dias uma mudança de tom em relação à crise.**

Nesta semana, Trump anunciou a retomada dos briefings da força-tarefa criada pela Casa Branca para responder à pandemia causada pelo novo coronavírus. Ele havia interrompido sua participação nessas entrevistas coletivas diárias em abril, após reação negativa e deboches à sua insinuação de que injetar ou ingerir desinfetante poderia ajudar a curar a doença.

O presidente, que até então vinha se recusando a usar máscaras, apesar da recomendação de especialistas médicos de que seu uso é eficaz para conter a propagação do vírus, também tuitou nesta semana uma foto em que aparece usando o equipamento de proteção.



# NAJU, ME ATUALIZA!

## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda inglês

EUA e China assinam acordo após 2 anos de guerra comercial: o que mudou ao longo da disputa?



5 pontos para entender a guerra comercial entre EUA e China

Países estão em conflito econômico desde 2018, em maio a vitória tentativa de trigo, últimas sanções provocaram queda generalizada nas Bolsas



## CHINA X EUA NUMA GUERRA COMERCIAL

### A guerra comercial começa em 2018;

- **Trump aumenta as tarifas dos produtos chineses para incentivar a compra dos produtos nacionais.**

### Mas bora entender todo o rolê de antes e os motivos da China incomodar tanto o Trump

Em 2018, as reformas de Deng Xiaoping completaram 40 anos. Deng Xiaoping promoveu inúmeras reformas econômicas, cujo desdobramento depois de uma década foi a implantação de uma economia de mercado nos moldes capitalistas.

Na década de 1990, as reformas do sistema produtivo se aprofundaram ainda mais e resultaram num vertiginoso crescimento da economia chinesa, cujas bases são os investimentos estatais e o capital estrangeiro (que foi atraído para a China num volume sem precedentes na história do país e do continente asiático). **De acordo com todos prognósticos, por volta do ano de 2030 a China se transformará na maior economia do mundo.**

O Estado comunista chinês, porém, resistiu politicamente à desagregação da ex-URSS e ao fim do socialismo no Leste europeu. Os dirigentes comunistas chineses mantiveram a China fechada politicamente e governam o país com base na ditadura do partido único. Uma questão que surge com freqüência no debate político e nos círculos acadêmicos ocidentais é saber até quando a China se manterá politicamente fechada e resistirá às pressões por reformas políticas liberalizantes e democráticas.

**Fonte: UOL vestibulares**

Entenda, o Deng foi visionário e com a estruturação da economia chinesa, o novo líder criou as ZEEs (**Zonas Econômicas Especiais**), cidades costeiras que, por apresentarem mão de obra barata, boa infraestrutura e isenção de impostos, eram muito atraentes aos investimentos externos. Isso atraiu MUITAS indústrias, nesse rolê elas deixaram os EUA e isso acarretou em desemprego.

Enquanto a China era só um lugar de “montar” os produtos estava tudo “ok” para o governo americano, mas a partir do momento que a China começa a desenvolver tecnologia e produtos que competem no mercado, a parada fica SÉRIA! Antes o “**made in China**” significava produto barato e quase descartável. Atualmente os chineses produzem produtos de excelente qualidade e preços mais acessíveis. Só pra você ter uma noção, a China vendeu **539 BILHÕES** para os Estados Unidos.... E os EUA apenas 120 bilhões de dólares para a China. kkkkk ou seja... Para o Trump, os chineses estão levando vantagem e todo esse cenário reforça o seu slogan de campanha “America First” e, tem todo o respaldo da população que o apoia para iniciar as medidas protecionistas.

### O QUE É PROTECIONISMO?

Protecionismo são medidas econômicas de um Estado para **aumentar as exportações e diminuir ou proibir as importações**. Essa política é **oposta ao livre comércio**, onde as barreiras governamentais ao comércio e circulação de capitais são mantidas a um mínimo.

Nos últimos anos, tornou-se alinhado com a antiglobalização. Porém, as medidas protecionistas afetam todo o globo. Principalmente se tratando das duas principais potências.

## UMA DAS MEDIDAS PROTECIONISTAS FOI O BOICOTE A HUAWEI

### Como aconteceu o boicote?

O governo americano pede para a Google não renovar o contrato com a empresa.

A Huawei diz “poxa, que pena, já esperávamos essa notícia, porém desde 2018 estamos desenvolvendo o nosso próprio sistema operacional, beijos, fica com Deus Gog.” A empresa chinesa começou a **produzir o próprio chip e desenvolver tecnologia 5G!**

### 5G: 100x mais potente!

Rede muito mais rápida que a 4G, acaba com o tempo de latência das mensagens, novas e amplas possibilidades.

A internet **possibilita as relações instantâneas**, exemplos disso são os aplicativos de entrega, GPS, home office, Uber: os avanços da comunicação telemóvel modificam a estrutura social e urbana.

- China já está na frente. Estados Unidos está atrás e BOLADO.
- Trump MEGA recalcado acusa a China de ser imperialista.... hmkkk, logo você, more?
- **Por que os Estados Unidos estão bolados?**

Se a China sai na frente, ela ganha mercado em todos os sentidos. Primeiro pelo fato de uma nova rede demandar novas instalações e segundo por ser desenvolvidora. **Mas agora papo sério!** O chip 5G possibilita uma velocidade tão grande que pode causar uma vulnerabilidade nas defesas de informações. **“tech is the new oil”** traduzindo, a tecnologia é o novo petróleo, logo, quem domina a tecnologia, domina tudo! Enquanto os EUA enxotou a Huawei, a Rússia disse que está de braços abertos para conhecer a nova tecnologia.

## NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

### Por que 5G da Huawei põe Brasil em saia-justa com China e EUA



ESTADO DE MINAS Internacional

### Rússia recebe de braços abertos a Huawei para sua rede 5G



## COMO ISSO AFETA O BRASIL?

Essa dúvida é muito comum: se o conflito é entre a China e EUA, como isso afeta o Brasil?

Assim como os outros mercados globais, nossa economia pode sofrer com as repercussões da guerra comercial. Uma redução das atividades econômicas chinesas, por exemplo, pode provocar uma diminuição das importações realizadas pelo gigante asiático. E boa parte desses produtos tem origem brasileira.

Na realidade, a China é nosso principal parceiro comercial. Para lá vão cerca de 26% de todas as exportações brasileiras – mais que o dobro do que é enviado aos EUA.

Os norte-americanos, por sua vez, ficam em segundo lugar na lista de melhores parceiros comerciais do Brasil. Eles são responsáveis por cerca de 11% das nossas vendas para o exterior. Dito isso, vale ressaltar: desde o início da guerra comercial, as exportações do Brasil para a China cresceram, já que a China, por exemplo, deixou de comprar produtos norte-americanos, como a soja.



# NAJU, ME ATUALIZA!

## A CRISE DE 2008 E A PRIMAVERA ÁRABE



- **Lehmans Brothers:** uma associação financeira americana importantíssima quebra. Estopim da crise.
- **Especulação imobiliária:** empréstimos, juros e dívidas resulta em um enorme número de inadimplentes.
- **FED:** banco americano injetou 1 trilhão de dólares para salvar o mercado.
- **A crise global atinge em cheio a Europa em 2010.** Muitos árabes que viviam no continente europeu perdem renda. Em muitos países, o dinheiro enviado pelos imigrantes significava 20% do PIB. Intensa inflação, demissões em massa, queda no mercado consumidor, no turismo, e diminuição do poder econômico do imigrante árabe na Europa. População jovem e desempregada sem perspectiva.

Usa-se o termo primavera principalmente para revoltas contra governos autoritários.

Analogia por ser um movimento espontâneo que busca renovação.

### **Surge na Europa com a Primavera dos Povos.**

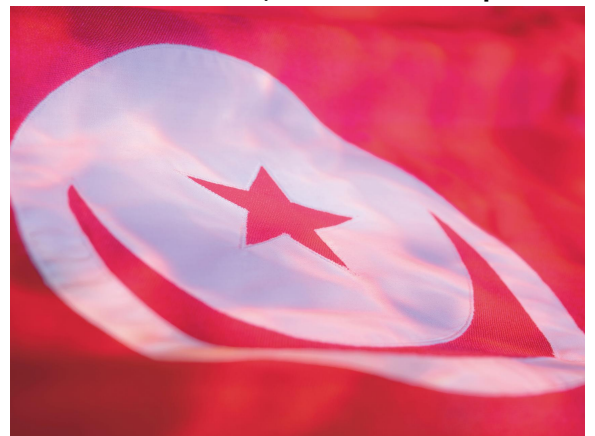
Os governos do mundo árabe desenvolveram uma relação autoritária apoiados pelos seus ex colonizadores, visto a transição negociada, para que a metrópole não perdesse seus investimentos.

- **Metrópole apoia um grupo autoritário em troca desses favores. As potências da Guerra Fria também trocam favores em troca de benefício das áreas de influência.**
- **Consequências: economias dependentes das suas ex metrópoles.**
- **Estrutura subdesenvolvida, autoritária e dependente.**

### **CRISE EXPLODE NA TUNÍSIA.**

O estopim que marcou o início dessa revolução foi o episódio envolvendo o jovem Mohamed Bouazizi, que vivia com sua família através da venda de frutas e que teve os seus produtos confiscados pela polícia por se recusar a pagar propina. Extremamente revoltado com essa situação,

Bouazizi ateou fogo em seu próprio corpo, marcando um evento que abalou a população de todo o país e que fomentou a concretização da revolta popular.



O GLOBO

Depois da Primavera Árabe, Tunísia está entre a esperança e o medo

Berço do movimento que depôs ditadores, país enfrenta insegurança, crise e extremismo

Sandro Fernandes e Especial para O GLOBO  
03/01/2016 - 06:00



Eleição presidencial testa a Tunísia, única democracia a emergir da Primavera Árabe

Crise econômica e tendência à radicalização desafiam os 26 candidatos que disputam o segundo pleito da história do país





JULHO DE 2020 | EDIÇÃO 2

# NAJU, ME ATUALIZA!

## CRISE DA SÍRIA:



### Contexto

**Começa com a Primavera Árabe**, o governo opta pela repressão e vira guerra civil.

- População dividida em curdos e árabes, população dividida em religiões:  
Governo joga com o medo da ascensão dos sunitas e consegue a neutralidade dos outros grupos minoritários.
- Governo sírio que conseguiu retomar quase todos os territórios ocupados.  
Maior fluxo de refugiados do mundo
- Rússia, Hezbollah, Irã e Turquia apoiam a Síria.  
Vale lembrar: **o conflito sírio passou a funcionar na lógica da Guerra Fria, Estados Unidos de um lado, Rússia de outro. As potências medem forças por meios de atores locais, e essa internacionalização do conflito sírio levou à uma das maiores tragédias humanitárias do mundo.**  
A crise migratória provocou na Europa um grande impacto político, dando combustível a extrema direita nacionalista. Usou da xenofobia uma bandeira.

## CRONOLOGIA GUERRA DA SÍRIA:

### • Julho de 2011

Milhares de manifestantes voltaram às ruas e foram reprimidos pelas forças de segurança de Bashar al-Assad.

### • Julho de 2012

Os combates chegam a Aleppo, a maior cidade do país, antes do conflito. A maioria sunita passa a se manifestar. Cresce a importância do grupo jihadista Estado Islâmico, dentro da guerra.

### • Junho de 2013

A ONU anuncia que 90 mil pessoas morreram até aquela data como resultado dos conflitos.

### • Agosto de 2013

Centenas morrem após um foguete despejar um agente químico nos subúrbios de Damasco. O governo culpa os rebeldes.

### • Junho de 2014

O Estado Islâmico toma o controle de parte da Síria e do Iraque e proclama a criação de um califado, porém os ataques cessam quando os Estados Unidos ameaçam intervir no conflito.

### • Abril a Julho de 2014

A OPAQ (Organização para a Proibição de Armas Químicas) registra o uso sistemático de armas químicas.

### • Setembro de 2014

A coalizão internacional liderada pelos Estados Unidos lança um ataque aéreo contra a Síria. A Rússia inicia ataques aéreos e é acusada de matar rebeldes e civis com apoio do ocidente. Surgem as alianças políticas, como a Coalizão Nacional da Síria Revolucionária e das Forças de Oposição.

### • Agosto de 2015

Combatentes do Estado Islâmico promovem assassinatos em massa, a maioria por decapitação. O Estado Islâmico usa armas químicas na cidade de Marea.

### • Março de 2016

As forças de Al-Assad reconquistam a cidade de Palmira das mãos do Estado Islâmico. Durante todo o ano de 2016 são feitas algumas reuniões entre as partes beligerantes a fim de alcançar a paz.

### • Setembro de 2016

As forças russas e exército sírio bombardeiam Aleppo e reconquistam. A batalha pela cidade durou quatro anos e se tratava de um ponto estratégico importante, pois é a segunda cidade mais importante do país.



- **Janeiro de 2017**

Começam as negociações que serão conhecidas como o "Processo de Astana" quando vários atores da guerra tentam negociar um cessar-fogo. O Acordo de Astana foi ratificado apenas por Rússia, Irã e Turquia, não sendo ratificado pelo governo sírio ou a oposição no exílio.

- **Abril de 2017**

O Exército sírio lança um ataque com gás sarin à população civil da cidade de Khan Shaykhun, no dia 4 de abril, deixando uma centena de mortos. Como resposta, pela primeira vez, os Estados Unidos atacam diretamente a base síria d'Al-Chaayrate lançando mísseis.

Setembro de 2017

As Forças Democráticas Sírias e o Estado Islâmico travam uma luta pela posse zona de Deir ez-Zor, rica em petróleo. A batalha segue em curso.

- **Fevereiro de 2018**

Em 18 de fevereiro de 2018, o exército de Bashar al-Assad, passou a atacar violentamente a região de Ghouta, reduto que lhe faz oposição. Estima-se que mais de 300 pessoas foram mortas durante o bombardeio. Em 24 de fevereiro de 2018, a ONU decretou uma pausa humanitária a fim de fazer entrar um comboio na zona conflitiva de Guta Oriental. Igualmente, o presidente russo Vladimir Putin, determinou uma pausa de cinco horas. O objetivo era entregar remédios, roupas e alimentos para os civis, cerca de 400 mil que estavam entre os dois exércitos combatentes. O cessar-fogo, porém, não foi respeitada por nenhum dos lados, e mais mortes ocorreram.

- **Abril de 2018**

Na primeira semana de abril, um ataque com armas químicas foi efetuado na localidade de Jan Sheijun. Ainda que não se soube com certeza se foram os russos ou o exército de Bashar al-Assad que usou este armamento, o ataque provocou uma reação imediata de França, Estados Unidos e Reino Unido. Desta maneira, os três países se uniram para revidar no dia 13 de abril, bombardeando a região de Duma. A Rússia também está realizando um trabalho enorme de desinformação, espalhando notícias falsas pelas redes sociais e blogs, a fim de desqualificar a ajuda ocidental.

- **Junho de 2018**

Um grupo de 800 sírios que estavam refugiados no Líbano resolveram voltar para seu país. Um mês depois, outro contingente de 900 pessoas fazia o mesmo.

- **Outubro de 2019**

O presidente americano Donald Trump anuncia a retirada das tropas americanas no norte da Turquia. Imediatamente, o presidente deste país, Recep Tayyip Erdogan, inicia o ataque aos curdos, alegando que os mesmos atentavam contra a soberania turca.



NEWS | BRASIL

**Assad acusa EUA de roubarem petróleo da Síria; afinal, quem se beneficia da produção do país?**



# NAJU, ME ATUALIZA!

## LÍBIA

### Contexto



#### Líbia: (ex-colônia italiana)

- Rivalidade entre leste e oeste.
- Idris derrubado, ascende ao poder Kadafi.
- Kadafi: Anti ocidental, pan arabista, apoiou terrorismo político ao ocidente.
- Líbia dividida e explode uma revolta em Benghazi,
- Kadafi ataca fortemente,
- Otan defende os rebeldes contra o Kadafi.
- Com isso, a OTAN, **tratado militar criado pelos Estados Unidos**, organizou uma coalizão contra o regime de Kadhafi, liderada por norte-americanos, ingleses e franceses. Foi nítido o interesse dos europeus em romper com o até então bem quisto Muamar Kadhafi no intuito de manter seus acordos comerciais (a Líbia é um importante fornecedor de petróleo para a Europa).
- Entre os meses de fevereiro e agosto de 2011 ao menos 50 mil pessoas morreram, em uma situação típica de guerra civil. Kadhafi recebeu sanções internacionais e foi condenado pelo Tribunal Penal Internacional por crimes contra a humanidade, quando ocorrem violações contra os direitos humanos, massacres, estupros e demais atrocidades. O ditador anunciou que resistiria até o fim, mas seu paradeiro, ao final de agosto, era desconhecido assim que os rebeldes tomaram Trípoli e começaram a retomar a produção de petróleo de algumas áreas que estavam imobilizadas. Pouco depois, em outubro, Kadhafi foi morto e seu corpo exposto para visitas.
- Os rebeldes não tinham um projeto e com a queda de Kadafi o país entra em declínio.  
*Não basta derrubar um ditador, é necessário tem um plano, poi, na ausência de um Estado forte, poderes paralelos surgem e dominam.*

#### Corredor de imigrantes para a Europa.

- Em fevereiro de 2012 foram realizadas eleições municipais e em julho de 2012 as primeiras eleições parlamentares desde 1964, que apontaram para a vitória dos liberais do partido Aliança Força Nacional e o afastamento das facções islâmicas da liderança do parlamento líbio.

### Em 2019, o país volta aos noticiários. Por que a Líbia volta a ser tomada pela guerra civil



A Líbia foi destruída por uma série de conflitos desde a derrubada de Kadafi em 2011. Desde então dezenas de milícias operam no país. O Governo de Unidade Nacional (GNA) foi criado durante negociações em 2015, mas tem lutado para assegurar o controle nacional.

Recentemente houve uma polarização na disputa de poder: parte se aliou ao GNA, apoiada pela ONU, sediada em Trípoli, e outra ao ENL, do general Haftar, que tem força no leste da Líbia e recebe apoio do Egito e dos Emirados Árabes Unidos.

Haftar é parte do cenário político líbio há quatro décadas. Sua ascensão política e militar teve um salto em 1969, quando ele ajudou o coronel Gaddafi a tomar o poder do rei Idris. Ele subiu na hierarquia das Forças Armadas até os anos 1980, quando liderava as forças líbias em um conflito no Chade e acabou derrotado, preso e abandonado por Kadafi.

Haftar se exilou nos EUA, onde se aproximou das tentativas americanas de derrubar o mandatário líbio. Em 2011, ele retornou à Líbia durante a guerra civil que levaria à queda e morte de Kadafi - e no rescaldo se apresentou como o principal oponente de milícias islâmicas no leste da Líbia.

Por três anos ele lutou contra diversos grupos, incluindo os alinhados à al-Qaeda, na cidade de Benghazi. Mas seus críticos acusaram-no de rotular de "terrorista" qualquer pessoa que desafie sua autoridade.

Em 2015, o Parlamento eleito o nomeou como líder do Exército Nacional Líbio.

Depois de tomar o controle de Benghazi, ele voltou suas atenções para o cargo mais alto do país.

Mas um de seus principais obstáculos é uma cláusula no acordo intermediado pela ONU que impede que uma figura militar assuma o cargo político.

Em janeiro de 2019, suas forças lançaram uma ofensiva para tomar dois campos de petróleo no sul do país. Estima-se que ele controle a maior parte das reservas de petróleo da Líbia.



### Ele tem apoio internacional?

Sim, há muito tempo. Haftar tem o apoio do Egito e dos Emirados Árabes Unidos - e fez uma visita à Arábia Saudita uma semana antes de lançar a ofensiva em Trípoli.

O general Haftar fez várias viagens à Rússia, foi recebido em um porta-aviões russo na Líbia e no domingo a Rússia vetou uma declaração do Conselho de Segurança da ONU condenando seu avanço sobre Trípoli.

A França, que assumiu um papel de mediação, negou tomar partido apesar das suspeitas sobre sua relação com o general. **O presidente francês, Emmanuel Macron, foi o primeiro líder ocidental a convidá-lo para a Europa em conversações de paz,** e a França lançou ataques aéreos em apoio às forças do general Haftar em fevereiro.

Eles atacaram as forças da oposição chadiana que lutavam contra o ENL no sul.

Observadores dizem que a participação de Haftar em conversas na França, Itália e Emirados Árabes Unidos buscava mais posicioná-lo no cenário internacional do que buscar um acordo.

### A maioria das nações ocidentais apoia o governo de unidade.

Desde a ofensiva em Trípoli, a ONU, os EUA e a União Europeia pediram a interrupção imediata dos combates e das negociações que envolvem Haftar.

Analistas dizem que Haftar pode ter feito esse movimento porque a ONU anunciou uma "conferência nacional" na cidade líbia de Ghadames, que foi realizada entre 14 e 16 de abril de 2019, para discutir com comunidades locais um roteiro para eleições no país.

Com mais território sob seu controle, Haftar pode sentir que tem à mão algo mais forte que qualquer mesa de negociação. Em entrevista em abril de 2016, o presidente americano Barack Obama disse que o pior erro de seu governo foi não ter preparado o terreno para a sucessão de Kadafi.

## NOTÍCIAS

Intervenção estrangeira é 'a última coisa que a Líbia precisa', diz ONU

**Em guerra civil, Líbia vê  
esfacelamento econômico e 20%  
da população precisando de  
ajuda humanitária**







# NAJU, ME ATUALIZA!

## ÊMEN

- O Iêmen é um país árabe que está localizado, mais precisamente, na península arábica.
- Sua capital e cidade mais populosa se chama Sana'a. Por conta de sua localização, é um país de **grande importância estratégica**, pois está situado em uma importante rota comercial de petróleo, de modo que os navios petroleiros da região precisam passar por ele.



Grande parte da população na região é de etnia árabe e religião muçulmana, só que dentro da religião muçulmana, existem duas diferentes vertentes: **os Xiitas e os Sunitas**.

Os Sunitas compõem a grande maioria da península arábica, sendo da vertente Xiita apenas três países dos arredores: Iraque, Irã e o Bahrein.

### Primavera chega ao Iêmen

O movimento chegou no Iêmen atingindo Ali Abdullah Saleh, que acabou sendo deposto pelo movimento. Após a saída de Ali Abdullah Saleh, e logo depois, sua morte, o controle no Iêmen fica nas mãos do seu vice, Abd Rabbuh Mansur Al-Hadi.

Contudo, o atual presidente, Abd Rabbuh, se identificava com a vertente Sunita e esse fato acabou por causar um conflito entre os Sunitas e os Xiitas. Desse modo, a minoria Xiita, que se autointitula "Hutis" (Houthis), começa uma série de movimentos contra o atual presidente.

- Assim, em **Julho de 2014**, os Hutis deram início a sua ofensiva visando o controle da cidade de Sana'a.
- Em **21 de Setembro** os Hutis conseguem o comando de Saana'a.
- Em **20 de janeiro de 2015**, após novos combates, os Hutis se apoderam do Palácio Presidencial em Sanaa e cercam a residência do presidente Abd Rabbuh Mansur Hadi.
- O presidente então foge para Áde, uma cidade que fica ao Sul do Iêmen - e, conseqüentemente, os **Hutis conseguem o controle da sede do governo e da rádio estatal**. Contudo, lembremos que os Sunitas constituem maioria, assim, os **Xiitas contaram com a ajuda do Irã**, que é um dos países vizinhos do Iêmen e possui população de maioria Xiita, similar ao grupo Hutis. A medida que o Irã passou a apoiar os Xiitas, a **Árabia Saudita, também vizinha do Iêmen, passou a apoiar os Sunitas**, vertente de maior apelo popular na região.
- No dia **26 de Março de 2015**, a Arábia Saudita e seus aliados põem em prática uma intervenção saudita no Iêmen, apoiada por outros países - como Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Bahrein, Sudão, Egito, Jordânia, Marrocos, e, até 2017, Catar -, que passam a formar a "Coalizão Saudita" - também chamada de Operação Renewal of Hope (ORH).
- A primeira operação da Coalizão é chamada de "Operação Decisive Storm" e seu principal objetivo foi restabelecer Hadi como presidente e controlar o avanço dos Houthis sobre Áde, a cidade ao Sul, a qual o presidente Abd Rabo Mansur Hadi se abrigou, por meio de ataques e bloqueios aéreos e navais. Os ataques, logo nas primeiras semanas, atingiram o seu objetivo de neutralizar o exército Hutis. No dia 21 de abril de 2015, 28 dias após o início da "Operação Decisive Storm", a coalizão saudita declarou que, devido ao sucesso dos ataques, a operação seria substituída por outra, a chamada "Operação Renewal of Hope", que está em vigor até hoje. Os ataques aéreos continuam sendo o foco principal da coalizão, e culminou na "Operação Golden Arrow", uma operação liderada por forças dos Emirados Árabes Unidos e do exército do Iêmen, que retomou o controle da cidade portuária de Áde.

Mediante diversos ataques dos dois lados, o conflito se intensificou ainda mais no ano de 2015, quando os Hutiis promoveram um ataque a míssil contra a capital e mais populosa cidade da Arábia Saudita, Riad.

A Arábia Saudita respondeu com um **bloqueio marítimo**, terrestre e aéreo no Iêmen, que foi aprovado pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas.

O bloqueio logo se estendeu aos outros portos controlados pelos Hutiis e agravou o caos humanitário vivenciado por milhões de iemenitas, restringindo inclusive os carregamentos das Nações Unidas, para ajuda humanitária. Após intensa crítica internacional, a Arábia Saudita levantou o bloqueio no final de 2017, aliviando parte da pressão humanitária, não mudando, no entanto, a **dependência das decisões políticas sauditas sobre a permissão do tráfego comercial e humanitário**.

### ALGUNS ACONTECIMENTOS QUE CHOCARAM O MUNDO

O conflito se estende até hoje e está provocando a pior crise humanitária do mundo, segundo a ONU, que estima em **14 milhões o número de mil feridos desde 2015**, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

No meio de 5 anos de guerra, alguns acontecimentos foram marcantes dentro desses anos de conflito e acabaram por chocar o mundo e escancarar a situação iemenita.

Um deles ocorreu no dia **7 de Julho de 2015**, quando grupos Sunitas apoiados pela Arábia Saudita atacaram um mercado na cidade de Harez, no nordeste do Iêmen deixando 33 mortos e 67 feridos.

Outro episódio marcante nesse conflito aconteceu no dia 11 de Agosto de 2018, quando a Arábia Saudita e seus aliados atacaram um ônibus que levava crianças na cidade de Sanaa. A tragédia ganhou tanta proporção que foi noticiada pelo jornal espanhol 'El País' e provocou uma reunião de emergência no Conselho de Segurança da ONU, para a discussão da situação no Iêmen.

### POSSÍVEL PONTO FINAL PARA GUERRA DO IÊMEN?

Em 30 de outubro de 2018, os Estados Unidos (um dos aliados da Arábia Saudita) pediram que se ponha um fim à guerra e em particular aos ataques aéreos da coalizão liderada pela Arábia Saudita.

Em 21 de novembro de 2018, o enviado da ONU, Martin Griffiths, começou consultas para manter diálogos de paz, além disso, o conselho de segurança da ONU aprovou, em 16 de Janeiro de 2019, a criação de uma missão da ONU no Iêmen, responsável por apoiar um acordo de cessar-fogo na cidade portuária de Hodeida, um dos pontos do conflito.

Atualmente, em torno de 20 profissionais no terreno inspecionam a suspensão das hostilidades, mas ainda não existe nenhum plano definitivo que prometa acabar de uma vez com este conflito, apesar de demonstrar intenção de cessar fogo, os diálogos e acordos ainda estão em andamento.

Fonte: Politize!

BBC Menu

NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

Por que há uma guerra no Iêmen e qual é o papel das potências internacionais



ESTADO DE MINAS Internacional

Entra em vigor trégua no Iêmen para proteger o país do coronavírus





JULHO DE 2020 | EDIÇÃO 2

# NAJU, ME ATUALIZA!

## CONFLITO EM MIANMAR - ONU DENUNCIA LIMPEZA ÉTNICA E DIÁSPORA DO POVO ROHINGYA.

Desde agosto de 2019, o exército de Mianmar (antiga Birmânia) luta contra rebeldes muçulmanos no noroeste do país asiático. A violência atingiu a população civil e provocou uma nova fuga da minoria muçulmana rohingya.

Segundo a ONU, a repressão militar contra o povo rohingya possui características de uma verdadeira limpeza étnica, tendo como consequências um êxodo em massa e um possível genocídio.

No início de dezembro, a organização Médicos Sem Fronteiras estimou que mais de 6 mil pessoas da etnia rohingya morreram entre agosto e setembro deste ano. A violência levou mais de 600 mil pessoas a fugir para o vizinho Bangladesh.

A crise começou no fim de agosto, quando os rebeldes do **Exército de Salvação Rohingya de Arakan (ARSA, na sigla em inglês)**, que afirmam defender os direitos da minoria muçulmana, atacaram dezenas de delegacias de polícia.

Como resposta, o exército birmanês realizou uma violenta campanha de repressão.

A Birmânia considera o ARSA uma organização terrorista. Apesar de sua recente fundação (o primeiro registro de atuação é de 2013), o grupo armado já é responsável por alguns ataques de pequena escala e suspeita-se que tenha vínculos com grupos fundamentalistas islâmicos.

### Minoria sem pátria

O Mianmar é um país de maioria budista (90% da população de 60 milhões segue a religião). A etnia rohingya é uma minoria muçulmana que vive em Rakhine, uma área pobre e remota do país.

A origem da etnia rohingya ainda é incerta e gera controvérsias. Eles se autodeclararam um povo tradicional ou indígena e possuem um dialeto próprio.

Outros apontam que, na verdade, são muçulmanos de origem bengali que migraram para Mianmar durante a colonização britânica.

Durante a independência do país, em 1948, muitos rohingya foram considerados cidadãos birmaneses.

A partir de 1962, a Junta Militar que governou o país começou a cortar os direitos da comunidade. Em 1982, com a Lei de Cidadania, os rohingya tiveram a nacionalidade birmanesa negada e **hoje constituem a maior população apátrida do mundo.**

Essa condição os coloca à margem de muitos direitos de cidadãos como ter acesso a escolas, votar, usar hospitais e direitos no mercado de trabalho. Eles também não têm o direito de possuir terra ou propriedades e são proibidos de viajar sem permissão. Há décadas essa minoria é vítima de perseguição e desconfiança.

Tanto que a população rohingya possui um histórico de imigração para países como Bangladesh, Arábia Saudita e Índia. Nos últimos anos, o avanço do nacionalismo budista aumentou a hostilidade e a discriminação.

Para o líder budista Ashin Wirathu, os rohingyas devem ser expulsos do país porque são "imigrantes ilegais trazidos pelo Império britânico" e protagonistas de "uma invasão muçulmana".

Em vídeos, monges radicais se referem à etnia como "cobras" e "piores que cachorros". Em 2012, grupos budistas extremistas atacaram comunidades rohingya no Estado de Rakhine. A população rohingya acusou as autoridades birmanesas de não agir para defendê-los. Como consequência, 100 mil pessoas ficaram desabrigadas.

## ÊXODO, VIOLÊNCIA E ESTUPROS

A atuação do exército birmanês tem sido criticada pela ONU e por organizações humanitárias. Para o alto comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Zeid Ra'ad Al-Husseini, a tese da repressão dos rebeldes não se sustenta, pois existem provas de que os civis foram claramente o alvo. "Há indícios creíveis de que esta campanha de violência foi levada a cabo contra os rohingyas precisamente porque eram rohingyas, na sua base étnica e religiosa, e possivelmente baseado em ambos", declarou. Um recente relatório da ONU concluiu que existe uma operação sistemática para expulsar definitivamente a população da região.

"Os ataques brutais contra os rohingyas na parte setentrional do estado de Rakhine foram organizados, coordenados e sistemáticos, com a intenção não apenas de expulsar a população de Mianmar, mas também de impedir seu retorno para casa", conclui o relatório.

As conclusões da investigação da ONU apontam abusos destinados a "incutir um medo profundo e maciço" entre a população rohingya. Os relatos de refugiados contam que militares incendiaram vilarejos, espalharam minas terrestres na fronteira com Bangladesh, realizaram assassinatos em massa de civis e estupros contra mulheres e meninas.

ONGs de direitos humanos relatam que a violência sexual se tornou uma arma sistemática e premeditada do Exército na campanha de limpeza étnica. Além da violência, mulheres desapareceram de vilas, possivelmente vítimas de tráfico sexual. Os ataques também acontecem com o apoio de grupos budistas armados do estado de Rakhine.

Segundo a ONU, "em alguns casos, antes e durante os ataques, megafones foram usados para anunciar: 'Você não é daqui - vá para Bangladesh. Se você não for, vamos queimar sua casa e matá-lo'".

O governo birmanês nega todas as acusações de assassinatos e estupros e declarou que a ação do Exército foi uma resposta proporcional aos ataques do ARSA.

O governo também afirma que os incêndios de vilas estão sendo provocados pela própria população. O êxodo em massa da população rohingya nos últimos dias não tem precedentes.

Segundo a ONU, esse é o êxodo mais rápido de pessoas desde o genocídio de Ruanda, que ocorreu em 1994. Antes da explosão da violência, quase um milhão de muçulmanos rohingyas viviam em Mianmar, muitos deles há várias gerações.

Desde agosto, metade dessa comunidade muçumana fugiu para Bangladesh e milhares de pessoas estariam a caminho do país vizinho. Além de cruzarem a fronteira a pé, os refugiados também tentam fugir pelo rio Naf, que estabelece a fronteira entre Bangladesh e o extremo sudeste de Mianmar.

Prevê-se que a população total desses assentamentos em breve superará um milhão.

Segundo a Unicef, cerca de 60% dos novos refugiados são crianças. Bangladesh mantém uma política de acolhimento aos refugiados. Não há previsão de que os acampamentos sejam desmantelados nos próximos meses, apesar de um acordo de repatriação já assinado entre os Governos de Mianmar e Bangladesh.

## O SILÊNCIO DE AUNG SAN SUU KYI

A birmanesa Aung San Suu Kyi é considerada a principal líder do país. Ela é conhecida no mundo por ser ganhadora do Nobel da Paz em 1991, sendo apelidada de a "Mandela da Ásia". Durante 50 anos Mianmar foi uma ditadura militar e ela se tornou símbolo da luta democrática no país, tendo também ganhado reconhecimento internacional pela defesa dos direitos humanos.

Suu Kyi é a atual ministra de Relações Exteriores de Mianmar e tem sido muito criticada no exterior por seu silêncio sobre o destino da minoria rohingya. Para a líder, existe um "grande iceberg de desinformação" que, segundo ela, dá uma visão equivocada da crise. Aung San Suu Kyi defende a ação do Exército e rejeita a acusação de genocídio.



**Mianmar: Como ativista Nobel da Paz se tornou defensora de país acusado na ONU de limpeza étnica**





JULHO DE 2020 | EDIÇÃO 2

# NAJU, ME ATUALIZA!

## GUERRA DO GOLFO COMPLETA 30 ANOS

A Guerra do Golfo foi um conflito que aconteceu entre os Estados Unidos (liderando forças internacionais) contra o Iraque no começo de 1991. O ataque americano foi consequência da invasão do Kuwait pelo exército iraquiano em 1990. Essa guerra ficou internacionalmente conhecida por causa das imagens do conflito que foram transmitidas em **tempo real pela cadeia televisiva dos Estados Unidos**.

### Causas da Guerra do Golfo

A invasão do Kuwait pelo Iraque foi consequência da insatisfação do governo iraquiano com determinadas ações do governo do Kuwait. Para entendermos os motivos que levaram os Estados Unidos a atacar o Iraque, é necessário primeiramente entender as razões que levaram o Iraque a invadir o Kuwait a partir de 2 de agosto de 1990.

O contexto da invasão do Kuwait na data citada remonta a acontecimentos da década de 1980 relacionados com a Guerra Irã-Iraque. Esse conflito foi travado entre as duas nações entre 1980 e 1988, e o ataque do Iraque ao Irã fazia parte dos interesses internacionais, que usaram o Iraque como instrumento para barrar o avanço da Revolução Islâmica, que havia acontecido no Irã em 1979.

Durante essa guerra, os iraquianos tiveram apoio dos Estados Unidos (o grande interessado em enfraquecer o Irã) e da Arábia Saudita e Kuwait (estes emprestaram grandes somas de dinheiro ao país governado por Saddam Hussein). Esse amplo apoio internacional impediu que os iraquianos fossem derrotados, e a guerra foi encerrada em um status quo ante bellum, ou seja, em um empate.

Acontece que, após a guerra, a economia iraquiana estava em crise e era necessário aumentar a arrecadação do país. A maior fonte de renda do Iraque era a venda de petróleo, porém, o valor do barril era considerado baixo pelo governo iraquiano. Em janeiro de 1990, o barril de petróleo era vendido a 21 dólares. Em meados do mesmo ano, o barril já era vendido a 11 dólares.

O governo iraquiano acusava o governo kuwaitiano de ser o grande responsável pela redução no valor do barril por vender (e extrair) petróleo acima das cotas estabelecidas pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Além disso, o governo do Iraque acusava o Kuwait de extrair petróleo de poços muito próximos da fronteira entre os dois países. No entanto, o fator que causou profunda irritação em Saddam Hussein em relação ao Kuwait foi o fato de que os kuwaitianos passaram a cobrar a devolução dos empréstimos cedidos durante os anos da Guerra Irã-Iraque. Saddam Hussein considerava isso inaceitável, pois julgava que o esforço do Iraque na guerra contra o Irã também havia servido aos interesses do Kuwait. Tendo em vista esses fatores, Saddam Hussein desenvolveu um discurso hostil em relação ao Kuwait. O ditador iraquiano defendia a ideia de que a pequena nação vizinha era "historicamente território iraquiano" e que deveria ser a 19ª província do Iraque. A invasão do Kuwait foi iniciada a partir de 2 de agosto de 1990.

A decisão de Saddam Hussein é vista pelos historiadores como um erro estratégico, pois o governo iraquiano não havia considerado que os Estados Unidos jamais permitiriam o fortalecimento de um país que poderia ameaçar a soberania da Arábia Saudita, o grande aliado dos americanos no Oriente Médio. Além disso, a invasão do Kuwait tornaria o Iraque um dos países com as maiores reservas de petróleo do mundo, algo que também não receberia o aval americano.

### Consequências

Após invadir o Kuwait, as forças iraquianas conquistaram rapidamente o país, principalmente porque o exército iraquiano era um dos maiores do mundo (por causa dos anos de guerra contra o Irã). Com a invasão, a família real kuwaitiana foi obrigada a fugir e estabelecer-se em Riad, capital da Arábia Saudita.



JULHO DE 2020 | EDIÇÃO 2

# NAJU, ME ATUALIZA!

## GUERRA DO GOLFO COMPLETA 30 ANOS

A invasão do Kuwait gerou uma reação internacional imediata e, no mesmo dia da invasão, o Conselho de Segurança da ONU divulgou a Resolução 660, que condenava a invasão coordenada pelos iraquianos e ordenava que as tropas do Iraque abandonassem o Kuwait de imediato. A continuidade das forças iraquianas no Kuwait resultou no desembarque de tropas americanas e britânicas na Arábia Saudita.

As tropas americanas e britânicas instaladas na Arábia Saudita foram colocadas propositadamente para impedir uma possível invasão daquele país pelas tropas iraquianas. Em 29 de novembro de 1990, o Conselho de Segurança da ONU emitiu uma nova resolução contra o Iraque (Resolução 678). Nesta, a ONU estabelecia que as tropas iraquianas se retirassem do Kuwait até o dia 15 de janeiro de 1991.

Como o governo iraquiano seguiu ignorando as determinações do Conselho de Segurança da ONU, uma coalizão internacional liderada pelos Estados Unidos resolveu agir. A partir do dia 17 de janeiro de 1991, foram iniciados ataques aéreos contra o Iraque. Os ataques visavam a locais estratégicos e estenderam-se ao longo de 42 dias.

As imagens dos ataques aéreos ficaram internacionalmente conhecidas porque foram transmitidas em tempo real pela rede de televisão dos Estados Unidos. Os ataques atingiram locais estratégicos utilizados pelo exército iraquiano, como locais de produção de armas, centros de comando do exército iraquiano, infraestrutura de comunicação etc.

A campanha aérea foi substituída por uma campanha terrestre, iniciada no dia 24 de fevereiro de 1991. As forças internacionais foram lideradas pelo general americano Norman Schwarzkopf, e a ação militar por terra estendeu-se por 100 horas. Por causa do seu despreparo, o exército iraquiano rapidamente foi derrotado.

A partir daí, iniciou uma fuga, retornando para o território iraquiano. As últimas tropas iraquianas saíram do Kuwait no dia 28 de fevereiro de 1991 e, nesse mesmo dia, os Estados Unidos encerraram a ofensiva militar e a Guerra do Golfo. A ação do governo americano contrariou aqueles que esperavam que o país conduzisse suas tropas para dentro do solo iraquiano com o objetivo de derrubar Saddam Hussein – mas isso só aconteceu doze anos depois.

A Guerra do Golfo de 1990-1991 é vista por alguns estudiosos como a primeira parte de um conflito entre os Estados Unidos e o Iraque, e a invasão de 2003 é vista como uma segunda parte. Esses estudiosos classificam as guerras como Primeira (1990-1991) e Segunda (2003) Guerra do Golfo. Outros estudiosos não concordam com essa classificação, argumentando que as causas de ambas as guerras foram completamente distintas e não tinham ligação entre si.

**Fonte: História do mundo.**

AH MATÉRIAS NOTÍCIAS WEBSTORIES CURIOSIDADES BIOGRAFIAS CORONAVÍRUS ASSINE ANUNCIE

MATÉRIAS » GUERRAS

### GUERRA DO GOLFO: O FIM DO ÚLTIMO GRANDE CONFLITO DO SÉCULO 20

Neste dia, em 1991, acontecia o fim da primeira Guerra do Golfo — a batalha entre Iraque e Estados Unidos



## IRÃ, IRAQUE, SÍRIA, EUA, RÚSSIA: A HISTÓRIA DE LEALDADES E RIVALIDADES QUE EXPLICA A CRISE ATUAL

Convertido em palco de animosidades entre Irã e os Estados Unidos, o Iraque é hoje um exemplo de como a intrincada geopolítica do Oriente Médio produz inimigos e aliados circunstanciais — que podem se converter em oponentes irreconciliáveis tempos mais tarde — e leva a reações em cadeia em toda a região sempre que alguma ação chacoalha o instável equilíbrio de forças local

Em uma área de 7,2 milhões de quilômetros quadrados e com quase 300 milhões de habitantes, parte dos governos centrais têm pouca tradição ou domínio político e lideranças religiosas costumam exercer poder sobre territórios, populações e forças armadas. A região está dividida, majoritariamente, entre as vertentes do islamismo — **xiita ou sunita** —, do judaísmo e de minorias católicas ou zoroastras.

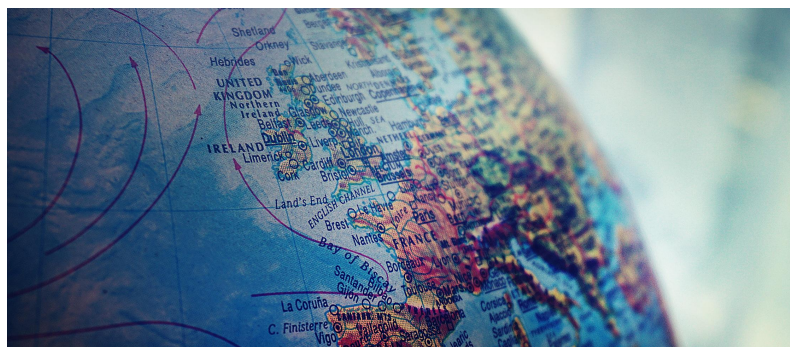
Há ainda as clivagens étnicas: árabes, persas, curdos, hebreus.

A composição de forças políticas depende especialmente desses dois fatores. Tudo isso sobre o subsolo mais rico em petróleo do mundo, o que torna a área de interesse para diferentes potências mundiais

### IRAQUE: FIM DA RELAÇÃO COM EUA, FORTALECIMENTO DA RELAÇÃO COM O IRÃ

O assassinato do general iraniano xiita Qassen Soleimani após um ataque aéreo americano no aeroporto internacional de Bagdá, capital iraquiana, no dia 3 de janeiro de 2020, levou o Parlamento do Iraque a aprovar a expulsão de tropas estrangeiras do país, dois dias mais tarde.

A medida tinha endereço certo: acabar com a ocupação americana em território iraquiano, que, com um curto intervalo entre 2011 e 2014, se arrasta desde 2003. "É a morte da relação entre Iraque e Estados Unidos", sentenciou a analista política Emma Sky, ex-assessora do general americano Raymond Odierno no Iraque, entre 2007 e 2010, em um artigo para a publicação *Foreign Affairs*. Se a relação entre Estados Unidos e Iraque está por um fio, a morte de Soleimani parece ter fortalecido ainda mais a ligação entre Irã e Iraque, antigos inimigos regionais.



"O **Irã e o Iraque** historicamente são rivais, antes da revolução islâmica e depois dela. Em 1980, o Iraque invadiu o Irã, em uma guerra que durou oito anos. E mesmo depois de negociado o cessar-fogo, o relacionamento era explosivo. Tudo isso mudou com a invasão do Iraque em 2003 pelo governo Bush, removendo Saddam Hussein e o aparato de segurança sunita do ditador", afirmou Malloney.

Há 16 anos, ainda sob forte impacto dos ataques de 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos justificaram a necessidade da invasão do Iraque com base na suposta proximidade entre o então ditador Saddam Hussein, do partido árabe Baath, e líderes do grupo de radicais islâmicos sunitas Al-Qaeda, responsáveis pela organização dos atos contra os americanos. O então presidente dos EUA, George W. Bush, também afirmou que Saddam detinha armas de destruição em massa e que era uma ameaça aos EUA e seus aliados. Nada disso ficou comprovado com o decorrer do conflito.

Treze anos mais tarde, Saddam e os americanos viveram o capítulo final de sua disputa. Com a invasão, o ditador foi apeado do poder (e 3 anos mais tarde condenado à morte), assim como seu partido, o Baath.

### AMERICANOS NO PODER NO IRAQUE: INÍCIO DO SECTARISMO CONTRA SUNITAS

Enquanto estavam no comando no Iraque, entre 2003 e 2005, os americanos atuaram para diminuir o poder e desmoralizar os sunitas, grupo do qual Saddam Hussein fazia parte. A prisão de Abu Graib, um enclave de sunitas no território iraquiano, se tornou mundialmente famosa depois da divulgação de registros de tortura e humilhações de soldados americanos contra jovens homens sunitas, em 2004. Os sunitas representam cerca de um terço da população do Iraque.

"A invasão dos Estados Unidos criou um vácuo de poder, que foi rapidamente preenchido por políticos e forças de segurança xiitas, muitos dos quais mantinham relações de longa data com os oficiais e o governo iraniano. E desde então, o Irã teve um relacionamento individual muito próximo com vários líderes e esteve muito envolvido, tanto diplomaticamente quanto em termos de definição de políticas internas de comércio e segurança do Iraque", explica Malloney.

Um dos principais nomes a emergir como lideranças nesse cenário foi o do xiita Nauri Al-Maliki. Histórico opositor de Saddam Hussein, Maliki chegou a ser condenado à morte pelo regime anterior e, fugindo da sentença, passou anos exilado tanto no Irã e na Síria, de onde comandava uma rede de oposição a Saddam.

De volta ao Iraque, Maliki foi capaz de galvanizar tanto o apoio dos americanos quanto dos iranianos para se consolidar como primeiro ministro do Iraque, entre 2006 e 2014 — um feito, considerando-se que Irã e Estados Unidos são declaradamente inimigos há 40 anos, desde que o governo pró-ocidente do xá Reza Pahlevi foi derrubado pela revolução islâmica xiita dos aiatolás, que seguem no comando do Irã até hoje.

### COMO NASCE O ESTADO ISLÂMICO

Em 2010, havia forte otimismo no Iraque. Al-Maliki vencia a reeleição como primeiro-ministro, embora a maioria do Parlamento fosse sunita, do partido Iraqiya. Os curdos também compunham a gestão, em uma concertação dos americanos para tentar reconciliar o país, que sofria com o sectarismo desde a sua independência, em 1932. Em 2011, com a perspectiva de pacificação do país, todas as tropas americanas deixaram o Iraque.

Rapidamente, no entanto, Al-Maliki começou a colocar em prática uma política sectarista em relação aos sunitas: ele é acusado de ter retirado de qualquer posto público de trabalho cerca de 100 mil sunitas. Até mesmo professores de escola pública acabaram demitidos por serem sunitas. Diante de protestos, o governo iraquiano respondeu com violência policial e se aliou a milícias xiitas, que passaram a exercer poder sobre a população.

A perseguição do governo abriu espaço para que, dos escombros da Al-Qaeda desmembrada anos antes pelos americanos, surgisse um novo grupo, radical e violento, e que prometia defender os interesses dos sunitas na região: o Estado Islâmico. De acordo com o jornal Washington Post, o Estado Islâmico estava longe de ser uma exceção: a situação fomentou a emergência de cerca de 50 grupos armados na região. "A perseguição de Maliki tornou a propaganda política do Estado Islâmico real e acertada", afirmou ao Vox Michael Knights, especialista em ações militares no Oriente Médio do Washington Institute for Near East Policy.

Por ao menos 3 anos, Maliki e sua política sectária contaram com a anuência dos americanos, que só retiraram formalmente seu apoio em 2014. Àquela altura, o Estado Islâmico já controlava um terço do território iraquiano e já tinha migrado também para a Síria.



### NA SÍRIA: RÚSSIA, IRÃ E ESTADOS UNIDOS CONTRA O ESTADO ISLÂMICO

Na Síria, desde 2011, o ditador Bashar Al Assad tentava conter uma insurgência contra seu regime, iniciado no bojo da chamada Primavera Árabe, quando a população de países no Oriente Médio e do norte da África se levantaram contra seus governos

Assad e sua família comandam a Síria desde 1970 e se converteram no aliado mais longo dos iranianos na região. As manifestações contra ele rapidamente derivaram para a violência e se iniciou uma guerra civil. No início do conflito, os Estados Unidos teriam apoiado os rebeldes com recursos não militares.

"A Síria se tornou um aliado iraniano por causa de seus próprios antagonismos com outros países árabes. Essa relação se aprofundou durante a guerra entre Irã e Iraque. Por muitos anos, a Síria foi o único país árabe que teve um bom relacionamento com o Irã. Por esse motivo, há muita lealdade entre os dois governos, e é por isso que os iranianos ficaram muito nervosos quando a revolução popular estourou na Síria e começaram a procurar ajudar Bashar Assad na repressão dos manifestantes", afirma Malloney.

Com o passar dos anos e o surgimento do Estado Islâmico, de acordo com Malloney, "coube a Soleimani o estabelecimento de vários grupos de milícias, recrutados entre partidários xiitas no sul da Ásia, no Afeganistão ou no Paquistão, e enviados para lutar na Síria".

Em 2015, quando Bashar Al Assad decide pedir formalmente ajuda à Rússia para sustentar seu governo, é Soleimani quem vai a Moscou discutir com os generais de Vladimir Putin como serão feitos os ataques aéreos russos contra rebeldes sírios ou do EI. "Por muitos anos, a Rússia buscou o controle de um porto para acessar recursos em todo o Oriente Médio. Os russos vinham trabalhando em vários esquemas diferentes para tentar desenvolver alianças com as potências do mundo árabe. A Síria era um lugar onde os russos haviam estabelecido a presença militar no passado e foi reativado pelo presidente Putin. A guerra civil foi um momento propício para restabelecer a Rússia como um poder regional", diz Malloney.



Já os Estados Unidos começam a fazer ataques contra o Estado Islâmico na Síria a partir do fim de 2014, quando também voltaram ao Iraque. Os americanos agiram em conjunto com seus aliados na região: Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Jordânia, Catar e Bahrein. Apenas em 2017 os Estados Unidos admitiram ter feito ataques para tentar derrubar o regime de Assad.

## EUA E IRÃ: VELHOS INIMIGOS, PARCEIROS EVENTUAIS

Em 2014, quando os Estados Unidos voltaram a enviar tropas ao Iraque para combater o Estado Islâmico, os americanos contaram com o Irã para chegar à vitória. Para o governo xiita do Irã, a perda de controle de território e poder político no Oriente Médio para uma milícia sunita era mais grave do que tolerar a presença americana na região. "Entre as forças que combateram o Estado Islâmico ao lado dos Estados Unidos estava o Kataib Hezbollah (KH), uma milícia xiita apoiada pelo Irã que foi oficialmente incorporada às forças de segurança iraquianas por meio de um grupo abrangente conhecido como Forças de Mobilização Popular. Mas uma vez derrotado o inimigo comum, essa milícia voltou as atenções para as forças americanas no Iraque — sob ordens do Irã", afirma Emma Sky. Enquanto combatiam em conjunto o Estado Islâmico, a relação entre os governos americano e iraniano se deteriorava. Em 2018, o presidente americano Donald Trump se retirou do acordo nuclear feito pelo seu antecessor com Teerã. Trump recolocou ao máximo as sanções econômicas à economia iraniana.

Como resultado, argumenta Emma Sky, os iranianos passaram a ver no Iraque não só um aliado, mas uma espécie de "pulmão" econômico para aliviar o esmagamento das sanções, uma extensão territorial importante para o vínculo com a aliada Síria e o Hezbollah libanês. Força política importante no Líbano atual, o Hezbollah surgiu durante a invasão israelense no país, em 1982, como uma milícia xiita treinada pelas Forças Quds, da Guarda Revolucionária Islâmica, as mesmas que o general Soleimani comandava. A ligação entre o Hezbollah — considerado uma organização terrorista pelos EUA — e o Irã se mantém forte. Ao longo dos anos 2000, o Hezbollah sequestrou soldados israelenses como uma forma de pressionar pela libertação de prisioneiros palestinos do governo de Tel-Aviv. A disputa entre Israel e Hezbollah é outro enredo em que americanos e iranianos estão em campos opostos.

No Iraque, quando a luta contra os sunitas estava vencida, os iranianos passaram a se empenhar em se impor sobre os americanos. Integrantes da milícia Kataib Hezbollah foram os responsáveis pelo ataque à Embaixada americana em Bagdá em dezembro de 2019. Considerada a maior embaixada dos EUA no mundo, o complexo chegou a abrigar 12 mil funcionários americanos em 2010, quando as relações entre Iraque e Estados Unidos estavam no auge.

Diante das imagens de depredação do complexo diplomático, Trump teria feito sua decisão final sobre Soleimani. De acordo com o Pentágono, a milícia Kataib Hezbollah obedecia aos comandos do general iraniano. Em resultado da morte de Soleimani, os iranianos parecem ter atingido em parte seus objetivos: ver os EUA fora do Iraque.

**Fonte: BBC BRASIL**

## EUA e Iraque retomam diálogo sem grandes expectativas





# NAJU, ME ATUALIZA!

## REPORTAGENS:

AH MATÉRIAS NOTÍCIAS WEBSTORIES CURIOSIDADES BIOGRAFIAS CORONAVÍRUS ASSINE ANUNCIE

### MATÉRIAS > ASIA A VIDA NO IRÃ PRÉ-REVOLUCIONÁRIO EM 10 IMAGENS IMPRESSIONANTES

Antes da Revolução Islâmica de 1979, o Irã era um dos países mais ocidentalizados do Oriente Médio, se desenvolvendo economicamente



### Irã. A história política do país persa, xiita e anti-imperialista



## TENSÃO IRÃ X EUA



Antes de debatermos esse assunto, vamos lembrar a história do Irã.

- O país tem origem persa e maioria xiita.
- Uma das maiores reservas de petróleo do mundo. Depois da Segunda Guerra Mundial, EUA e URSS passaram a disputar a hegemonia global na Guerra Fria.
- O Irã era importantíssimo nessa disputa. O país sofria grande influência dos soviéticos e britânicos.
- Em 1951 houve uma inflexão, o governo iraniano **nacionalizou** uma empresa britânica de petróleo causando uma crise internacional.
- EUA intervém e o Irã sofre golpe. O xá reza **Pahlevi** ganhou plenos poderes com o apoio americano. Autocracia. Aproximação e alinhamento com o Ocidente (em especial, com os EUA), social, cultural e politicamente;
- Perda (intencional) da identidade persa, com a oficialização do nome Irã em 1935;
- Uma forte modernização secularizada – um Estado sem fortes características religiosas;
- Ampliação dos direitos das mulheres e início de uma cultura mais libertária, com a abolição da obrigatoriedade do xador.

### A Revolução Iraniana (1979)

Após décadas de regime, os índices de desemprego e pobreza do país começaram a subir, assim como o descontentamento popular. Em 1979, o líder religioso Aiatolá Khomeini liderou um golpe de Estado, agora religioso e conservador, com o apoio da maior parte da população. Nesse momento, destacavam-se:

- Retomada das raízes religiosas e ideológicas (conforme consta na primeira página da Constituição da República Islâmica do Irã, de 1979: A característica definitiva desta revolução, a propósito de outras revoltas do Irã durante este século, é sua natureza ideológica e islâmica);
- Afastamento brusco em relação ao Ocidente, em especial aos EUA (na pág. 32 da mesma Constituição, destaca-se: A política externa da República Islâmica do Irã baseia-se na rejeição de qualquer tipo de dominação, tanto do exercício quanto da submissão a ela; (...) a defesa dos direitos de todos os muçulmanos; desalinhamento em relação aos poderes dominadores; relações pacíficas mútuas com Estados não agressivos);
- Completa alteração no sistema político do país, agora com maior abertura democrática – finalmente, a voz do povo seria ouvida e representada;
- A oficialização de um Líder Religioso Supremo, tornando o país uma República Teocrática Islâmica.

### Século XXI: Da Primavera Árabe aos protestos de 2018

Em 2011, boa parte do Oriente Médio passou pela Primavera Árabe – uma série de revoltas populares com a intenção de destronar estadistas que estavam no poder há décadas de forma tirânica e não-democrática. Nesse momento, contudo, poucas foram as manifestações da população iraniana.

O papel do país nesse momento ficou por conta do escalonamento da Guerra Fria com a Arábia Saudita, na qual disputavam poder e influência regional por meios indiretos – as chamadas guerras proxy, onde atores externos (governos, grupos de milícia, organizações, etc.) apoiam lados opostos em conflitos paralelos nos países vizinhos, sem neles interferir diretamente (apenas via financiamentos, apoio e treinamento militar, disposição de armamentos, etc.).

Entre 2011 e 2015, o Irã se viu coagido pelo Sistema Internacional a submeter seu Programa Nuclear ao crivo do Conselho de Segurança da ONU: O programa gera controvérsias internacionalmente devido à suspeita, especialmente estadunidense, de que o país desenvolva tecnologia nuclear militar. O governo nega quaisquer acusações e alega que o programa não inclui qualquer propósito que não seja para fins científicos e de produção energética (CHEREM, 2019).

Em 2015, após anos de debates e sanções, o Irã e o P5 + 1 (os cinco países membros do Conselho de Segurança da ONU + a Alemanha) assinaram um Acordo Nuclear, que garantia a drástica diminuição do programa nuclear iraniano em troca do levantamento das sanções internacionais ligadas ao país. Aqui, vale destacar a atuação do presidente Hassan Rouhani, eleito pelos iranianos em 2013, que em dois anos de mandato conseguiu finalizar o acordo.

#### **Contudo, diversos fatores ajudaram a difamar a imagem do Irã a partir desse momento, como:**

- A ascensão de Donald Trump ao poder nos EUA (que desde 2017 já indicava a aversão do presidente contra o Estado de Rouhani, como percebe-se aqui, aqui e aqui);
- O crescimento da indústria de energia nuclear na Arábia Saudita (onde, novamente, há um grande interesse por parte dos EUA, aliado nacional da opositora iraniana);
- E o envolvimento do País em conflitos pelo Oriente Médio (por conta da Guerra Fria regional contra a Arábia Saudita).

Talvez desde a década de 1980, o afastamento do Estado persa com os EUA tenha provado agora suas piores consequências: é aqui onde é construída uma imagem internacional de um Irã “vilão” e “terrorista nuclear” no século XXI (ainda que a Arábia Saudita esteja apontando para a exata mesma direção com seu programa nuclear, com o apoio do Congresso e Senado estadunidenses).

Em 2017 e 2018, as sanções econômicas internacionais rapidamente alcançaram os bolsos da população iraniana que, indignada, foi às ruas protestar contra a crescente queda na economia interna (como aumento nos preços, o desemprego e a desigualdade econômica) e a repressão política.

Todas as reivindicações socioeconômicas, no entanto, giravam em torno de um grande elemento: com a atenção de Rouhani voltada para a política externa, as questões nacionais acabaram ficando em “segundo plano”, transformando todos os cenários do país (interna e externamente) em grande bola de neve de políticas falhas e descontentamentos.

**Fonte: Politize!**

## **Guerra Irã-Iraque - Efeméride!**

Em 1980, o líder iraquiano Saddam Hussein queria se posicionar como o novo homem forte do Oriente Médio e retomar territórios que o Iraque reivindicava do Irã desde os tempos da monarquia.

Mas havia outra preocupação. A ala xiita do islamismo ganhava poder com Khomeini e Hussein temia que os xiitas iraquianos, a maioria do país, derrubassem seu governo. Hussein decidiu, então, invadir o Irã, iniciando a Guerra Irã-Iraque.

Os Estados Unidos decidiram apoiar o Iraque. A guerra foi sangrenta e durou quase oito anos. Foram usadas crianças-soldados, armas químicas e muito dinheiro. Não se sabe ao certo quantas pessoas morreram no conflito – há estimativas que falam em 500 mil, mas outras passam de um milhão. Foi a guerra mais sangrenta já realizada entre países que não fazem parte do chamado mundo desenvolvido.

## **O escândalo Irã-Contras.**

Em meio à guerra e a um embargo determinado pelos Estados Unidos contra o Irã, ocorreu um dos mais escandalosos eventos da história americana recente. A imprensa americana revelou que esse embargo havia sido desrespeitado pelos próprios americanos. Durante a guerra em que apoiavam o Iraque, venderam armas, às escondidas e com a ajuda de Israel, para o Irã. O incidente ficou conhecido com o escândalo Irã-Contras.

## **Derrubada de avião de passageiros iraniano**

Outro episódio bastante lembrado pelo Irã contra os Estados Unidos foi quando um navio militar americano derrubou um avião de passageiros iraniano com destino a Dubai, nos Emirados Árabes.

Os 274 passageiros e os 16 tripulantes morreram. Os Estados Unidos disseram que confundiram o avião comercial com um jato das Forças Aéreas iranianas em posição de ataque.

Desde então, o Irã vem se consolidando como uma potência da região, rivalizando com a Arábia Saudita – aliada dos americanos. O Irã apoia grupos armados em países vizinhos. Na Síria e no sul do Líbano, financia o Hezbollah. No Iêmen, os rebeldes Houthis. E na Palestina, o Hamas.

Ou seja, está envolvidos nos mais diversos conflitos em sua área de influência, normalmente em lado oposto ao apoiado pelos americanos. É como se o país estivesse travando guerras com os EUA, mas além de suas fronteiras.

## Acordo nuclear

Em 2013, o então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, teve uma conversa por telefone com o presidente do Irã, Hassan Rouhani. O telefonema durou 15 minutos e foi a primeira comunicação entre líderes dos dois países desde a Revolução Islâmica de 1979.

Dois anos depois, em 2015, o Irã aceitou firmar um acordo nuclear com as cinco maiores potências do mundo (Estados Unidos, Reino Unido, França, China e Rússia) mais a Alemanha. O objetivo era impedir que o Irã desenvolvesse armas nucleares. Em contrapartida, as sanções da ONU contra o país seriam suspensas. Curiosamente, foram os Estados Unidos que ajudaram o Irã a lançar seu programa nuclear na década de 50. Até a Revolução Islâmica, os americanos apoiaram o governo de Teerã nos planos para desenvolver tecnologia nuclear para fins pacíficos.

Fonte: BBC BRASIL

## Tensões atuais

### Novembro de 2018: Sanções dos EUA contra Irã entram em vigor nesta segunda-feira

Entram em vigor nesta segunda-feira (5) novas sanções dos Estados Unidos contra o Irã, que limitam a exportação de petróleo. A entrada em vigor acontece 6 meses depois dos EUA se retirarem do acordo nuclear com o Irã. A maior parte das sanções contra o terceiro exportador mundial de petróleo haviam sido suspensas no início de 2016 depois da assinatura do acordo.



## Tensão mais do que atual:

- 2 de janeiro de 2020, um ataque americano mata o general Soleimani.

Irã bombardeia bases americanas.

Irã bombardeia um avião comercial: mais de 200 mortes.



### Quem era Qasem Soleimani, o general iraniano morto em ataque aéreo dos EUA em Bagdá



### 'Nossas vidas são descartáveis': como a tensão entre EUA e Irã afeta os iranianos-americanos



### Por que o Irã pediu a prisão de Trump à Interpol

O Irã emitiu um mandado de prisão do presidente dos Estados Unidos pelo assassinato de seu principal comandante em janeiro, o General Qasem Soleimani.





# NAJU, ME ATUALIZA!

## REPORTAGENS:

ESTADO DE MINAS Assine

A crise na Argélia, do início dos protestos até a demissão de Bouteflika



em.com.br

Argélia entra na era pós-Bouteflika em meio a incertezas



## CRISE NA ARGÉLIA



### Contexto

Ditadura apoiada pela Europa, especialmente pela França (ex metrópole), pois combatia grupos anti-Europa e extremistas religiosos.

- Norte africano. "abastece" a Europa com mão de obra e é o maior produtor de gás e petróleo da África e terceiro maior fornecedor de gás para a Europa.
- Bouteflika tenta o 5º mandato, detalhe, ele está MUITO doente.
- Manifestações em março/abril de 2019.

Setores veem margem para depor o governo.

A população quer a saída dos militares também! Influência da primavera árabe. Juventude quer democracia!"

"O chefe do Estado Maior das Forças Armadas da Argélia, Ahmed Gaed Salah, pediu nesta terça-feira em um discurso televisionado que o presidente Abdelaziz Bouteflika seja declarado incapaz para governar e deixe o cargo. Ele afirmou que considera as exigências populares válidas depois de um mês de protestos maciços contra Bouteflika, que está no poder há 20 anos.

O afastamento de Bouteflika se daria com base no artigo 102 da Constituição argelina, que se aplica a situações como a deterioração da saúde do governante. Bouteflika, 82, está longe das vistas do público desde que sofreu um derrame em 2013. O artigo prevê que o Parlamento, por proposta do Conselho Constitucional, declare por maioria de dois terços "o estado de incapacidade" do presidente. O presidente do Senado serviria então como presidente interino por pelo menos 45 dias. Se a incapacidade do presidente se prolongar além de 45 dias, esse período pode ser estendido por no máximo 90 dias, durante os quais devem ser organizadas eleições presidenciais."

"Centenas de milhares de pessoas protestam há quase cinco semanas pedindo que Bouteflika renuncie depois de 20 anos no poder. No início deste mês, Bouteflika anunciou que não concorreria a um quinto mandato, mas adiou as eleições antes previstas para abril até que fosse aprovada uma nova Constituição depois de um "diálogo nacional". Até lá, ele continuaria no cargo. A concessão parcial não conseguiu aplacar centenas de milhares de argelinos que continuaram nas ruas exigindo a saída do presidente. argelinos que continuaram nas ruas exigindo a saída do presidente.

A Argélia, maior produtor de gás e petróleo da África e terceiro maior fornecedor de gás para a Europa, tem uma história de tutela militar sobre o poder civil desde a independência da França, em 1962. A FLN, partido de Bouteflika, governa o país desde sua fundação como República independente, e os militares depuseram o primeiro presidente argelino, Ahmed Ben Bella, em 1965. Os manifestantes estão convencidos de que quem governa de fato é o irmão caçula de Bouteflika, Said, apoiado por uma base de sustentação que inclui a cúpula militar, a elite econômica beneficiada pelos petrodólares e a cúpula política do regime."

Fonte: O Globo 26/03/2019

## PROTESTOS EM HONG KONG

### Contexto

Desde 2014, com a Revolução dos Guarda-Chuvas, a ilha de Hong Kong passa por intensos protestos. Antes das notícias, vamos a história dessa região administrativa. Hong Kong, é uma região especial da China existente desde julho de 1997. Seu território, localizado no estuário do Rio das Pérolas, compreende a ilha de Hong Kong, a península de Kowloon, a ilha de Lantau, além de alguns ilhéus menores. Junto com Macau, esta antiga colônia britânica constitui uma das duas Regiões Administrativas Especiais da China e abriga cerca de 7 milhões de habitantes, a maioria de chineses da etnia han. O território adota duas línguas oficiais, o inglês e o chinês (mandarim como oficial, e o cantonês, mais falado nas ruas).

A China cedeu a ilha de Hong Kong ao Reino Unido em **1842 após a Primeira Guerra do Ópio**. Posteriormente, os ingleses anexaram a vizinha península de Kowloon e as muitas ilhas menores ao redor da colônia, que em tratado foram arrendadas por 99 anos, passível de renovação por igual período. O aparato colonial fará com que Hong Kong obtenha um impressionante **desenvolvimento durante os cerca de 150 anos seguintes como um posto avançado do império britânico** no extremo oriente, tornando-se um importante centro empresarial e comercial.

Por ter um perfil oposto ao do modelo socialista da China, foi acertado que o território seria governado com base no princípio de "um país, dois sistemas", em que Pequim concorda em dar à região um alto grau de autonomia e de preservar seus sistemas econômicos e sociais para 50 anos a partir da data da entrega. O governo central fica encarregado de controlar as políticas externa e de defesa de Hong Kong, mas o território conserva sua própria moeda e estatuto aduaneiro, além de controle em outros setores.

Com pouco espaço para expansão em todo o seu terreno montanhoso, Hong Kong está entre os locais de maior densidade populacional do mundo, algo em torno de 6.300 pessoas por quilômetro quadrado. Arranha-céus, templos budistas, centros comerciais e mercados tradicionais disputam o limitado espaço disponível. Isso é o reflexo de seu alto grau de desenvolvimento econômico, um dos maiores do continente asiático. As empresas com sede na região empregam milhões de trabalhadores na província vizinha chinesa de Guangdong.

A economia do território foi gradualmente deixando o setor manufatureiro e atualmente é baseada em serviços. Destaca-se ainda um importante centro empresarial e bancário, bem como um canal para as exportações crescentes da China. O seu porto de águas profundas é um dos mais movimentados do mundo. Hong Kong é considerado um dos **Tigres Asiáticos**.

### Entenda a 'revolta do guarda-chuva' que pede democracia em Hong Kong

Diante de negativa da China em liberar candidaturas, população foi às ruas. Os guarda-chuvas foram usados para proteger do gás e virou símbolo de resistência.

O estopim da revolta ocorreu na última semana de setembro, quando o parlamento chinês aprovou uma medida limitando os candidatos da eleição de 2017 nessa região administrativa especial. Em poucos dias, milhares de manifestantes foram às ruas protestar contra a decisão e pedir candidaturas abertas.

- **O que querem os manifestantes?**

Sufrágio universal sem condições e o fim do controle de Pequim sobre os candidatos para comandar o governo local.

- **Por que o guarda-chuva é o símbolo da revolta?**

Em alguns dos protestos, a polícia reagiu com bombas de gás lacrimogêneo. Isso fez com que os manifestantes se protegessem com máscaras e com guardas-chuvas - que viraram um símbolo da resistência.

- **Qual foi a resposta do governo?**

O chefe do governo de Hong Kong, que recebeu apoio de Pequim, exigiu o fim imediato das manifestações. Os manifestantes prometem ocupar o centro da cidade até que as autoridades de Pequim concedam as reformas políticas, que foram prometidas após a devolução à China da ex-colônia britânica em 1997.

- **Quanto de autonomia tem a ilha chinesa?**

Hong Kong tem ampla autonomia, mas tem a política decidida em sua essência por Pequim. A China governa o território sob a fórmula "um país, dois sistemas", que garante à ex-colônia britânica um grau de autonomia e liberdades que não são desfrutadas na China continental, tendo estabelecido o sufrágio universal como uma meta eventual.

**Fonte: G1**

## EM 2019 NOVAMENTE ACONTECE PROTESTOS.

As manifestações tiveram início em junho em repúdio a um controverso projeto de lei, apresentado em abril, que permitiria a extradição de suspeitos de crimes para a China continental sob certas circunstâncias. Essa lei permitia que os crimes cometidos em Hong Kong fossem julgados pelo estado chinês. Logo, a liberdade estaria em jogo. A lei foi suspensa.

### Como os protestos cresceram?

- Os manifestantes temiam que o projeto fosse retomado, então continuaram protestando, exigindo que ele fosse derrubado completamente. Àquela altura, os confrontos entre a polícia e os manifestantes haviam se tornado mais frequentes e violentos.
- Em **julho**, os manifestantes invadiram o Parlamento, vandalizando parte da estrutura. Em agosto, um militante foi ferido no olho, levando os manifestantes a usarem tapa-olhos feitos de gaze e tinta vermelha em solidariedade.
- Um ato de protesto no aeroporto internacional de Hong Kong, em **agosto**, também levou a novos confrontos, além de provocar o cancelamento de centenas de voos. Em setembro, o projeto de lei foi finalmente derrubado, mas os manifestantes disseram que era "muito pouco e tarde demais". Os protestos continuaram, sendo marcados por uma escalada crescente da violência.
- Em 1º de **outubro**, enquanto a China celebrava os 70 anos de governo do Partido Comunista, Hong Kong vivia um de seus "dias mais violentos e caóticos". Um rapaz de 18 anos foi baleado no peito por um policial com arma de fogo, enquanto os manifestantes enfrentavam os policiais com bastões de metal, coquetéis molotov e outros projéteis.

### O QUE OS MANIFESTANTES QUEREM?

- Que os protestos não sejam caracterizados como "motim";
- Conceder anistia aos manifestantes presos;
- Conduzir uma investigação independente sobre suposta violência policial;
- Implementar o sufrágio universal completo;
- A quinta demanda, que seria derrubar o projeto de lei, já foi atendida. Alguns também pedem a renúncia de Carrie Lam, considerada por eles como uma marionete de Pequim

Os protestos em apoio ao movimento de Hong Kong se espalharam pelo mundo — houve passeatas no Reino Unido, França, EUA, Canadá e Austrália. Em muitos casos, os partidários dos manifestantes de Hong Kong foram confrontados por militantes pró-Pequim. O presidente chinês, Xi Jinping, alertou contra o separatismo, dizendo que qualquer tentativa de dividir a China terminaria em "corpos esmagados e ossos quebrados".

Fonte: G1

NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

Protestos em Hong Kong: o que está acontecendo no território, explicado em 3 minutos



NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

Hong Kong tem nova lei de segurança: por que regras impostas pela China para o território geram preocupação





# NAJU, ME ATUALIZA!

## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

Como a China 'apagou da memória' o Massacre da Praça da Paz Celestial, que completa 30 anos



## MASSACRE DA PRAÇA DA PAZ CELESTIAL COMPLETOU 30 ANOS EM 2019

O episódio que ficou conhecido como o massacre da praça da paz celestial refere-se ao desfecho de uma série de manifestações ocorridas entre **15 de abril a 4 de junho de 1989 em Pequim**, capital chinesa. Neste período, manifestantes, sobretudo estudantes universitários, intelectuais e trabalhadores acamparam na Praça da Paz Celestial (Tian An Men) com o objetivo de reivindicar maior liberdade política.

Ao reprimir tais manifestantes, as forças do governo encurralaram os manifestantes com armas e tanques, provocando um grande número de mortes, uma verdadeira chacina. As vítimas do massacre podem ter chegado a milhares, não se sabe exatamente o número de mortos e feridos, embora o governo tenha reconhecido oficialmente a morte de "apenas" poucas centenas de pessoas. Os sobreviventes foram perseguidos e presos, e até hoje, o tema é proibido na sociedade chinesa.

Os protestos de Pequim fazem parte do movimento que varreu todo o mundo socialista no final da década de 1980 e que resultou no colapso da maioria dos governos do bloco socialista. Alguns poucos regimes, entre eles o chinês, sobreviveram a esta época de mudanças radicais, mas não sem alterações na sua política chamada "linha dura", de antagonismo ao mundo capitalista.

De fato, a China começou a investir a partir destes protestos numa política de abertura de sua sociedade e economia, apesar de haver até hoje ainda um controle estatal à mídia e à influência cultural externa.

Os protestos por reformas no regime chinês têm sua origem na exoneração de Hu Yaobang de seu cargo de secretário geral do Partido Comunista chinês por Deng Xiaoping, por ser considerado um liberal reformista. Ao mesmo tempo em que os regimes socialistas enfrentavam os protestos populares, principalmente na União Soviética e no leste europeu, em abril de 1989 morre Hu Yaobang, e durante o seu funeral, estudantes se reúnem na Praça da Paz Celestial reivindicando um encontro com o primeiro-ministro Li Peng. O pedido não é aceito e os estudantes decidem iniciar uma greve nas universidades da capital chinesa. Os protestos acabaram por atrair operários, camponeses e cidadãos comuns, no que se transforma em um movimento por maior liberdade de expressão dentro do país, bem como melhorias nas condições de vida e fim da corrupção.

A 20 de maio o governo decreta lei marcial e acaba pondo um fim aos protestos de modo violento. Nesses 23 anos, apesar da economia chinesa ter dado um salto fantástico, a repressão política e a censura, bem como o desrespeito aos Direitos Humanos são ainda negligenciadas pelo partido comunista no poder desde 1949.





# NAJU, ME ATUALIZA!

## REPORTAGENS:

### JORNAL DA USP

PÁGINA INICIAL CIÊNCIAS TECNOLOGIA EDUCAÇÃO CULTURA ATUALIDADES UNIVERSIDADE INSTITUTO

Home > Atualidades > Crise no Equador é reflexo de problemas na América do Sul

Atualizado: 19/10/2019

Crise no Equador é reflexo de problemas na América do Sul

Para Dallari, as manifestações populares contra o governo equatoriano têm a ver com o momento conturbado da economia



ESTADO DE MINAS Internacional

INTERNACIONAL

Vice-presidente do Equador ganha fôlego político após manejo de crise



## CRISE NO EQUADOR



O clima ficou TÃO hostil que fez o presidente transferir a sede do governo de Quito para Guayaquil.

### Onda de protestos populares.

Razão? O corte do subsídio do petróleo.

### Entenda o contexto

Em 2007 o movimento Alianza País (coalizão de partidos de esquerda encabeçada por Correa) chegou ao poder com a proposta de uma assembleia constituinte a fim de combater uma crise aguda enfrentada no país.

A nova Constituição foi aprovada em 2008 por meio de um referendo popular e desde então a Revolução Cidadã impulsionou uma série de políticas inovadoras para garantir justiça social e combate à desigualdade. Ao longo desta década a Revolução passou por 10 pleitos populares distintos – eleições e plebiscitos – e venceu todos eles.

O país teve a primeira eleição presidencial (realizada em fevereiro de 2007), Correa elegeu seu sucessor, **Lenin Moreno**.

Moreno rompe com Correa ao decorrer do mandato por ter posições pró-mercado.

Diferentemente de Correa, que aproximou o Equador do governo de Hugo Chávez e fechou acordos com Caracas, Moreno criticou o atual presidente venezuelano, Nicolás Maduro.

A interferência de Correa no Judiciário, agindo sobre promotores e juízes, foi frequentemente denunciada. Já Moreno deixou de intervir, e também deu ao procurador-geral mais liberdade.

De 1999 a 2009, a base aérea de Manta foi usada pelos EUA no combate ao narcotráfico.

O presidente Correa não renovou o acordo. Moreno resgata a aproximação.

### EM 2019

O aumento nos preços de combustíveis em meados de setembro desencadeou uma onda de protestos no Equador. Os mais fortes aconteceram ontem, quando houve tentativa de invasão de manifestantes a prédios públicos. As ações são contra as medidas econômicas adotadas pelo governo do presidente Lenin Moreno. Moreno cortou os subsídios dos combustíveis. A medida de austeridade veio após um acordo com o **FMI** (Fundo Monetário Internacional) para que o país, que tem problemas financeiros, possa conseguir crédito de R\$ 17,2 bilhões.

A elevação do preço dos combustíveis --a alta teria chegado a 123%-- teria levado ao aumento de itens da cesta básica. O Brasil --assim como Argentina, Colômbia, El Salvador, Guatemala, Paraguai e Peru-- demonstrou apoio a Moreno. Em comunicado conjunto, os governos disseram expressar "repúdio a qualquer tentativa de desestabilizar os regimes democráticos legitimamente constituídos". Eles também demonstraram "forte apoio às ações empreendidas pelo presidente para recuperar a paz, a institucionalidade e a ordem, utilizando os instrumentos concedidos pela Constituição e pela lei, assim como ele vem fazendo".

Já a OEA (Organização dos Estados Americanos) disse que "a liberdade de expressão e de protesto pacífico são direitos fundamentais". "Não obstante, é injustificável que alguns atores convertam em direito a violência, o saque e o vandalismo." Agora, é preciso avaliar quais serão os próximos acontecimentos no país e se haverá uma escalada na onda de protesto.

**Fonte: Uol Notícias**

## VOCÊ REPAROU O ESTOPIM DESSE ROLÊ TODO? AS MEDIDAS DE AUSTERIDADE.

### Você sabe o que são essas medidas?

Em economia, a austeridade significa rigor teórico no controle de gastos. Uma política de austeridade é utilizada quando o nível do déficit público é considerado insustentável e é implementada através do corte de despesas. E quando um país pede dinheiro emprestado ao FMI, alguns pontos são exigidos.

Alguns exemplos:

- O alteração interna, por parte dos devedores, de: ajuste orçamentário
- cortes nos gastos públicos,
- monitoramento da taxa cambial
- barrar o consumo excessivo com a diminuição salarial

## E O QUE É O FMI, NAJU?



O FMI (**Fundo Monetário Internacional**) é um organismo com sede na cidade norte-americana de Washington, criado em 1945, **seu objetivo é estabelecer a cooperação econômica em escala global.** Sua atuação visa **garantir estabilidade financeira, favorecer as relações comerciais internacionais, implantar medidas para geração de emprego e desenvolvimento sustentável e buscar formas de reduzir a pobreza.**

Existe também outro organismo para emprestar uma graninha!

**O Banco Mundial** (World Bank) ou BIRD (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento) é uma agência das Nações Unidas criada em 1º de julho de **1944**, a sede está localizada na capital dos Estados Unidos, Washington.

Originalmente, foi criado com a finalidade de ajudar os países que foram destruídos na Segunda Guerra Mundial.



# NAJU, ME ATUALIZA!

## REPORTAGENS:

MUNDO

### Entenda a crise política na Bolívia

Acusado de vencer eleições fraudadas, Evo Morales renunciou à Presidência depois de quase 14 anos no cargo.



MUNDO

### Evo renuncia à presidência: veja a cronologia da crise na Bolívia

Polêmica sobre o quarto mandato de Evo Morales começou em 2016, com um referendo para decidir se ele teria direito a concorrer.



NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

### Por que Evo Morales renunciou à Presidência da Bolívia? 5 pontos-chave que explicam a decisão



## ENTENDA A CRISE POLÍTICA NA BOLÍVIA



Em novembro de 2019, Evo Morales renunciou à Presidência da Bolívia. Em 20 de outubro, ele havia sido eleito em primeiro turno em eleições gerais, mas protestos violentos e denúncias de fraude na votação aumentaram a tensão no país. Evo perdeu apoio dos militares, que pediram sua saída.

### Por que Evo Morales renunciou à Presidência?

No poder desde 2006, Evo Morales disputou uma nova reeleição em 20 de outubro deste ano. A candidatura já havia sido contestada – um referendo feito em 2016 rejeitou essa possibilidade, mas, em 2018, a Justiça Eleitoral autorizou Evo a tentar um quarto mandato. O argumento era que o limite de mandatos viola a garantia constitucional de que qualquer cidadão tem o direito de se candidatar.

Mesmo antes do fim da contagem dos votos de outubro, protestos tomaram as ruas da Bolívia. Simpatizantes de Carlos Mesa, opositor de Evo, denunciavam fraudes na apuração.

### Os protestos continuam?

A saída de Morales do poder provocou muitas comemorações, mas também violência em La Paz e outros pontos do país. No domingo à noite, a praça Murillo de La Paz, onde fica o Palácio Quemado, antiga sede do governo, foi tomada por bolivianos que celebravam a renúncia de Morales. Segundo a France Presse, apoiadores de Morales também fizeram protestos em La Paz e na cidade vizinha de El Alto. Ônibus municipais foram incendiados e houve saques nas casas de um líder cívico e de uma jornalista, de acordo com denúncias.

### Qual é a posição do governo brasileiro?

O governo brasileiro considera que a renúncia do presidente da Bolívia não representa um golpe, uma vez que uma "tentativa de fraude eleitoral maciça deslegitimou" o líder boliviano, afirmou o ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo. "Não há nenhum golpe na Bolívia. A tentativa de fraude eleitoral maciça deslegitimou Evo Morales, que teve a atitude correta de renunciar diante do clamor popular. Brasil apoiará transição democrática e constitucional. Narrativa de golpe só serve para incitar violência", disse o chanceler brasileiro em publicação no Twitter.

Fonte: G1

NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

O que está por trás do sucesso econômico da Bolívia na era Evo Morales?



## MUSK E BOLÍVIA: DE OLHO NO LÍTIO!

O bilionário Elon Musk, fundador da Tesla, agitou as redes sociais ao não negar a acusação de que teria apoiado os Estados Unidos em um golpe na Bolívia para garantir o suprimento de lítio, material utilizado na bateria de seus carros elétricos. Respondendo no Twitter à provocação de um seguidor, que havia feito um post dizendo que o governo americano havia organizado um golpe para depor o presidente Evo Morales, para que a Tesla pudesse obter lítio do país sul-americano, o bilionário afirmou no sábado (25): “Vamos dar um golpe em quem quisermos! Lide com isso”.

O lítio é um metal encontrado em abundância em Uyuni, um imenso deserto no sul da Bolívia. É a maior jazida do mundo **desse material de alta eficiência energética**. Juntos, o triângulo formado por **Chile, Bolívia e Argentina concentra cerca de 75% das reservas mundiais de lítio**. O Chile é atualmente o principal produtor mundial, mas é a Bolívia quem tem o potencial de se tornar o maior fornecedor global desse metal precioso – o deserto de Uyuni abriga 50% de todo o lítio existente no planeta.

A fortuna de Musk agora é superior ao PIB da Bolívia (40 bilhões de dólares), país que, desde a deposição de Evo Morales, há quase nove meses, ainda não retornou à normalidade. Morales, que comandou o país de 2006 a 2019, foi tirado do poder após sua polêmica vitória nas eleições do ano passado, marcadas por suspeitas de fraude. A contestação do resultado por adversários e organismos internacionais deflagrou uma onda de protestos no país, culminando com a pressão das Forças Armadas para a renúncia de Morales, que deixou a Bolívia após obter asilo no México.

Uma nova eleição presidencial na Bolívia foi marcada para maio, mas a pandemia da covid-19 provocou um adiamento. A eleição está prevista agora para 18 de outubro.

**Fonte: Exame**

---

ECONOMIA

---

Sonho do lítio enfrenta choque de realidade na América do Sul



**POR FALAR EM RIQUEZA...**



# NAJU, ME ATUALIZA!

## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

Projeto Iceberg, o ambicioso plano da Rússia para avançar na corrida pelos recursos do Ártico



Com degelo ártico, Rússia e China se unem por gás, petróleo e novas rotas

Francesa Total investe em GNL na Península de Iamal, e Pequim estuda alternativa para comércio



Noruegueses e russos lideram corrida pelas riquezas do petróleo e gás natural do Ártico



## ÁRTICO É O NOVO ALVO DAS PETROLEIRAS

O derretimento das calotas polares é uma consequência do aquecimento global e uma constatação dos efeitos negativos da ação humana sobre o planeta. Esse problema ambiental, assim como muitos outros, está diretamente associado o uso de combustíveis fósseis. Mesmo assim, **a busca por petróleo continua** ocorrendo de maneira ostensiva. A economia mundial ainda é dependente desse recurso mineral e isso motiva pesquisas para ampliação a exploração, na contra mão das pesquisas que buscam fontes alternativas de energia.

O próximo alvo das petroleiras é o **Ártico**, onde o subsolo marinho contém uma imensa quantidade de petróleo e gás.

Principais motivações para explorarem o Ártico: **Petróleo e rotas mais curtas!**

### Mas... pera aí... a quem pertence o Ártico?

Então, rola a maior disputa entre **Rússia, Estados Unidos, Canadá, Dinamarca e Noruega**.

De acordo com a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, que delimita a exploração marítima, determina é que todo país tem o direito de controlar até 200 milhas de distância de sua costa – equivalente a 370 quilômetros. E aí a Rússia alega que a cordilheira de Lomonosov, que se estende por baixo do oceano Ártico ocupando quase metade do círculo polar, tem início na plataforma continental asiática. Ou seja, da Rússia. A alegação é antiga – a diferença, agora, é que o russos têm um extenso relatório composto por uma expedição a bordo de um submarino nuclear. Os órgãos precisam ratificar o processo.

O primeiro é a ONU, responsável por moderar quaisquer dúvidas a respeito da Lei do Mar. O segundo é o Conselho Ártico. Nele, além dos russos, estão também Canadá, EUA, Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia – os 8 que têm territórios para além do círculo. E isso é um problema. Embora não haja provas científicas, a cordilheira de Lomonosov provavelmente faz parte também da plataforma continental americana – e, seguindo o raciocínio russo, os canadenses poderiam requerer para si a mesma metade do pólo. Aliás, eles já fizeram um requerimento não tão ambicioso, mas ainda assim grande. Como o fizeram também Noruega e Dinamarca e como pretende fazer, segundo o Washington Post, os próprios EUA, tão logo ratifiquem o tratado.

## TRUMP QUERIA COMPRAR A GROENLÂNDIA?

Trump teria mostrado pela primeira vez interesse em comprar a Groenlândia, de acordo com The New York Times, em uma reunião no Salão Oval no primeiro semestre do ano passado. Depois disso, a ideia teria sido mencionada várias vezes, em perguntas a seus assessores sobre a possibilidade legal de fazer a compra.

Estes, de acordo com o Times, teriam evitando transmitir seu ceticismo ao chefe e, em vez disso, concordaram em investigar a viabilidade da operação. De uma perspectiva histórica, a ideia de Trump não é de todo insólita nem mesmo inteiramente disparatada em termos legais.

Existem precedentes para a compra e venda de territórios na história do país: em 1803, os Estados Unidos compraram a Louisiana da França por 15 milhões de dólares (em valores da época) e, 64 anos depois, compraram o Alasca da Rússia por 7,2 milhões de dólares.

Há até uma relação comercial prévia, e não tão antiga, com o potencial vendedor: já no século XX, em 17 de janeiro de 1917, os Estados Unidos compraram da Dinamarca o território das Índias Ocidentais por 25 milhões de dólares, transformando-o no que hoje são as Ilhas Virgens Americanas. E Trump não é o primeiro presidente que está de olho na Groenlândia, nem o que foi mais longe: Harry S. Truman chegou a oferecer à Dinamarca 100 milhões de dólares pela ilha em 1946.

**Fonte: El País**

≡ EL PAÍS

INTERNACIONAL

ESTADOS UNIDOS >

### Trump quer comprar a Groenlândia. E ele não é o primeiro

Harry S. Truman chegou a oferecer à Dinamarca 100 milhões de dólares pela ilha em 1946, durante a Guerra Fria, de olho na posição geoestratégica do local



## COMO A GROENLÂNDIA REAGIU À IDEIA DE TRUMP?

"A Groenlândia é rica em recursos valiosos, como minerais, água e gelo, tem estoques de peixes, frutos do mar, energia renovável e é uma nova fronteira para o turismo de aventura. Estamos abertos para negócios, não para a venda", disse o Ministério das Relações Exteriores nas redes sociais. O primeiro-ministro da Groenlândia, Kim Kielsen, repetiu os comentários. "A Groenlândia não está à venda, mas está aberta ao comércio e cooperação com outros países, incluindo os Estados Unidos", disse.

### Por que a Groenlândia pode ser atrativa para o EUA?

Trump teria se interessado pela Groenlândia, em parte, por causa de seus recursos naturais, como carvão, zinco, cobre e minério de ferro.

Mas, embora a Groenlândia possa ser rica em minerais, atualmente depende da Dinamarca para bancar dois terços de sua receita orçamentária. Por outro lado, os índices de suicídio são altos, assim como os de alcoolismo e de desemprego. Duas fontes disseram ao jornal The New York Times que Trump também estava interessado no "valor para a segurança nacional", devido a localização da Groenlândia.

Os Estados Unidos veem a ilha como estrategicamente importante. No início da Guerra Fria, o país estabeleceu uma base aérea e de radar no local. O deputado republicano Mike Gallagher descreveu a ideia de Trump como um "movimento geopolítico inteligente".

"Os Estados Unidos têm um interesse estratégico na Groenlândia, e isso deve estar absolutamente na mesa", ele tuitou.

**Fonte: BBC BRASIL.**

NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

### As reações à ideia de Trump de comprar a Groenlândia da Dinamarca





# NAJU, ME ATUALIZA!

## REPORTAGENS:

AgênciaBrasil  
Índia revoga autonomia da Caxemira  
Nova Délhi suspende status da região disputada com o Paquistão



NOTÍCIAS

Há 6 meses sem Internet, região da Caxemira tem economia paralisada



### CAXEMIRA, ZONA MAIS MILITARIZADA DO MUNDO

**Região disputada por Índia e Paquistão. Rivals nucleares.  
Lugar estratégico: nascentes importantíssimas.**

#### Quer revisar um pouco a história da Caxemira? Continua a leitura!

A Caxemira (ou "Kashmir") é uma região montanhosa ao norte da Índia e do Paquistão e que possuía na época da independência da Índia (1947) uma posição vantajosa considerando-se que ficava bem próxima da região do Tadjiquistão, então parte da União Soviética.

Localizada no norte do subcontinente indiano a Caxemira também engloba as regiões de Jammu e Ladakh fazendo fronteira com a China a nordeste. Atualmente a região da Caxemira se divide em quatro áreas diferentes: os Territórios do Norte e a Caxemira Livre, pertencentes ao Paquistão, a região de Jammu e Caxemira pertencentes à Índia e a região de Aksai Chin sob ocupação chinesa.

Os conflitos pela região da Caxemira, ou a questão da Caxemira, se iniciaram no final da colonização britânica, em 1947 logo após a II Guerra, quando todo o subcontinente indiano que até então era dominado pela Inglaterra, foi dividido em dois países, a Índia e o Paquistão.

A divisão se deu através da união das regiões de maioria muçulmana constituindo o Paquistão e das regiões de maioria hindu constituindo a Índia.

## SEPARATISMOS

Para explicar o que é separatismo, é necessário esclarecer o conceito de autodeterminação dos povos.

Esse termo é bastante antigo - **foi citado em 1776, na independência dos Estados Unidos**, e na **Revolução Francesa de 1789** - e refere-se ao direito que povos têm de decidirem livremente sua situação política.

O princípio da autodeterminação permite o direito de autogoverno e também possibilita aos Estados defenderem sua condição independente.

Ao se falar em "**povos**", deve-se ter em mente o conceito trazido pela sociologia, que se refere a grupos de pessoas que são unidas por laços subjetivos e objetivos.

Laços subjetivos:

- Vontade de viverem juntos, sob um mesmo governo e mesmas regras.
- Consciência de pertencimento ao mesmo grupo.

#### Os Estados Nacionais e os movimentos separatistas

Existe um pequeno problema em relação ao princípio de autodeterminação dos povos na Carta da ONU: ele vai contra as Constituições Federais da maioria dos países.

Esse é o caso do Brasil, que define no artigo 1º da Constituição de 1988 que "o Brasil é uma República Federativa, constituída sob o regime representativo, pela união indissolúvel dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios"

Os hindus e os muçulmanos nunca se entenderam muito bem. Para os adeptos do hinduísmo ou do islamismo não se trata apenas de religião, são modos de vida diferentes, visões de mundo diferentes. A religião hindu, surgida na Índia, reverenciava vários deuses diferentes ao contrário da religião islâmica, trazida por conquistadores, que acreditava num deus único e tinha em Maomé sua figura maior. Sem contar que os hindus viviam em uma sociedade de castas, extremamente hierarquizada, onde não havia igualdade entre os indivíduos, contrastando com o que era pregado pela religião maometana de que todos os homens são iguais perante Deus.

Quando da época da independência da Índia, o líder religioso Mahatma Gandhi (hindu) conduziu milhares de pessoas em uma manifestação pacífica contra a dominação britânica pregando seu sonho de constituir um país único e independente onde todas as etnias e religiões pudessem viver igualmente.

Mas, o sucesso do partido criado por ele (Congresso Nacional Indiano) despertou nos muçulmanos, que não puderam compreendê-lo, o medo de que os hindus, liderados por Gandhi, constituíssem um estado governado pela sua religião onde eles fossem perseguidos.

Nesse contexto, surgiu a Liga Muçulmana para lutar pela divisão da região em dois estados, sendo um deles, de muçulmanos.

Inicia-se então, uma guerra não declarada entre os muçulmanos e indianos que começam a atacar-se mutuamente em uma série de atentados culminando com o assassinato de Gandhi e, com a morte de milhares de hindus e islamitas durante o período de independência enquanto tentavam se deslocar cada qual para o respectivo país que se constituía.

Nesse período o marajá da Caxemira, o hindu Hari Singh, pediu apoio à Índia para se defender da tribo dos Pathans que haviam invadido a região. E, como recompensa, cedeu o território de Jammu e Caxemira à Índia provocando a revolta dos 80% da população da região que eram islamitas. Apoiados pelo Paquistão eles, então, começam a reivindicar sua independência.

**A ONU, tentando resolver o conflito**, determinou que a própria população da região decidisse de qual estado faria parte através de um plebiscito. Mas, a Índia nunca permitiu que o plebiscito fosse realizado, fazendo eclodir uma guerrilha que já dura a mais de 50 anos, resultou em duas guerras entre os dois países (1965 e 1971) e serviu de pretexto para uma corrida armamentista nuclear.

É importante salientar que a guerra de independência se deu durante o período da guerra fria, com o Paquistão recebendo apoio dos EUA e a Índia da URSS e a região da Caxemira possuía uma posição estratégica. Desta forma, o terreno ficou extremamente propício para que os países iniciassem os testes para produção de armas nucleares visto que tanto os EUA quanto a URSS não gostavam nenhum pouco da idéia de a China Popular ser a única potência em tecnologia nuclear na Ásia. Assim, a Índia realizou seu primeiro teste com uma arma nuclear em 1974 e o Paquistão em 1998 pondo à baixo todas as esperanças de um final para este conflito.

Fonte: InfoEscola

## **Pandemia não impede avanço da violência na Caxemira, zona mais militarizada do mundo**

Governo indiano é acusado de censurar jornalistas e enterrar corpos de ativistas independentistas sem comunicar famílias



### **INDEPENDÊNCIA DO SUDÃO DO SUL**

Em fevereiro de 2011, a população no Sudão – país localizado na região norte da África – foi às urnas para definir, em referendo, a separação e emancipação da região na porção meridional do país. Com a aprovação de esmagadores 98,8% dos votantes, surgiu o até então mais novo país: o Sudão do Sul, tendo como capital a cidade de Juba.

Apesar das intensas celebrações nas ruas, não tardou para que a população percebesse que havia muito pouco para comemorar, pois o novo país nascia com graves convulsões sociais e pesados desafios a enfrentar. Para piorar, os conflitos com os vizinhos do norte foram retomados em função das indefinições no estabelecimento das fronteiras entre os dois países, que disputam regiões ricas em petróleo.

Em resumo, pode-se dizer que uma guerra civil (até então, a mais longa em atividade na África), em vez de acabar, foi apenas transformada em um conflito internacional.

Assim como a maior parte da África, as fronteiras do Sudão foram definidas artificialmente pelas potências ocidentais durante o processo de implantação do colonialismo.



Assim, desde a independência do Sudão em relação ao Reino Unido em 1956, o país vive em profundas crises políticas, que confluíram para uma série de guerras civis.

Para a solução de um conflito armado que se arrastava por 12 anos – e também pela grande pressão internacional – foram estabelecidos acordos em 2005 na cidade de Nairóbi, Quênia, onde se decidiu pelo referendo de 2011, que culminou na separação.

A diferença entre os dois territórios é latente tanto nos aspectos físicos quanto nas composições étnicas. O norte é majoritariamente composto por regiões desérticas (salvo o vale por onde passa o Rio Nilo), com escassez de água e recursos naturais, enquanto o sul possui uma maior quantidade de vegetação e pântanos. Além disso, o Sudão do Sul é basicamente composto por povos cristãos e animistas, que não aceitavam a dominação política e legislativa dos povos do norte, de maioria islâmica. Apesar dessas diferenças étnico-culturais, a razão para a existência dos conflitos está **plenamente centrada na disputa pelos recursos naturais, principalmente o petróleo**, produto do qual os dois países são dependentes. Nesse quesito, observa-se uma interdependência na utilização desse recurso natural que necessita de uma maior estabilidade política para se manter.

## CONDIÇÕES DE VIDA DA POPULAÇÃO DO SUDÃO DO SUL

Em virtude da herança colonial e dos conflitos armados que se perpetuaram na região desde o término da colonização inglesa, a população do Sudão do Sul, apesar de celebrar a independência recente do país, vem passando por grandes dificuldades econômicas e sociais.

Os dados são escassos, porém pouco animadores. Mais de 70% da população é analfabeta, número que se eleva entre as mulheres. As taxas de mortalidade infantil também são elevadas e o número de mães que morrem durante os partos é alto. Estima-se que aproximadamente 45% da população não possua acesso a nenhuma fonte de água potável. A população sofre com a falta de hospitais – que na maioria dos casos oferecem péssimas condições estruturais e de higiene – e com o baixo número de profissionais da saúde.

Para agravar a situação, a guerra e os constantes bombardeios – principalmente nas regiões de fronteira – intensificam o número de mortos e refugiados, além de fazer com que o governo do sul invista quase 50% das riquezas do país em armas em detrimento de investimentos em educação e saúde.

Os movimentos organizados pela população acusam o governo do Sudão de utilizar comida como “arma de guerra”, cortando o seu fornecimento ou atacando organizações humanitárias, como os Médicos sem Fronteiras, que fazem constantes anúncios sobre a situação calamitosa que predomina em boa parte dos dois países em conflito.

Apesar de recentes acordos, bem como dos esforços da ONU e de alguns países vizinhos, como Nigéria e Angola, as diferenças entre os dois países parecem estar longe do fim, bem como a crise socioeconômica e as condições de miséria que assolam a maior parte dos habitantes.

## CONFLITO DE DARFUR

Os conflitos de Darfur emergem como um elemento mais dramático nesse contexto. Eles arrastam-se desde 2003 e ainda ocorrem nos dias atuais, com um saldo de milhares de mortos e milhões de refugiados, embora os números alarmantes não gerem tanta atenção e debate no âmbito político internacional. Segundo a Organização das Nações Unidas, mais de 300.000 pessoas já foram mortas e mais de 2,7 milhões tiveram de abandonar suas áreas de origem, migrando principalmente para o Chade, país vizinho a oeste.

As causas dos conflitos de Darfur estão nos desníveis regionais em termos de desenvolvimento social e atuação do governo do Sudão. Sob a alegação de que o poder público sudanês abandonou completamente as regiões do oeste, grupos armados de maioria não árabe ergueram-se e começaram a atacar alvos do governo, que responde, desde então, pesadamente com ataques diretos e também com o auxílio de milícias e organizações armadas, embora os órgãos oficiais do país neguem essa prática.

Os dois principais grupos que atuam em Darfur são o Movimento de Justiça e Igualdade (MJI) e o Exército de Libertação Sudanesa (ELS). Do outro lado, o governo, além de atacar com bombardeios aéreos, também atua por meio de incentivos aos Janjaweed, uma milícia pertencente a um grupo étnico árabe e muçulmano localizado ao norte de Darfur, os Baggara.

Embora um acordo de paz tenha sido assinado no ano de 2006 (não aderido por todos os grupos rebeldes), a escalada de violência foi retomada mais intensamente no ano de 2013, elevando novamente o número de mortos e refugiados. Nesse meio-tempo, ocorreu, em 2011, a Independência do Sudão do Sul por meio de um referendo, embora isso não tenha gerado qualquer tipo de trégua entre o Sudão e o governo do novo território formado.

Atualmente, o mapa da região encontra-se assim estabelecido: a oeste, a região de Darfur, que luta contra o governo com sede em Cartum, a capital do Sudão. Ao sul, o Sudão do Sul, que, embora esteja em uma trégua temporária, mantém uma relação instável com o norte, sobretudo pela disputa de fronteiras e pelo escoamento da produção de petróleo por gasodutos que passam pelo território sudanês.

Pode-se dizer que a independência ocorrida no sul pode ter deixado o governo em Cartum ainda mais fragilizado politicamente, o que tem elevado a motivação política dos grupos em Darfur por um separatismo cada vez mais reivindicado. Vale lembrar que essa posição não é uma unanimidade na região, uma vez que os grupos étnicos muçulmanos não árabes da região sofrem certa resistência interna das etnias árabes.

Várias organizações humanitárias e também a ONU atuam na região no sentido de tentar conter o conflito ou minimizar os seus danos aos Direitos Humanos. No entanto, a relação dessas organizações com o governo não é muito amistosa, sobretudo pelas acusações frequentes de que o governo vem praticando graves e sequenciais crimes de guerra.

Além disso, a ONU é frequentemente limitada pela atuação da China no Conselho de Segurança, haja vista que o governo chinês possui vários acordos com o Sudão para a importação de petróleo e minérios em geral. Esse contexto diminui ainda mais a esperança de paz para a região.

**Fonte: Brasil Escola.**

## Sudão: Acordo para acabar com o conflito no Darfur

O Governo sudanês e os grupos rebeldes concordaram em negociar a partilha do poder e o regresso de milhões de deslocados. O acordo foi aclamado como um "passo importante" para alcançar uma paz duradoura no Darfur.



## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

Quem são os curdos e por que são atacados pela Turquia



Que propõe o Partido dos Trabalhadores do Curdistão?

*Como o PKK, partido marxista, feminista e com nova leitura do Islã, triunfou em eleições e assumiu o protagonismo político na região. Porque construção da União de Comunidades marca nova etapa, não mais de resistência, mas de edificação*



## QUESTÃO CURDA



**A questão curda estabelece-se na luta dos curdos pela constituição de seu próprio país. Atualmente, eles formam a maior etnia do mundo sem uma pátria territorial estabelecida.**

Os curdos formam uma etnia composta por cerca de 30 milhões de pessoas, são descendentes do reino mesopotâmico ou medo-persa e habitam uma região localizada em seis diferentes países: Turquia, Armênia, Azerbaijão, Iraque, Irã e Síria. Em geral, os curdos professam a religião islâmica e reivindicam a área em que ocupam nesses países para a criação de um Estado chamado Curdistão.

Não obstante, a questão curda estabelece-se no fato de esse povo formar a maior nação sem um Estado territorial. O povo curdo, segundo relatos históricos, habita a região que denominam por Curdistão há cerca de 2600 anos. No ano de 612 a.C., eles teriam conquistado a cidade de Nínive, mas foram derrotados, mais tarde, pelo Império Persa no ano de 550 a.C. Tempos depois, possivelmente no século VII d.C, os curdos converteram-se em massa ao islamismo e passaram a se guiar pelos valores e leis do Alcorão.

Até a Segunda Guerra Mundial, os curdos habitavam áreas correspondentes ao que era os Impérios Turco-Otomano e Persa, respectivamente. Atualmente, eles habitam os países sucessores ou herdeiros desses impérios, com destaque maior para o Iraque e a Turquia, onde seus gritos por independência foram duramente reprimidos. No território iraquiano, a maior onda de violência aconteceu durante o governo de Saddam Hussein, que reprimiu duramente todo e qualquer ativismo curdo, incluindo o uso de armas químicas nos anos 1990.

Na Turquia, ainda nos dias atuais, os curdos são duramente reprimidos em suas manifestações pelo Estado, e a comemoração de suas datas nacionais e o ensino da língua curda - o indoirani e alguns outros dialetos - nas escolas são vedados.

Em resposta às duras repressões, os curdos organizaram-se em diversos grupos armados ligados ao PKK (Partido dos Trabalhadores Curdos), reconhecidos como terroristas, que atuam muitas vezes por meio da ativação de carros-bombas e atentados públicos contra os governos, principalmente na Turquia e, mais recentemente, na crise da Síria. Essa instabilidade e a dura repressão do governo turco em relação os curdos são, inclusive, uns dos entraves que o país possui para conseguir sua entrada na União Europeia, que não admite governos tidos como antidemocráticos e que violam os direitos humanos.

Os curdos estão na linha de frente de vários conflitos e disputas territoriais geopolíticas no Oriente Médio. No Iraque, por exemplo, eles vêm formando a principal linha de resistência que impede a expansão do grupo terrorista Estado Islâmico, que pretende constituir um Estado regido pela sharia (lei islâmica). Já na guerra civil da Síria, embora boa parte dos curdos tenha optado pela neutralidade, alguns deles formam grupos que atuam contra o governo de Bashar al-Assad e também contra alguns grupos jihadistas que tentam tomar o poder no país, em uma complexa disputa geopolítica.

A atuação dos curdos no Iraque - primeiramente contra Saddam Hussein e depois contra o Estado Islâmico - foi de grande utilidade para garantir a eles uma relativa autonomia na região norte desse país, porém ainda muito distante da tão sonhada independência e constituição inicial de seu território. Nesse país, a maioria dos curdos é de orientação sunita (menos radical), que compõe cerca de 17% da população de todo o Iraque, ao passo que os curdos xiitas integram apenas 1%.

## O QUE FALTA PARA A CONSTITUIÇÃO DE UM ESTADO CURDO?

Aparentemente, os curdos estão longe de constituir o seu próprio Estado. Primeiramente, a atuação do grupo PKK, considerado terrorista por muitos países, dificulta o reconhecimento da luta desse povo no contexto internacional. Em segundo lugar, cabe destacar que o território reivindicado, além de fazer parte de seis países, contém uma série de recursos naturais e nascentes de águas, isso em uma região onde esse recurso é extremamente escasso, o que faz com que os países apresentem uma forte resistência. Por fim, a falta de influência política dos curdos e o desinteresse das potências ocidentais colocam a luta curda em um plano secundário na Geopolítica do Oriente Médio.

**Fonte: Brasil Escola**

*Então não esquece: são perseguidos principalmente por serem separatistas, são considerados terroristas pela Turquia.*

## SRI LANKA, UM MOSAICO ÉTNICO E RELIGIOSO

País sofre mais de 30 anos de conflito dos separatistas tâmeis, segunda etnia do país, que representa mais de 15% da população e está concentrada no norte e nordeste do país. Vítima de uma série de atentados que deixou 207 mortos em abril de 2019, o Sri Lanka é uma ilha do oceano Índico que abriga um mosaico étnico e religioso e sofre mais de 30 anos de conflito dos separatistas tâmeis.

A partir do século 16, o Ceilão foi dominado, total ou parcialmente, por portugueses, holandeses e ingleses, nesta ordem, até alcançar a independência em 1948. A guerra civil aconteceu por consequência direta pela influência britânica, que, desde o século 19, valorizou uma das etnias locais, os tâmeis, que são de maioria hindu e vivem na faixa mais ao norte, em detrimento dos cingaleses, budistas em geral e moradores da área mais ao sul do país.

Com o fim do domínio colonial, os cingaleses, que formam a maioria da população, chegaram ao poder e levaram o governo a adotar sua religião e sua língua como as oficiais do país. Em reação, o tâmil Velupillai Prabhakaran fundou, em 1976, os Tigres de Libertação da Pátria Tâmil.

Quando o grupo realizou uma emboscada contra um comboio do exército e matou 13 militares, os tumultos populares que se seguiram provocaram a morte de pelo menos 3 mil tâmeis. Era o início da guerra civil, que contou com um cessar-fogo em 2002, encerrado três anos depois pela morte do tâmil Lakshman Kadirgamar, ministro do governo cingalês que promovia o diálogo entre os dois lados. O conflito foi marcado por episódios sangrentos, como o massacre de 33 monges budistas em Aranthalawa, em 1987.

Os tigres tâmeis contavam com sua própria marinha, uma força aérea formada por aviões de pequeno porte e um grupo de elite dedicado a matar políticos – alcançaram o objetivo em 1991, quando assassinaram o ex-premiê indiano Rajiv Gandhi, e dois anos depois, ao matar o presidente do Sri Lanka, Ranasinghe Premadasa. Em 2001, metade dos aviões comerciais do país foi destruída por um ataque tâmil ao aeroporto de Colombo.

Velupillai Prabhakaran morreu em 2009 em um ataque do governo, que depois anunciou o fim do conflito. Os próprios Tigres Tâmeis formalizaram, por e-mail, a capitulação. Estima-se que a guerra tenha provocado pelo menos 100 mil mortes.

### Sri Lanka bloqueia redes sociais em meio a conflito religioso

O país de maioria budista tem vivido uma grande disputa. Monges atacaram mesquitas e negócios pertencentes a muçulmanos



### Suposto responsável de ataques no Sri Lanka em abril é detido

Interpol informou que o principal suspeito do atentado que matou mais de 300 pessoas e mais quatro suspeitos foram extraditados



### Dois meses após ataques, Sri Lanka prolonga estado de emergência

Bombardeios contra igrejas cristãs e hotéis de luxo em Colombo, capital do país, deixaram 253 mortos e mais de 500 feridos



**notícias de  
2018 e 2019**

## REPORTAGENS:

MUNDO

**Independência da Catalunha vence referendo com 90% dos votos, diz governo catalão**



**Primeiro-ministro espanhol pode dar autonomia à Catalunha para manter governo**



## CATALUNHA E PAÍS BASCO



### Catalunha

Nação que vive no norte da Espanha, também querem lutar por sua independência. Foi marcado um referendo para consultar a população catalã sobre a independência, em 9 de novembro de 2014.

Apesar da consulta estar tecnicamente suspensa pelo Tribunal Constitucional Nacional da Espanha, o sentimento separatista cresceu rapidamente.

Mais de 1,8 milhão de pessoas compareceram a um protesto a favor da independência.

Lá se fala espanhol e o catalão, uma língua própria. A tradição cultural permeia a ideia de uma "nação" catalã no imaginário coletivo.

A independência da Catalunha é uma reivindicação antiga dos nacionalistas. Além de causas históricas, um argumento popular para a independência é que o governo espanhol estaria se aproveitando da região e cobrando impostos demais.

A crise financeira de 2008 aumentou o descontentamento e fortaleceu o movimento separatista. Já quem é contra, também argumenta que sem o apoio econômico federal, a região não terá sustentação financeira.

### HISTÓRICO DE AUTONOMIA

Na Idade Média, a Península Ibérica era dividida em diferentes reinos. Em 1137, os condados que compunham a Catalunha iniciaram uma aliança com a Coroa de Aragão, que conquistou os últimos redutos árabes. Gradualmente, os catalães se transformaram em uma potência econômica e política, com a conquista de territórios no Mediterrâneo e uma forte presença no comércio marítimo.

A delegação permanente das cortes catalãs (um dos primeiros parlamentos europeus) foi substituída pela Generalitat de Catalunya, instituição de governo que foi restaurada no século 20. Com a união do Reino de Aragão e Castela, a região passou a ser parte da Monarquia Espanhola. Porém, os domínios de Aragão mantiveram-se soberanos, com fronteiras estabelecidas e instituições de autogoverno próprias.

Em 1640, acontece uma revolta catalã contra a Espanha e a Catalunha se declara independente, com a proteção da França. A Guerra da Sucessão Espanhola disputou-se entre 1701 e 1714 (pelo direito de sucessão da coroa espanhola) e levou ao trono Felipe V, dos Bourbons.

**A Catalunha resistiu ao novo governo** - via em Felipe V a instauração do centralismo em todos os territórios conquistados. Após o cerco a Barcelona, a Catalunha passou a fazer parte de uma Espanha Unificada. A derrota provocou a imposição da cultura castelhana e a abolição das instituições políticas catalãs. Em 1931, quando a Espanha se tornou uma República, a Catalunha voltou a conquistar autonomia. Durante a ditadura franquista, esse direito foi perdido. Após a morte do general Franco e a abertura política da Espanha, a Catalunha conquistou o direito de ter seu próprio Parlamento, força policial e sistema de educação.

Fonte: Uol Vestibulares

≡ EL PAÍS

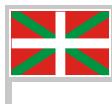
INTERNACIONAL

ANÁLISE | REFERENDO SOBRE A INDEPENDÊNCIA DA CATALUNHA | ANÁLISE ⓘ

### *Dez mitos sobre a independência da Catalunha*

O EL PAÍS desconstrói, ponto a ponto, os principais argumentos que os apoiadores do 'sim' sustentam





## PAÍS BASCO

Em 2018 o grupo o **ETA** anunciou o fim da organização.

Você sabe do que eu tô falando? Que tal conhecer um pouquinho mais da história desse pedaço da Espanha?

“Chama-se de País Basco a região das montanhas dos Pirenéus, uma região distinta que fica entre dois países, Espanha e França. Na parte territorial da Espanha, o país está dividido em três cidades: Araba, Bizkaia, Gipuzkoa.

Estabelecido ali há mais de 4 mil anos, esse povo conservou boa parte dos seus traços culturais originais, especialmente o nacionalismo e a língua, que não tem parentesco com nenhuma outra. Ao longo de todo esse tempo, os bascos tiveram seu território ocupado por romanos, visigodos, mouros e francos. A Espanha e a França pegaram sua fatia por volta do século 15. No século 17, a demarcação definitiva das fronteiras dividiu de vez esse povo em dois Estados.

O período de maiores instabilidades na região começou na década de 1930, num período de ascensão de governos totalitários na Europa. A Espanha, governada pelo socialista Francisco Largo Caballero, sofreu duramente pelas tentativas de Francisco Franco, representante do fascismo espanhol, em assumir o poder. Neste período de instabilidade, explode a Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

Durante a Guerra Civil Espanhola, não se podia falar ‘basco’ e este povo perdeu toda a autonomia política e direitos econômicos. Muitos bascos foram presos ou mortos. Franco ordenou ainda bombardeio à Guernica, uma cidade basca, em 1937 e milhares de civis morreram. Para lembrar o fato para a eternidade, Picasso pintou seu famoso “Guernica” para demonstrar o horror da guerra. Quando Franco morreu em 1975, os bascos receberam grande parte da sua autonomia de novo, mas isso não satisfez seu povo.

Em retaliação a tais práticas, surge um grupo nacionalista denominado ETA (Euskadi ta Askatsuna ou Pátria Basca e Liberdade), que tinha como objetivo resistir às restrições impostas pelo ditador, preservando assim a cultura do País Basco.

Com o fim da ditadura, o País Basco conquistou, novamente, uma relativa autonomia, com Parlamento próprio e um sistema tributário independente. O ETA, até então apoiado pela população, costumava agir com manifestações violentas, realizadas por meio de assassinatos de autoridades militares e políticas. Em 1998, o ETA declarou que iria recuar dos atentados terroristas em prol de uma negociação com os governos espanhol e francês, porém, já em 1999, os atentados recomeçaram.

O assassinato de Ernest Lhuch, ex-ministro da saúde, destaca-se por ter levado cerca de um milhão de pessoas para as ruas de Madrid para protestar contra o grupo terrorista. Nos últimos anos, o ETA vem perdendo sua popularidade também dentro da comunidade basca, primeiro por conta dos atentados contra civis e segundo por conta da relativa autonomia que o País Basco tem em relação à Espanha, podendo conservar sua cultura e, inclusive, ter polícia própria, como já citado.”

**Fonte: Blog do Enem**



## Separatistas bascos do grupo ETA anunciam fim da organização

‘Não há mais motivo para a luta armada, iniciada para combater a repressão da ditadura do general Franco’, explicou o grupo.

## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

Entenda o Brexit e seus impactos em 8 perguntas



Entenda o que é o Brexit, a saída do Reino Unido da União Europeia

Processo teve início em 2016 com tentativas de acordo frustradas



# BREXIT



**4 países formam o Reino Unido: Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte.**

**O Reino Unido nunca foi muito fã dos “estrangeiros”.**

**A saída da União Europeia é pautada na xenofobia, porém, as questões econômicas também são importantíssimas para tal debandada.**

### O QUE É BREXIT?

A sigla Brexit é uma junção de “Britain” e “exit”, que em português significa saída do Reino Unido (da União Europeia). O Brexit, opção que venceu o plebiscito, consiste basicamente no desmembramento, por parte do Reino Unido, do bloco da União Europeia.

### VOCÊ SABE O QUE É A UNIÃO EUROPEIA?

É um bloco econômico formado depois da Segunda Guerra Mundial, cujo objetivo maior é promover a integração e a cooperação entre tais países, em diversos aspectos: econômicos, culturais e políticos.

A União Europeia, tal qual a conhecemos hoje, passou por diversas etapas e sucessivas uniões. No geral, o principal objetivo desse estreitamento, era o **fortalecimento** dos países europeus a fim de criar um mercado comum, reduzir custos e fomentar a economia.

Primeiramente ocorreu a criação do CECA (Comunidade Europeia do Carvão e do Aço) em 1952. Essa era composta por Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, França e Itália, chamada de a “Europa dos seis”. Em 1957, foi criado o Mercado Comum Europeu (MCE) ou Comunidade Econômica Europeia (CEE). Ele integrou mais alguns países: Inglaterra (1973), Irlanda (1973), Dinamarca (1973), Grécia (1981), Espanha (1986), Portugal (1986) chamado de “Europa dos doze”. Vale ressaltar que com a criação do Mercado Comum Europeu, a livre movimentação de pessoas entre os países-membros, passou a ser permitida. Em 1991, o Tratado de Maastricht estabelece o fortalecimento econômico desses países por meio da criação de uma moeda única, o Euro. Entretanto, somente a partir de 2002 que o Euro foi colocado em circulação. Contudo, alguns países, como, por exemplo, Inglaterra e Dinamarca, preferiram manter suas moedas nacionais, outros foram adotando o euro de forma gradativa.

### POR QUE O REINO UNIDO ESCOLHEU DEIXAR A UNIÃO EUROPEIA?



“A realização e o resultado do plebiscito sobre a presença do Reino Unido na União Europeia traduzem um sentimento compartilhado por muitos europeus em relação à essa organização – especialmente nos últimos anos. o mundo passa por uma grave crise de refugiados: chegamos ao maior número de pessoas que abandonam seu país-natal desde a Segunda Guerra Mundial, por causa de conflitos armados que ameaçam suas vidas. Desesperadas, essas pessoas fogem para lugares que eles acreditam serem seguros e acolhedores.

Por esse motivo, milhões de pessoas têm migrado incessantemente de países da África e do Oriente Médio para a Europa. A onda de imigrantes assusta muitos europeus, que muitas vezes reagem com xenofobia em relação a essas pessoas. A campanha pelo Brexit certamente foi muito fortalecida pela percepção de que o Reino Unido estava sendo prejudicado pela facilidade com que muitos estrangeiros conseguiam migrar para o país. A alegação de que o país não possui controle efetivo sobre suas próprias fronteiras por causa da União Europeia pesou bastante para o resultado final. Além da questão da imigração, também há o argumento de que a União Europeia cria uma situação injusta entre seus membros, em que os países com economias mais fortes (como Alemanha, França e Reino Unido) sustentam os países economicamente mais fracos e endividados (Espanha, Portugal, Grécia, Itália, etc).

Por fim, é preciso notar que o Reino Unido é um país que guarda algumas diferenças com seus vizinhos. O país fica em uma ilha e sua vocação marítima o alçou à condição de maior império do mundo no século XIX, com colônias espalhadas por todo o globo. É daí que vem a famosa frase "O sol nunca se põe no império britânico".

O sentimento nacionalista britânico, portanto, pode ter sido um apelo para que a população da ilha (principalmente os ingleses e galeses) deixasse seus pares europeus. Membro da UE desde 1973, o Reino Unido sempre teve uma participação titubeante no bloco. Um exemplo disso é que o país nunca adotou o euro como moeda (a libra esterlina continuou circulando). O país também não participou completamente do acordo de Schengen, que não era originalmente parte da União Europeia, mas desde 1997 faz parte do quadro jurídico; tal acordo criou um espaço de livre circulação de pessoas entre países europeus, sem a necessidade de controle de passaporte."

Fonte: Politize!



## A SAÍDA

Embora o Reino Unido tenha acertado os termos de sua saída da UE, os dois lados ainda precisam decidir como será seu relacionamento futuro. Isso será resolvido durante o período de transição (que alguns preferem chamar de período de implementação), que começa imediatamente após o dia do Brexit e deve terminar em 31 de dezembro de 2020. Durante este período de 11 meses, o Reino Unido continuará a seguir todas as regras da UE e sua relação comercial permanecerá a mesma.

### Qual são os principais temores?

Críticos dizem que o Reino Unido terá dificuldade para definir como ficará sua relação com a União Europeia no futuro porque o período de transição é relativamente curto. O governo britânico espera obter com a UE um acordo especial, semelhante ao da Noruega e da Suíça, que não fazem parte do bloco. No caso norueguês, especificamente, europeus não precisam de visto para morar ou trabalhar, mas têm que se registrar na polícia. Porém, essa possibilidade parece remota.

Além disso, muitos analistas temem que o Brexit acabe por prenunciar a dissolução do Reino Unido, inflamando movimentos de independência. A Escócia, por exemplo, votou em peso pela permanência na União Europeia e pressiona por um novo plebiscito de independência. Já a Irlanda do Norte também poderia se separar e se unir à República da Irlanda.

Fonte: BBC Brasil

## JUNHO DE 2020

### Reino Unido terá que 'assumir as consequências' do Brexit, diz Merkel.

As negociações para um acordo sobre relações bilaterais futuras ainda estão em andamento. A chanceler alemã endureceu o tom sobre o Brexit.

O governo britânico, liderado pelo primeiro-ministro Boris Johnson, diz que deseja definir a postura a ser adotada após a retirada do país da União Europeia (UE).

G1

MUNDO

## Reino Unido terá que 'assumir as consequências' do Brexit, diz Merkel

As negociações para um acordo sobre relações bilaterais futuras ainda estão em andamento.





## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

O conflito histórico com a Irlanda que ameaça acordo do Brexit



## A QUESTÃO DAS IRLANDAS



## O conflito histórico com a Irlanda que ameaça acordo do Brexit

Nas últimas décadas, os irlandeses vivem uma conflituosa relação junto às leis que determinam a submissão do país ao domínio britânico. Sob a alegação das diferenças religiosas e culturais, um grupo irlandês terrorista chamado **IRA** (sigla em inglês para "Exército Republicano Irlandês") vem atuando por meio de sequestros, assassinatos e outros atos de vandalismo que consolidaram uma tensa relação entre as autoridades britânicas e o país em questão.

Historicamente, a dominação britânica sob o território irlandês aconteceu durante o governo de Henrique II, no século XII. Nesse período, o processo de formação das monarquias nacionais e o problema da falta de terras motivaram esse processo de dominação que se concluiu com a assinatura do Tratado de Windsor.

Por esse documento, ficava garantido o direito da Inglaterra em estabelecer as suas leis em território irlandês.

Chegando ao século XVI, momento em que as religiões protestantes afloravam, o estabelecimento da Igreja Anglicana na Inglaterra promoveu uma séria transformação nas relações junto à Irlanda. A maioria católica do território irlandês resistiu ao processo de conversão religiosa ao anglicanismo, imposto como meio de reafirmação da autoridade monárquica em seus territórios.

No século seguinte, essa rivalidade se ampliou quando o rei Jaime I implantou um projeto de colonização da região de Ulster, do qual os irlandeses foram claramente ignorados. A situação excludente acabou alimentando a realização de várias rebeliões entre as décadas de 1640 e 1650, quando as autoridades britânicas impuseram uma violenta repressão contra os revoltosos e repassou parte do território irlandês para produtores ingleses.

Atingindo o século XIX, os movimentos em favor da autonomia irlandesa ganharam significativa força com a disseminação das ideias liberais. No ano de 1829, um movimento de feição nacionalista conseguiu a conquista de alguns direitos civis, entre os quais se incluíam a ocupação de cargos públicos. Na metade do século XIX, essa mesma população sofreu com doenças e a fome, que juntas, mataram 800.000 irlandeses em um curto espaço de tempo

**No começo do século XX**, o Sinn Fein (nós sozinhos) formou um novo movimento nacionalista, responsável pela eleição de vários representantes irlandeses no Parlamento Britânico. Impulsionados por esse desempenho, os integrantes do novo partido resolveram proclamar a independência unilateral da Irlanda, já em 1919. Em pouco tempo, os colonizadores da região de Ulster e a própria Coroa Britânica reagiram contra o pedido de autonomia política.

Após dois anos de confronto, os britânicos assinaram um tratado onde reconheciam a independência irlandesa no ano de 1921. No ano de 1937, a independência irlandesa foi reafirmada com a organização de sua primeira cara constitucional. Em 1949, os britânicos reconheceram a autonomia irlandesa e permitiram que a região do Ulster também se tornasse independente com a criação da Irlanda do Norte. No entanto, os conflitos estavam longe de acabar.

No início da década de 1920, o IRA aparece com suas ações terroristas que reivindicavam o completo fim da interferência britânica e a unificação completa de seu território. Por outro lado, os protestantes de origem britânica que ocupavam a região Norte repudiavam tal intento, já que temiam a represália dos católicos que dominavam o Sul. Dessa forma, a questão irlandesa passou a se desdobrar em um conflito político, contra os ingleses, e religioso, voltado contra os irlandeses do Norte.

Ao longo de todo o século XX, observamos que o confronto entre a Inglaterra e o IRA sugeria a extensão de um problema praticamente irresoluto. No entanto, a partir da década de 1990, o processo de integração das economias europeias, com o desenvolvimento da União Europeia, contribuiu significativamente para que essa guerra chegasse ao final.

Mesmo com as tentativas de aproximação e o próprio enfraquecimento dos movimentos radicais, a questão irlandesa ainda sobrevive na ação isolada de pequenos grupos que se utilizam do discurso de violência e autonomia que se desenvolveu ao longo do tempo. Apesar de uma ou outra manifestação, várias indicativas hoje, contribuem para que a questão irlandesa atinja o seu fim.

**Fonte: Brasil Escola**

## PAZ SOB RISCO

A fronteira entre as Irlandas é um assunto de extrema sensibilidade política, diplomática e de segurança. A maior preocupação é que a reinstauração de uma "fronteira dura" poderia colocar em risco o Acordo de Belfast (também conhecido como Acordo da Sexta-Feira Santa) de 1999, que ajudou a pôr fim ao período de violência na Irlanda do Norte conhecido como The Troubles.

Por causa disso, negociadores do Reino Unido e da União Europeia costuraram uma solução, conhecida como "backstop irlandês", que visava a garantir que a fronteira fosse mantida aberta em qualquer cenário de Brexit. Por esse arranjo, Reino Unido e União Europeia manteriam uma relação muito próxima por um prazo indeterminado até que ambas as partes chegassem a um acordo sobre a fronteira.

Já a Irlanda do Norte permaneceria ainda mais intimamente ligada às regras do mercado único europeu. Isso evitaria, portanto, a necessidade de inspeções na fronteira. No entanto, esse arranjo proposto pela ex-primeira-ministra britânica Theresa May desagradou parlamentares conservadores. Eles temem que o Reino Unido fique preso ao bloco europeu por prazo indefinido, ou seja, sem a possibilidade de costurar acordos comerciais com outros países. Essa oposição acabou levando a ex-premiê a renunciar ao cargo, em maio deste ano.

**Fonte: BBC BRASIL**

## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

Crise na Venezuela: quem é Juan Guaidó, presidente autoproclamado quer tirar Nicolás Maduro do poder?



NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

Por que Juan Guaidó vive um de seus piores momentos desde que se proclamou presidente da Venezuela



## CRISE NA VENEZUELA: SITUAÇÃO ATUAL



**A Venezuela é um país com 30 milhões de habitantes e guarda as maiores reservas de petróleo do mundo. A queda dos preços desse recurso natural foi um dos grandes agravantes da crise enfrentada pelos venezuelanos.**

O país enfrenta hiperinflação e existe racionamento nos supermercados. No caso de itens básicos, como leite, cada venezuelano pode comprar apenas dois litros por vez. Além disso, o número do RG é o que determina o dia permitido para compras. A natalidade aumentou na Venezuela, pois não existem anticoncepcionais à venda. Da mesma forma, medicamentos básicos também estão em falta.

Diante de um cenário tão crítico, a criminalidade cresce, assim como a violência na repressão policial. Até mesmo manifestantes populares insatisfeitos com a situação têm sido contidos com violência. Em maio de 2017, a população foi às ruas em protesto contra a crise na Venezuela e as mudanças políticas ocorridas depois que o presidente Nicolás Maduro retirou os poderes do Congresso, que basicamente é formado por opositores.

### ORIGEM DA CRISE NA VENEZUELA

A crise da Venezuela começou com as políticas populistas adotadas por Hugo Chávez, na chamada Revolução Bolivariana. Esse foi o nome dado pelo então presidente da Venezuela às suas políticas de governo, inspiradas nas ideias de Simón Bolívar.

Porém, o estopim da crise foi a queda das cotações de petróleo, a partir de 2015. Em função das grandes reservas de petróleo que a Venezuela possuía, o país baseou sua economia ancorada na cadeia petrolífera e não diversificou a economia do país para outros ramos.

Quando houve a queda de preço do petróleo no mercado internacional, entre 2014 e 2015, a economia venezuelana despencou drasticamente, reduzindo as suas receitas e as importações. Além disso, a produção sofreu queda, em função da restrição de investimentos e também por causa da má gestão e corrupção na estatal Petróleos de Venezuela (PDVSA).

Hugo Chávez assumiu a presidência da Venezuela pela primeira vez, em 1999, a produção de petróleo era superior a 3 milhões de barris diários. Atualmente, conforme dados da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), é de cerca de 1,5 milhão de barris por dia.

### Crise do petróleo

No início dos anos 2000, a cotação do barril superava os US\$ 100. Em 2008, o preço atingiu US\$ 138. No entanto, a partir de 2014 as cotações do produto começaram a cair. Em janeiro de 2015 o valor era de US\$ 50, e em janeiro de 2016 caiu para menos de US\$ 30.

Essa desvalorização aconteceu por várias razões, entre elas destacam-se:

- desaceleração da economia chinesa e crise na Europa, resultando em menor demanda pelo produto;
- descoberta e extração de gás e óleo de xisto, especialmente nos Estados Unidos, competindo diretamente com o petróleo;
- crise diplomática entre Irã e Arábia Saudita, depois da invasão da embaixada saudita na cidade de Teerã, em 2016;
- recusa dos países da OPEP em reduzir a produção. Os integrantes da Organização preferiram vender o produto por valores baixos e, com isso, inviabilizar a concorrência de outros produtores ou de produtos como o xisto.

## Dependência das importações

Como a economia da Venezuela sempre se baseou no petróleo, não houve desenvolvimento de outras atividades, como a indústria ou agricultura. Como se não bastasse isso, Chávez nacionalizou algumas indústrias, como as de cimento e aço, e retirou propriedades rurais.

Dessa forma, a produção nacional foi substituída pela importação, deixando a nação cada vez mais dependente do mercado externo. Alimentos, medicamentos e outros insumos essenciais precisavam ser importado de outros países, já que não havia produção interna.

Com o agravamento da crise na Venezuela (2017), faltou dinheiro para importar. Com isso, a população passou a enfrentar sérios problemas de desabastecimento. A consequência foi o racionamento de itens essenciais e a elevação de preços dos produtos, comprometendo ainda mais a qualidade de vida dos venezuelanos. A população empobreceu significativamente e o índice de pessoas na chamada linha de pobreza atingiu 87%.

## Hiperinflação

A inflação na Venezuela alcança números absurdos. Em 2017, o Banco Central venezuelano registrou uma taxa de inflação de 862,6%, em 2018 atingiu os 130.060%, e a previsão do Fundo Monetário Internacional (FMI) para o fechamento de 2019 é de 10.000.000%.

Para tentar controlar a inflação, o governo adotou políticas equivocadas, como restrições à compra de dólares pela população e emissão de papel-moeda para cobrir o rombo das contas públicas. O impacto disso foi o aumento da inflação.

A hiperinflação levou à falta de dinheiro em circulação, uma vez que as pessoas precisam de muito mais bolívares para comprar qualquer coisa. Quem não utiliza meios eletrônicos de pagamento precisa levar pilhas de notas para as compras.

## Crise política

Atualmente, o país está dividido entre os chavistas e seus opositores. O chavismo defende a maior participação social na política e tem um viés socialista. O principal partido político que representa esse pensamento é o Partido Socialista Unido de Venezuela.

Esse partido vem se mantendo no poder em função de uma alteração constitucional promovida por Chávez, em 2009, estabelecendo que não há limite para a reeleição do presidente. Ele presidiu o país até sua morte, em 2013, quando o vice Nicolás Maduro foi eleito com a promessa de dar continuidade às políticas do antecessor. Com a crise e as medidas equivocadas adotadas por Maduro para controlá-la, houve vários protestos populares. Em 2015, o presidente perdeu o controle do parlamento. Em resposta, convocou uma Assembleia Nacional Constituinte, reduzindo o poder do legislativo.

Maduro foi reeleito, mas as eleições foram contestadas dentro e fora do país, pois o índice de abstenção atingiu 54%. O principal opositor passou a acusar o governo de coagir os mais pobres, uma vez que Maduro prometeu um benefício extra concedido pelo Estado para as pessoas comparecerem ao pleito.

A atitude resultou na suspensão da Venezuela na Organização dos Estados Americanos (OEA), por ilegitimidade nas eleições e desrespeito à Carta Democrática Interamericana. Por sua vez, o presidente Donald Trump (EUA) decretou sanções econômicas à Venezuela.

## O Brasil e a Venezuela

Com a crise social e política, muitos venezuelanos passaram a migrar para o território brasileiro. Em algumas cidades de fronteira, a entrada dessas pessoas trouxe problemas como falta de moradia e dificuldade de atendimento nos serviços públicos.

O estado de Roraima, inclusive, solicitou, em agosto de 2018, ao Supremo Tribunal Federal (STF) o fechamento temporário das fronteiras com a Venezuela. Mas nem todos os estados brasileiros adotam atitudes tão drásticas em relação aos venezuelanos. Várias cidades de Santa Catarina, por exemplo, estão recebendo os imigrantes, levados de Roraima para lá por aviões da Força Aérea Brasileira, que participa da Operação Acolhida.

Os venezuelanos são encaminhados para abrigos, recebem atendimento médico, vacinação e documentos, como carteira de trabalho. Porém, o Brasil também enfrenta retração econômica, que se reflete em altos índices de desemprego. E a crise na Venezuela não dá sinais de estar próxima ao fim.

## Fonte: Stoodi

### Imigração de venezuelanos no Brasil

A crise humanitária que atinge a Venezuela tem feito milhares de venezuelanos migrarem para outros países, como o Brasil.



Coronavírus: pandemia agrava fome e desespero na Venezuela



## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

4 pontos para entender os protestos no Chile



NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

Protestos no Chile: os 3 acordos nacionais que Piñera propõe para tentar conter a violência política



## PROTESTOS NO CHILE: O QUE ESTÁ ACONTECENDO?



### O Chile é tido como o país mais próspero da América do Sul.

Exportações em alta, crescimento acima da média dos demais países da América Latina, na casa do 4% ao ano, e participação em grandes acordos comerciais internacionais indicam a aparente pujança econômica projetada em relação ao resto do continente.

Somado à essa imagem, sua capital ordenada e atrativa, as paisagens naturais estonteantes e a proximidade cultural e geográfica com o Brasil colocaram o Chile como um dos destinos turísticos internacionais mais desejados pelos brasileiros.

Em contraste com essa imagem eclodiram os protestos sociais das últimas semanas, o que surpreendeu a muitas pessoas que até então viam o país andino como o mais estável da região. Medidas como o estabelecimento de estado de emergência, de toque de recolher em diversas cidades do país e a convocação do exército nas ruas foram tomadas para o restabelecimento da ordem pública.

Parece contraditório, não? Neste texto vamos buscar esclarecer isso e desvendar melhor as motivações dos manifestantes, entender como o desenho institucional chileno impacta na situação e as ferramentas utilizadas pelo Estado para restabelecer a ordem pública.

### O DESPONTAR DA CRISE

O pontapé inicial para o movimento foi o aumento de 3,75% na tarifa do transporte público de Santiago, isso equivaleria a um aumento, em reais, de 15 centavos. A passagem passaria então de R\$4,35 para R\$4,50, o que levou a manifestações de estudantes secundaristas, nos dias 17 e 18 de outubro, as chamadas "evasiones", nas quais grupos gigantescos de estudantes reuniram-se para pular a catraca do metrô como forma de protesto.

Com a repressão aplicada ao movimento dos secundaristas e a falta de recuo destes, as manifestações tomaram um volume muito maior e mais generalizado, incluindo novas pautas, mas também a depredação de bens públicos e privados. Mesmo depois de o aumento ter sido revogado, os protestos em massa seguiram, assim como as medidas de emergência tomadas pelo governo: o Estado de Emergência no dia 18 de outubro e o Toque de Recolher na maior parte do país nas noites da semana seguinte a esse dia (ambos serão explicados mais abaixo).

O movimento pode lembrar o que aconteceu no Brasil em 2013, o que ficou conhecido como #vemprua, mas será que é possível estabelecer um paralelo tão direto entre os dois eventos? O que de fato desencadeou a revolta no caso chileno? Para responder a essas perguntas é preciso voltar um pouco no tempo e entender o modelo econômico aplicado no Chile.

### O MODELO CHILENO E AS ORIGENS DO DESCONTENTAMENTO

O país é conhecido por ser o primeiro onde o modelo neoliberal foi implementado e o onde ele melhor se consolidou no decorrer das décadas. Isso quer dizer que as obrigações do Estado foram reduzidas. A partir das reformas realizadas durante o regime militar de Augusto Pinochet (1973-1989) a educação, a saúde e o sistema de aposentadorias passaram a funcionar a partir do mercado privado, ainda que contando com alguns subsídios públicos. Assim, a máxima desde então é realizar uma gestão eficiente a partir dos governos, deixando a cargo de empresas desde o sistema de rodovias até o fornecimento de água.

Somado à esse desenho institucional, a pujança econômica projetada para fora não garantiu uma distribuição eficiente da riqueza internamente. Apesar de ser o país latinoamericano com a renda per capita mais alta (13.481 euros em 2018) e com o mais elevado Índice de Desenvolvimento Humano (0,843, em 2017), ele possui um nível elevado no Coeficiente de Gini (0,45). Ainda que esteja longe do Brasil (0,54), que é o país mais desigual do continente segundo esse mesmo indicador, no Chile outras questões geram um sentimento maior de injustiça social, como a falta de garantias sociais, a segregação social na cidade de Santiago e um custo de vida alto em relação ao salário mínimo.

Para que se tenha idéia, apesar de o salário mínimo ser alto em relação ao continente: US\$414,00; o custo de vida por pessoa é calculado em média em US\$684,00; no Brasil, o custo de vida médio está na casa dos US\$383,00. No caso dos aposentados essa diferença é ainda mais dramática, já que a pensão média é de US\$286,00.

Ou seja, o grande plano de fundo para as manifestações atuais é a contradição de viver em um país que vai bem economicamente e se destaca em relação aos vizinhos, mas sem necessariamente ter acesso a melhores condições de vida por conta disso

O próprio presidente Sebastian Piñera reconheceu que seu governo foi pouco sensível às necessidades da população e, como resposta aos protestos, sugeriu uma agenda social cuja principal medida é o aumento do salário mínimo de 300.000 pesos para 350.000 mil pesos, um aumento relativo de em torno de 300 reais. Contudo, essa agenda não deu conta de acalmar os ânimos, e os protestos com casos de violência de ambas as partes envolvidas seguiram.

### As principais demandas que foram feitas pelos manifestantes são:

- a revogação do aumento da passagem do transporte público;
- a renúncia de Andrés Chadwick (Ministro do Interior e de Segurança Pública);
- e mudanças nas questões sociais estruturais a partir de uma nova Constituição que substitua o texto atual, redatado durante a ditadura militar.

### As medidas do governo para garantia da ordem

A grande virada para a escalada da violência aconteceu na noite do dia de 18 de outubro, quando foi queimado um edifício de mais de 20 andares que sediava a maior companhia de energia do país, além de incêndios provocados em estações de metrô. A primeira reação do governo foi decretar Estado de Emergência.

Essa é uma medida excepcional que está prevista no artigo 40 da Constituição do Chile e na Lei N°18.415 (Lei orgânica de Estado de Exceção Constitucional). Ele deve ser convocado através de decreto presidencial em caso de alteração grave da ordem pública ou de perigo à segurança da nação.

A medida pode servir para parte ou para a totalidade do território e não pode durar mais do que 15 dias. Durante o período em que esteja vigente, é o Chefe de Defesa Nacional, designado pelo presidente da república, quem assume o comando das zonas circunscritas à medida. Sua figura é responsável pelo comando das Forças Armadas e de Segurança Pública que se encontrem na zona, assim como o controle de entrada e saída dela e também possui a autoridade constitucional de limitar os direitos de trânsito e reunião, como colocar o Toque de Recolher, por exemplo. Foi a primeira vez desde a redemocratização (1990) que ambos os mecanismos foram utilizados.

### O desfecho da crise até então

Após dias de embates com manifestantes, mais de 3.000 pessoas foram presas, houve uma escalada da violência e inúmeros casos de abusos por parte de agentes de estado foram relatados pelo Instituto Nacional de Direitos Humanos; as medidas de ordem militarizadas demonstraram-se ineficazes para conter a insatisfação popular. O governo buscou, então, ceder com algumas reivindicações do movimento e mudar o discurso empregado até então.

No 25 de outubro, foi convocada a “maior manifestação da história” do Chile, na qual mais de 1,2 milhão de pessoas se reuniram ao redor da Plaza Italia, principal palco de manifestações da cidade. Isso marcou uma virada na correlação de forças e o governo fortaleceu a busca de um diálogo com as reivindicações da rua.

Um esforço feito pelo presidente Piñera nesse sentido foi pedir a renúncia de todo o seu gabinete de ministros, realizando uma reforma e mudando oito nomes, incluindo a saída do ministro do interior e de segurança pública, o que era pedido por muitos manifestantes.

O estado de emergência foi revogado no domingo dia 27 de outubro, porém Santiago ainda não conseguiu recuperar a vida cotidiana e as manifestações seguem acontecendo, ainda que com menor força que na semana passada.

Afinal, ainda não é possível extrair um saldo final de todo o movimento. O que já é possível afirmar é que a busca de uma saída conjunta para isso exigirá um grande esforço de diálogo entre governo, oposição e sociedade civil na busca de um novo pacto social que traga dias mais tranquilos.

**Fonte: Politize!**



NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês | #SalaSocial | Vídeos

**Protestos no Chile: a manifestação histórica que encheu as ruas de Santiago**



## REPORTAGENS:

### Vitória moral dos 'coletes amarelos'

MARC BASSETT | Paris | 06 de 2019 | 10:42 BRT  
Um ano após explodir a mobilização na França, o impacto é permanente apesar de sua frágil capacidade de convocação e uma imagem ofuscada pela violência



NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

Coletes amarelos: Protestos violentos voltam a ocorrer nas ruas de Paris



## COLETES AMARELOS

**Movimento autodenominado 'espontâneo, horizontal e apártidário' avança sobre o governo Macron, com apoio da esquerda populista e da extrema direita.**

Desde o dia 17 de novembro de 2018, os franceses se habituaram a ver em ruas, avenidas e estradas um grupo de pessoas vestidas com coletes amarelos e fitas refletoras, como se fossem agentes de trânsito ou funcionários responsáveis pela limpeza e conservação das vias.

Os "coletes amarelos" (gilet jaunes, em francês) são, na verdade, manifestantes. Eles se multiplicaram aos poucos no último mês. Partiram de zonas rurais e dos subúrbios franceses e avançaram paulatinamente na direção dos centros urbanos, até juntarem mais de 8.000 pessoas na Champs Elysée, a principal avenida de Paris, no sábado (24), numa marcha que terminou em choque com a polícia.

A peça da vestimenta, o colete amarelo – ou, às vezes, verde limão –, virou marca registrada e nome do grupo. Com a hashtag #giletjaune, os manifestantes passaram a convocar protestos cada vez mais numerosos e sintonizar o discurso via redes sociais.

Na França, todos os motoristas são obrigados a levar coletes amarelos dentro de seus automóveis. A ideia é que, em caso de acidente ou pane, o condutor use a vestimenta para se fazer visível e evitar acidentes nas vias públicas. Algo que faz da vestimenta algo fácil de acessar.

Na França, todos os motoristas são obrigados a levar coletes amarelos dentro de seus automóveis. A ideia é que, em caso de acidente ou pane, o condutor use a vestimenta para se fazer visível e evitar acidentes nas vias públicas. Algo que faz da vestimenta algo fácil de acessar.

### O QUE OS COLETES AMARELOS QUEREM

A primeira pauta de reivindicação do grupo é o preço do combustível na França. Por isso, motoristas profissionais, especialmente os caminhoneiros, assumiram a linha de frente de vários protestos.

A gasolina subiu 23% entre outubro de 2017 e outubro de 2018 no país. A variação no preço do combustível está associada a oscilações do mercado internacional, a variações do dólar e, em menor medida, ao custo operacional. Mas o que mais exaspera os manifestantes é a incidência de impostos, que representam entre 56% e 60% dos preços do produto na bomba.

O governo francês está empenhado num plano de redução do uso de combustíveis fósseis por razões ambientais. Para isso, vem subindo os impostos que incidem sobre o setor, como estratégia para financiar alternativas ecologicamente corretas.

A pauta, que começou pelos combustíveis, evoluiu para uma insatisfação generalizada com o "custo de vida" de maneira geral. E daí para pedidos de destituição do presidente francês, Emmanuel Macron, cuja taxa de aprovação é de 32% e a de reprovação, de 68%.

Fonte: Nexo Jornal

Coletes amarelos, greve geral e epidemia de coronavírus: três anos de Macron na presidência





## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

Por que o Brasil ainda não conseguiu entrar na OCDE, o clube dos países ricos



NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

Brasil na OCDE: O que o país cedeu aos EUA em troca de apoio à entrada no 'clube dos países ricos'



# O QUE É A OCDE E POR QUE O BRASIL QUER FAZER PARTE DELA?

**Entrar para o “clube dos ricos” garante benefícios comerciais com países desenvolvidos. Mas também significa que o país quer mudar seu posicionamento global.**

Em janeiro, os Estados Unidos anunciaram que vão formalizar a entrada do Brasil na OCDE como prioridade. Os americanos entregaram uma carta à organização, relatando que querem que o Brasil seja o próximo país a começar o processo de adesão. O presidente Jair Bolsonaro afirmou que a notícia do apoio americano é “muito bem-vinda”.

Anteriormente, em 2019, quando visitou os Estados Unidos e pediu ao seu colega Donald Trump apoio para o Brasil entrar na OCDE, Bolsonaro ouviu de volta uma exigência: a de que os brasileiros abram mão de fazer parte de um grupo com direitos especiais dentro da OMC. Afinal de contas, o que significam essas siglas? Que diferença faz trocar benefícios em um órgão para fazer parte de outro?

Em primeiro lugar, é importante entender o que significam essas duas siglas. **A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)** foi fundada em 1948, com um nome diferente, **OEEC** – sigla em inglês para **Organização para a Cooperação Econômica Europeia**.

A instituição foi criada para organizar o esforço de reconstrução da parte da Europa alinhada com os interesses americanos, logo após a Segunda Guerra Mundial.

Em 1961, a organização cresceu foi rebatizada. Mas manteve a vocação original: trata-se de um **clube para poucos países**, com centenas de regras muito específicas a respeito da legislação e da condução da política econômica. Mesmo atualmente, depois de duas décadas de expansão, a OCDE abriga apenas 36 países. Os únicos integrantes da **América Latina são México e Chile**. A Colômbia foi aceita, mas só vai passar a fazer parte oficialmente assim que as últimas formalidades forem cumpridas.

## ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO (OMC)

Já a Organização Mundial do Comércio é muito maior, conta com 164 países-membros. O Brasil é um deles e, como país em desenvolvimento, conta com algumas concessões especiais, como taxas de exportação mais baixas – são essas taxas que Trump quer que o país abra mão para ter seu apoio na OCDE, um grupo em que os membros colaboram entre si, com um intenso intercâmbio de bens e informações.

Mais do que trocar alguns benefícios por outros, ao pedir ajuda dos americanos para se tornar sócio de um grupo menor, cujos membros são majoritariamente europeus, o Brasil está mudando seu posicionamento político global. Nos últimos anos, o país lutava para se mostrar como uma liderança entre as nações em desenvolvimento. Agora, parece disposto a se colocar como um parceiro dos países mais ricos.

## NOVAS METAS

Em 2007, durante o governo Lula, quando o Brasil foi aceito como um parceiro-chave da OCDE (mas não um membro efetivo), o chanceler do Brasil, Celso Amorim, afirmava: “Entrar na OCDE não é uma reivindicação nem uma aspiração do Brasil. Antigamente se dizia que era preciso entrar na OCDE porque seria um selo de qualidade. O Brasil já tem seu selo de qualidade por sua política econômica e social e não precisa mais buscar isso”. Onze anos depois, no governo de Michel Temer, a situação havia mudado a ponto de o país pedir para fazer parte da lista de sócios majoritários do clube, uma reivindicação já feita nos últimos anos por Argentina e Peru.

Para ser aceito como membro, o país precisa comprovar que mantém práticas econômicas, diplomáticas e comerciais alinhadas com as demais nações do grupo. Deve também ser aceito por cada um dos 23 comitês que avaliam o desempenho dos membros em diferentes áreas, como comércio e agricultura. Por fim, precisa ser aceito, por unanimidade, por cada um dos países-membros.

É um processo que demora vários anos. Se bem-sucedido, confirmaria que o Brasil está alinhado com as melhores práticas das nações mais ricas do planeta – entre os membros da OCDE estão Canadá, Dinamarca, França, Alemanha, Coreia do Sul, Japão, Austrália, Suécia e os próprios Estados Unidos.

O governo do Chile informa que, desde que passou a fazer parte do grupo, em 2010, seus indicadores econômicos melhoraram consideravelmente, em especial o Produto Interno Bruto e os índices de desemprego.

Entre os países que não fazem parte da OCDE estão Rússia, China e Índia. Os indianos nem solicitaram a inclusão, porque não pretendem fazer todos os ajustes regulatórios necessários. Já os russos pediram para participar, mas a avaliação da candidatura foi suspensa depois que o país atacou e anexou a península ucraniana da Crimeia, em 2014.

## RECONHECIMENTO OFICIAL

Na prática, o Brasil já participa da forma bastante ativa da OCDE. Considerado um “parceiro-chave” desde 2007, o país já tem direito a participar de órgãos técnicos, reuniões de grupos de trabalho e seminários de compartilhamento de informações. A grande vantagem, no caso de se tornar um membro efetivo, é participar dos acordos de cooperação exclusivos entre os membros participantes. Participar da OCDE poderia garantir, portanto, acesso diferenciado a novos parceiros comerciais. E posicionaria o país num patamar diferente em termos de relações exteriores globais.

**Fonte: Guia do Estudante.**

NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

**O que o Brasil perde e ganha se entrar na OCDE, o ‘clube dos países ricos’**



## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

Como política ambiental de Bolsonaro afetou imagem do Brasil em 2019 e quais as consequências disso



## UM ANO DE GOVERNO BOLSONARO



**Em 2019, o Brasil estampou com frequência a capa de jornais e revistas internacionais, em parte pelas notícias sobre o aumento das queimadas e do desmatamento na Amazônia, mas também pela forte guinada na política externa no primeiro ano de governo Bolsonaro.**

O Brasil trocou seus principais aliados no cenário internacional, mudou o discurso sobre meio ambiente e entrou em atrito direto com líderes de países importantes, como França e Alemanha.

Segundo especialistas ouvidos pela BBC News Brasil, os rumos tomados na área de relações exteriores do Brasil revelam uma ruptura com tradições diplomáticas do Itamaraty e com estratégias adotadas pelos governos anteriores, principalmente os do PT.

Além disso, as principais decisões de política externa tomadas em 2019 mostram uma disputa constante entre três grupos que integram o governo: militares, olavistas e a equipe econômica.

"É uma política externa marcada por uma tensão permanente entre ideologia e pragmatismo", explica Fernanda Magnotta, professora de Relações Exteriores da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP).

### #1 VISITA DE ESTADO DE BOLSONARO A WASHINGTON, EM MARÇO

A primeira grande guinada na política externa brasileira foi a tentativa de forte aproximação do Brasil com os Estados Unidos. Em março de 2018, Bolsonaro visitou Washington para se reunir pessoalmente com o presidente americano, Donald Trump. Nos encontros e coletivas de imprensa na capital americana, os dois líderes trocaram elogios e declararam que a relação entre Brasil e Estados Unidos nunca esteve melhor.

Desde então, sempre que se encontraram em eventos internacionais, eles trocaram elogios – com Bolsonaro deixando sempre muito clara a admiração que sente pelo americano.

No encontro do G20, no Japão, o próprio Trump disse que Bolsonaro tem orgulho de ser amigo dele, Trump. "Estamos com um cavalheiro que teve uma das maiores vitórias eleitorais do mundo. E ele estava muito orgulhoso de sua relação com o presidente Trump. Ele é um homem especial, que está se saindo muito bem e que é muito amado pelo povo brasileiro. E podemos dizer que Brasil e Estados Unidos estão mais próximos do que nunca", declarou Trump em reunião bilateral com o presidente brasileiro durante a cúpula em Osaka que reuniu líderes das 20 maiores economias do mundo.

Mas para além de troca de palavras generosas, o Brasil pôs em prática uma série de concessões para conquistar a confiança dos Estados Unidos.

Uma das principais delas foi abrir mão do tratamento diferenciado que o nosso país recebia na Organização Mundial do Comércio, a OMC. Essa foi uma exigência do governo americano para que apoiasse o pleito do Brasil de entrada na OCDE, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

O tratamento diferenciado na OMC prevê benefícios para países emergentes em negociações com nações ricas. O Brasil tinha, por exemplo, prazos mais longos para cumprir determinações e margem maior para proteger produtos nacionais.

Por pressão dos Estados Unidos, o governo brasileiro voluntariamente abriu mão desses benefícios que favoreciam nosso país em negociações comerciais. Em mais um gesto de generosidade a Trump, o Brasil recentemente ampliou as cotas de importação e as isenções tributárias para importação de etanol e trigo americanos.

Essas duas decisões preocuparam produtores brasileiros e outros parceiros comerciais do nosso país, como a Argentina, que temem não conseguir competir com os produtos americanos.

A expectativa era que o governo dos EUA liberasse, em troca, o seu mercado de açúcar, um dos mais protegidos do mundo, mas, por enquanto, essa contrapartida não aconteceu.

Outros acenos do Brasil aos EUA incluem o fim da exigência de visto para os americanos, a permissão para que o país lance foguetes da base espacial em Alcântara, no Maranhão, e o voto nas Nações Unidas contra uma resolução que condena o embargo do governo americano a Cuba — só Brasil e Israel se aliaram aos EUA nessa votação da ONU.

Para o americano Christopher Sabatini, professor de Relações Públicas Internacionais da Universidade Columbia, em Nova York, o governo brasileiro acerta na intenção de aumentar as relações com os Estados Unidos, corrigindo o que ele chama de uma política antiamericana implementada pelos governos do PT.

Mas, segundo ele, o presidente Jair Bolsonaro erra em focar na relação pessoal com Trump, não na relação entre governos, e em entregar demais aos Estados Unidos, sem exigir compensações.

Embora o presidente americano tenha anunciado apoio o pleito do Brasil de entrar na OCDE durante a visita de Bolsonaro a Washington, uma carta do secretário de Estado, Mike Pompeo, divulgada em outubro, deixou claro que o governo americano não está disposto a bancar, pelo menos agora, o ingresso do nosso país na organização.

No documento, ele defende abertamente apenas a entrada de Argentina e Romênia no grupo de 36 países que compõem a OCDE. O Brasil é um dos seis países na fila para entrar no organismo e o apoio expresso dos EUA à adesão poderia acelerar o processo, mas isso não ocorreu.

Além disso, mais recentemente, no início de dezembro, Trump acusou Brasil e Argentina de desvalorizarem suas moedas frente ao dólar e anunciou aumentos sobre as tarifas de aço e alumínio importados do nosso país

## # 2 VISITA DE BOLSONARO A ISRAEL, EM ABRIL

Depois da ida a Washington, Bolsonaro fez uma visita de Estado a Israel, em abril, que quebrou alguns protocolos e tradições da diplomacia brasileira. A viagem atendeu a dois grupos da base eleitoral do presidente — parte da comunidade evangélica e da comunidade judaica — e agradou aos Estados Unidos, principal aliado do governo israelense.

Havia a grande expectativa de que Bolsonaro cumprisse a promessa feita na campanha de transferir a embaixada do Brasil de Tel Aviv para Jerusalém. Isso atenderia a uma pressão dos Estados Unidos e a uma reivindicação de evangélicos brasileiros que, com base em interpretações da Bíblia, acreditam que Jerusalém é uma terra prometida aos judeus.

A questão é polêmica, porque Israel reivindica Jerusalém como sua capital, enquanto palestinos querem que a parte oriental da cidade seja capital de um futuro Estado palestino. A ONU e a comunidade internacional como um todo, com exceção de Estados Unidos e Guatemala, mantêm suas embaixadas em Tel Aviv e defendem que a propriedade de Jerusalém seja decidida em negociações de paz. **Apesar de ter dito que reconhece Jerusalém como capital israelense, o governo Bolsonaro acabou recuando da promessa de transferir a embaixada brasileira, após forte pressão da área econômica e militar do governo.**

Representantes de países árabes, que são importantes parceiros comerciais do nosso país, **ameaçaram retaliar caso o presidente seguisse adiante com o plano original.**

A ameaça assustou: os países islâmicos são destino de 6% das nossas exportações. Mas é quando se olha para o setor agrícola que a importância desses parceiros fica mais clara. Nações de maioria muçulmana recebem cerca de 70% de todo o açúcar exportado pelo Brasil, 37% do nosso frango, e 27% da carne de boi.

Ou seja, esses setores produtivos brasileiros ficariam numa situação difícil se as nações árabes decidissem comprar de outros países. No final das contas, Bolsonaro acabou abrindo um escritório comercial em Jerusalém, sem representação diplomática.

Por outro lado, rompendo uma tradição internacional, o presidente brasileiro visitou, acompanhado do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, o Muro das Lamentações, um dos locais mais sagrados do judaísmo.

Como o muro fica em Jerusalém Oriental — ocupada por Israel em 1967, na Guerra dos Seis Dias, e desde então reivindicada pelos palestinos como capital de seu futuro Estado —, líderes internacionais preferem visitá-lo sem o acompanhamento de governantes israelenses, dando à visita um caráter mais pessoal do que de Estado.

**Para muitos observadores, o fato de Bolsonaro ter ido ao local com Netanyahu sinaliza uma espécie de reconhecimento tácito da soberania de Israel sobre Jerusalém Oriental e, novamente, uma mudança na postura até agora equidistante no conflito entre israelenses e palestinos. É, nesse sentido, uma guinada significativa na política externa brasileira.**

### #3 ANÚNCIO DO ACORDO DE COMÉRCIO DO MERCOSUL COM A UNIÃO EUROPEIA, EM JUNHO

Esse foi um momento de destaque para o governo brasileiro e visto por analistas como uma conquista importante. O acordo entre Mercosul e União Europeia derruba uma série de tarifas e barreiras comerciais entre o bloco sul-americano e o europeu.

Segundo estimativas do Ministério da Economia do Brasil, ele vai representar um aumento no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro equivalente a R\$ 336 bilhões em 15 anos, com potencial de chegar a R\$ 480 bilhões, se forem levados em conta aspectos como a redução de barreiras não tarifárias.

É um acordo que vinha sendo negociado havia 20 anos, sem ser assinado.

Mas esse acordo ainda precisa ser ratificado pelos parlamentos europeus e pelos Legislativos dos países que integram o Mercosul (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai).

E o próximo ponto que a reportagem da BBC News Brasil abordou pode representar um empecilho para essa aprovação – a mudança na política ambiental do governo brasileiro.

### #4 REAÇÃO ÀS QUEIMADAS NA AMAZÔNIA

Desde que tomou posse, Bolsonaro deixou claro que a política ambiental do Brasil mudou e que a Amazônia não deve ser tratada como um "santuário". Ele passou a defender mineração em terras indígenas, redução de multas ambientais e a expansão das atividades econômicas na maior floresta do mundo.

Essa mudança na política externa foi destaque na imprensa internacional e gerou reações de líderes internacionais. A chanceler alemã, Angela Merkel, chegou a dizer que considera "dramática" a atuação do governo brasileiro na área ambiental.

"Pode ter certeza de que eu, assim como você, vejo com preocupação muito grande a questão da atuação do novo presidente brasileiro. E, na medida do possível, vou usar a oportunidade durante a cúpula do G20 para falar diretamente sobre o tema, porque vejo como dramático o que está acontecendo no Brasil", disse Merkel ao ser questionada durante sessão do Parlamento alemão sobre se seria oportuno levar adiante o acordo do Mercosul com a União Europeia num momento em que o comprometimento do governo brasileiro com o meio ambiente era questionado.

Mas foi a enorme repercussão do alto número de incêndios florestais no Brasil em agosto que colocou a política ambiental do governo no centro das atenções internacionais. Bolsonaro reagiu, inicialmente, minimizando as queimadas e sugerindo que ONGs internacionais estavam por traz do fogo. O governo só enviou tropas do Exército para combater as chamas na Amazônia depois que o caso gerou protestos em várias cidades do Brasil e críticas internacionais.

O assunto proteção da Amazônia foi levado pelo presidente francês, Emmanuel Macron, para ser discutido na cúpula do G7 em Paris, sem a participação do Brasil. Naquele momento, o problema das queimadas ganhou outra dimensão.

**Bolsonaro reagiu afirmando que isso representava um ataque à soberania brasileira sobre a floresta. E a situação escalou depois que o presidente brasileiro reforçou uma piada machista sobre a primeira-dama francesa.**

"É triste, triste. Mas triste sobretudo para o povo brasileiro", respondeu Macron, numa coletiva de imprensa.

Além do mal-estar internacional, houve repercussões nos setores produtivos do Brasil, que começaram a sofrer perdas comerciais por causa de um boicote a produtos brasileiros. **Marcas como Timberland e a gigante de roupas H&M chegaram a suspender a compra de couro brasileiro.**

Em setembro, na estreia de Bolsonaro na Assembleia-Geral das Nações Unidas, havia uma grande expectativa de que ele usasse aquele momento para apresentar dados que comprovassem que o Brasil estava comprometido com o combate aos incêndios.

**Em vez disso, o presidente adotou um tom belicoso e acusou a imprensa internacional e países europeus de "alimentarem o sensacionalismo".**

Recentemente, o presidente acusou o ator de Hollywood Leonardo Di Caprio de participação nos incêndios da Amazônia.

Segundo especialistas, tudo isso representa uma grande guinada da política externa brasileira, já que, desde 1992, quando sediou a primeira conferência da ONU sobre clima, o Brasil tem se posicionado como líder internacional em questões ambientais.

A preocupação agora é que a atual política sobre meio ambiente seja usada por países europeus que competem com o Brasil no setor agrícola, como França e Irlanda, para barrar o acordo do Mercosul com a União Europeia.

## #5 VISITA DE BOLSONARO A PEQUIM, EM OUTUBRO

Há 10 anos, a China é o principal parceiro comercial do Brasil no mundo. E mais: as trocas com os chineses é superavitária para o lado brasileiro. Isso significa que o Brasil tem exportado mais para a China do que importa de lá. Ou seja, mais dinheiro entra do que sai.

Mas, em outubro de 2018, um discurso de campanha de Bolsonaro virou manchete no mundo todo, quando ele disse que a "China está comprando o Brasil". Houve uma preocupação de que o governo, com Bolsonaro presidente, fosse romper ou reduzir as relações com os chineses.

Esse temor se reforçou com a aproximação de Bolsonaro com Trump logo no início de 2019. Será que o Brasil tomaria partido na guerra comercial entre China e Estados Unidos?

Apesar da retórica inicial do presidente, o que se viu na prática foi diferente. O vice-presidente, Hamilton Mourão, **visitou a China em maio para assegurar que o Brasil tem interesse em manter relações comerciais próximas com o país asiático.**

Em outubro, foi a vez de Bolsonaro, que foi recebido por Xi Jinping com honrarias máximas em Pequim.

No encontro, os dois líderes assinaram 11 acordos comerciais, entre eles, o que libera a carne processada brasileira para a China. E, em vez de declarações de desconfiança sobre a China, Bolsonaro defendeu uma presença maior de investimentos e empresas chinesas no Brasil.

"É do interesse da China e nosso também (aumentar investimentos).

Faremos contatos necessários para que seja ampliado o nosso comércio. (A guerra comercial) não é briga nossa. Nós queremos nos inserir, sem qualquer viés ideológico, nas economias do mundo", disse o presidente em coletiva, na capital chinesa.

Para o professor Marcus Vinicius de Freitas, da Universidade de Relações Exteriores da China, em Pequim, o governo deveria ter priorizado, desde o princípio, as relações com a China e não com os Estados Unidos. Na avaliação dele, o Brasil tem muito mais a ganhar com os chineses em termos de comércio e atração de investimentos do que com americanos e europeus.

**Isso porque os produtos que o Brasil exporta, commodities em particular, encontram na China um mercado mais receptivo. Além disso, o gigante asiático continua em expansão e tem interesse em investir em infraestrutura e petróleo no mundo todo. Poderia ser, portanto, potencial fonte de investimentos diretos no Brasil.**

## O QUE SÃO COMMODITIES?

As commodities são matérias-primas básicas como milho, boi, café, petróleo, ouro e outras, sendo divididas entre soft e hard. Sua principal característica é ser pouco processada, sendo utilizada na produção de produtos de maior valor agregado.

**As commodities são a base da economia global.**

Outras características é que a grande maioria podem ser estocadas sem perdas de qualidade.

Outro ponto importante é que estes insumos possuem propriedades bastante semelhantes de um produtor para o outro.

Assim, as commodities são facilmente intercambiáveis e amplamente negociadas no mercado doméstico e mundial.

**São classificadas em: agrícolas, químicas, minerais, financeiras, ambientais e energéticas.**

O Brasil é um dos maiores produtores de commodities do mundo. Então, há grande influência sobre os preços praticados nos demais países. As negociações destes insumos são realizadas através de contratos futuros e opções na bolsa de valores, que por sua vez, podem trazer proteção de capital e ganhos vantajosos.

Na mesma época da viagem à China, Bolsonaro passou pela Arábia Saudita, um dos países mais poderosos do Oriente Médio e grande aliado dos Estados Unidos. A viagem foi vista, também, como um sinal de pragmatismo, mas também foi alvo de críticas já que o país árabe está envolvido em uma série de polêmicas ligadas a violações aos direitos humanos, como perseguição a oponentes políticos e execuções.

Também chamou a atenção o fato de o Brasil ter votado junto com alguns países de maioria islâmica na ONU em questões relacionadas a família e sexo. O Brasil não tem aceitado mais, por exemplo, termos como "gênero" e "direito reprodutivo", em resoluções das Nações Unidas.

## #6 AUSÊNCIA DE BOLSONARO NA POSSE DE ALBERTO FERNÁNDEZ, EM DEZEMBRO

Outro episódio que deu o que falar na política externa brasileira foi a ausência do presidente Jair Bolsonaro na posse do peronista Alberto Fernández como presidente da Argentina e de Cristina Kirchner como vice. Durante o processo eleitoral, Bolsonaro fez repetidas críticas públicas a Fernández, o que foge da tradição brasileira de se manter neutro nas disputas eleitorais dos países vizinhos.

Ele chegou a dizer que uma eventual vitória do candidato de esquerda colocaria a Argentina em risco de "virar Venezuela".

"Povo gaúcho, se essa 'esquerdalha' voltar aqui na Argentina, nós poderemos ter, sim, no Rio Grande do Sul, um novo Estado de Roraima. E não queremos isso: irmãos argentinos fugindo pra cá", disse.

O peronista foi eleito em primeiro turno, derrotando Mauricio Macri, aliado do presidente brasileiro. Bolsonaro inicialmente pretendia mandar somente o embaixador brasileiro em Buenos Aires para a cerimônia de posse. Após pressão do setor militar e econômico do governo, decidiu enviar o vice-presidente, Hamilton Mourão.

De qualquer fora, é a primeira vez em 17 anos que um presidente brasileiro não comparece à posse de um presidente argentino. Mas será que isso vai afetar a nossa relação com a Argentina, que está entre os cinco maiores parceiros comerciais do Brasil e é o maior comprador das nossas commodities? Para a professora Fernanda Magnotta, da FAAP, interesses econômicos devem prevalecer sobre a retórica.

"Muita gente aposta que, apesar dessa retórica contestatória, vai haver uma moderação desse discurso e um enquadramento do governo Bolsonaro pela dinâmica econômica que se impõe. A Argentina está no top 5 do comércio com o Brasil e tem papel importante no Mercosul", diz.

"Com Fernández ou sem Fernández, a Argentina continua impactando muito nossa economia. Então, num momento em que a gente não está podendo se dar ao luxo de escolher parceiros, a gente vai ter que se adequar. Acho que deve acontecer um processo progressivo de normalização."

**Fonte: BBC BRASIL**

## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

O que significa para o Brasil se tornar um 'aliado preferencial extra-Otan' dos EUA?



## ESTADOS UNIDOS DESIGNAM BRASIL COMO ALIADO EXTRA-OTAN



**O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, designou oficialmente o Brasil como aliado militar preferencial do país fora da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). O status facilita a compra de tecnologia militar e armamentos dos EUA, entre outras vantagens.**

Trump havia indicado que pretendia nomear o Brasil como aliado preferencial extra-Otan quando o presidente Jair Bolsonaro visitou a Casa Branca em março. O processo para designação começou cerca de dois meses depois, em 8 de maio, quando Trump notificou o Congresso sobre a intenção através de carta, seguindo o procedimento legal, que determina que o Legislativo seja informado sobre a designação de um aliado militar estratégico fora da Otan pelo menos 30 dias antes do status entrar em vigor.

No documento, Trump afirmou que faria a designação "em sinal de reconhecimento pelos compromissos recentes do governo do Brasil de aumentar a cooperação no setor de defesa com os EUA, e consciente do nosso próprio interesse nacional em aprofundar nossa cooperação em defesa com o Brasil". Após um mês sem manifestação do Legislativo, o status é considerado como aprovado, segundo a lei americana.

O status dá ao Brasil o direito de tornar-se comprador preferencial de equipamentos e tecnologias militares dos Estados Unidos, além de participar de leilões organizados pelo Pentágono. A medida também abre caminho para a colaboração no desenvolvimento de soluções de defesa e o aumento dos intercâmbios militares e a realização de manobras conjuntas entre as Forças Armadas dos dois países.

Quando recebeu Bolsonaro em março, Trump até chegou a cogitar negociar a entrada do Brasil na Otan, mas a hipótese foi negada posteriormente pela aliança militar.

Trump também declarou apoio à campanha do Brasil para aderir à Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), um processo que pode levar anos, mas que Bolsonaro quer acelerar, com o respaldo formal americano.

A Otan tem 29 membros, nenhum deles na América Latina e nenhum no Atlântico Sul. As regras atuais da Otan limitam os convites para integrar a aliança a países europeus.

Entretanto, desde o ano passado a Colômbia é o único "parceiro global" da Otan na América Latina. Os "parceiros globais" podem contribuir com as operações e missões da aliança, com base em um programa individual.

Em abril de 2019, o secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, sugeriu que a aliança militar poderia considerar a possibilidade mais países latino-americanos, como o Brasil, se tornarem parceiros, mas não membros da Otan.

**Fonte: Agência Brasil**



## REPORTAGENS:

Brasil não teme consequências em disputa entre China e EUA por 5G, diz Mourão



## AS RELAÇÕES BRASIL-CHINA EM TEMPOS DE PANDEMIA



Em 17 de março, o deputado Eduardo Bolsonaro, presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados e filho do presidente da República, acusou a China de ser culpada pela pandemia do coronavírus e de ter escondido a sua existência, comparando com a censura da “ditadura soviética” no caso do acidente na usina nuclear de Chernobyl.

Em resposta, o embaixador da RPC (República Popular da China), Yang Wanming, tuitou que a parte chinesa “repudia veementemente as suas palavras e exige que as retire e peça uma desculpa ao povo chinês” e que Eduardo Bolsonaro imitava Donald Trump, tendo contraído um “vírus mental” em sua recente viagem a Miami. O Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Ernesto Araújo, se manifestou oficialmente em defesa do deputado exigindo uma retratação do embaixador chinês, agravando os atritos diplomáticos e provocando especulações sobre eventuais prejuízos à economia brasileira.

O presidente Bolsonaro tentou telefonar para o presidente Xi Jinping para atenuar os atritos mas, em nota, a Embaixada da China no Brasil informou que “a parte chinesa não aceitou a gestão feita pelo embaixador Ernesto Araújo”, acrescentando que “Eduardo Bolsonaro tem que pedir desculpa ao povo chinês por sua provocação flagrante”. A conversa só veio ocorrer no dia 24 quando, enfim, de acordo com Bolsonaro, “foram reafirmados os laços de amizade” e ampliados os “laços comerciais”.

Assim, os embaixadores de ambos países exigiram retratação da outra parte, mas, no fim das contas, ninguém pediu desculpas a ninguém e as relações continuaram sem retaliações econômicas.

Em 1º de abril, Eduardo Bolsonaro voltou à carga contra o “vírus chinês” e o Cônsul da China no Rio de Janeiro, Li Yang, respondeu com um artigo no jornal O Globo perguntando se o filho “03” do presidente é “tão ingênuo e ignorante quanto parece” e afirmando que “se algum país insistir em ser inimigo da China, nós seremos seu inimigo mais qualificado”. Mas disse que o deputado não conseguiria tornar a China inimiga do Brasil, por que “não pode representar o grande país que é o Brasil”.

Mantendo o discurso anti-China, no mesmo dia, o Ministro da Educação, Abraham Weintraub, postou um tuíte de cunho xenófobo. Em resposta, a embaixada chinesa repudiou com “forte indignação” a declaração “absurda e desprezível”, “fortemente racista” e de “objetivos indizíveis”.

Em 22 de maio foi divulgado o vídeo de uma reunião ministerial de 22 de abril, quando Bolsonaro e o ministro Paulo Guedes voltaram a atacar os chineses, mas afirmando não querer briga, pois “precisamos deles para vender” e “eles precisam de nós também”.

Logo após, o embaixador chinês soltou mais uma nota, mas com conteúdo moderado, minimizando o fato. Porém, dias depois, o filho “03” voltou a provocar fazendo um vídeo tendo ao fundo uma bandeira de Taiwan, como a inscrição “Viva Taiwan”.

Como vemos, as respostas dos chineses seguem a linha principal de suas relações exteriores que, de modo geral, têm sido marcadas pelo pragmatismo. Para eles, uma única condição sine qua non para a manutenção de relações diplomáticas e boas transações econômicas com outros países é o reconhecimento da RPC como única China e não o governo da Ilha de Taiwan.

A campanha de Bolsonaro teve forte tom “antichinês”, chegando ao máximo de ofensa política e simbólica àquele país quando visitou Taiwan em 2018. Os chineses acompanharam tudo com frieza, protestos moderados e articulações. E, no dia da posse, aqui estavam.

Depois da posse, seguindo pressões do grande capital brasileiro vinculado ao primário-exportador, especialmente do agronegócio e da mineração, o novo presidente alterou a sua política em relação à China passando a ser tutelado pelos setores que são um dos principais sustentáculos do seu governo, além dos militares, que também foram afirmativos na defesa de boas relações econômicas com a RPC.

Este interesse está tanto nas trocas comerciais, como na atração de mais investimentos diretos no Brasil, especialmente em infraestrutura. Por isso, apesar de todos os conflitos existentes, **Bolsonaro foi o presidente do Brasil que, no primeiro ano de mandato, se encontrou mais vezes com o presidente chinês.** Foram três ocasiões, quando ocorreram diversos acordos bilaterais, principalmente econômicos.

Em um dos encontros, Bolsonaro chegou a pedir o favor de investir no leilão das bacias de petróleo que estava em curso, pois nenhuma empresa estrangeira tinha se interessado e o governo brasileiro precisava mostrar ao público resultados positivos em investimentos estrangeiros.

De fato, além da Petrobras, só a estatal chinesa CNODC investiu no leilão. Além disso, o Brasil sediou uma reunião dos países dos BRICS e indicou para presidência do novo banco da instituição um membro do Ministério da Economia e o general Mourão também esteve na China.

As contradições estão presentes entre os próprios filhos parlamentares do presidente. Enquanto o deputado Eduardo ataca sistematicamente os chineses, seu irmão, senador Flávio, participou de uma delegação à China, tendo elogiado os anfitriões antes, durante e depois da viagem, quando visitou a sede da Huawei e dirigentes do PCCh.

Como vemos, o grande capital brasileiro, na sua histórica subordinação ao capital internacional, está pouco interessado em discursos ideológicos estratosféricos, preferindo fazer negócios e obter lucros particulares, mesmo que prejudiciais a um projeto nacional que possa romper com a dependência estrutural do país.

As relações econômicas Brasil-China começaram a evoluir nos dois últimos anos do governo FHC e cresceram bastante durante os governos de Lula da Silva e Dilma Rousseff, tanto em termos de trocas comerciais como na importação de capitais chineses pelo Brasil.

Ao contrário de especulações durante o impeachment de Dilma Rousseff, no governo Temer as relações econômicas bilaterais aumentaram significativamente.

Durante a campanha de 2018 e logo após a vitória de Bolsonaro, mais uma vez especulou-se que haveria redução nas relações econômicas Brasil-China. E, com a pandemia da covid-19, novos atritos e muitas notícias desencontradas sobre aquisição de equipamentos médicos chineses têm gerado confusões tanto à direita quanto à esquerda do espectro político.

Mas o comércio Brasil-China continua forte, mesmo em plena pandemia e troca de acusações e respostas. No primeiro quadrimestre de 2020 as exportações brasileiras para a China aumentaram 11,3%.

A xenofobia e o anticomunismo também têm sido embrulhados no mesmo pacote para reforçar os discursos mais reacionários da parte dos governantes e seus apoiadores. Isso, apesar do próprio Bolsonaro ter dito, quando estava chegando para sua visita oficial à China, até mesmo para se justificar perante sua base mais anticomunista e com tendências neofascistas, que estava “num país capitalista”.

Aliás, esta foi uma das poucas falas de Bolsonaro sobre a China que guarda relação com a realidade. De fato, desde as reformas pró mercado iniciadas pelo PCCh e o estado chinês no final dos anos 70, a RPC vem consolidando as relações capitalistas, tanto em seu interior como internacionalmente, sendo hoje grande defensora da chamada globalização e da quebra de barreiras econômicas protecionistas.

Neste sentido, tem avançado numa perspectiva de expansionismo econômico e de influência política que não tem a marca das pressões e agressões que os EUA mantêm com seus parceiros voluntários ou forçados. Mas não deixa de exercer uma reprodução da dependência nos países subdesenvolvidos ou chamados de “em desenvolvimento” como o Brasil.

**Fonte: Congresso em Foco**



**Aderir a discurso anti-China na pandemia põe Brasil em posição vulnerável, veem analistas**

## REPORTAGENS:

Relações Exteriores

Estados Unidos retiram Brasil de lista de países em desenvolvimento



## EUA RETIRAM BRASIL DA LISTA DE PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO

### Medida pode restringir benefícios comerciais

O Departamento de Comércio dos Estados Unidos (EUA) publicou uma nota em fevereiro informando que retirou o Brasil da lista de países em desenvolvimento, o que pode restringir benefícios comerciais concedidos às nações que estão nessa categoria.

Além do Brasil, mais 23 países como China, África do Sul, Índia e Colômbia também foram tirados dessa lista. Na prática, a medida facilita o caminho para que o presidente dos EUA, Donald Trump, investigue, por exemplo, casos de exportações subsidiadas em outros países.

O sócio da consultoria Barral M Jorge, Welber Barral, explica que a nota publicada pelo governo norte-americano revisa uma legislação dos EUA de 1998 sobre medidas compensatórias." diz Barral.

Os subsídios dados pelos governos às exportações são, por exemplo, uma situação que se enquadra na legislação sobre medidas compensatórias.

### JUSTIFICATIVAS

Em nota, o governo dos EUA afirma que a decisão leva em conta "fatores econômicos, comerciais e outros, como o nível de desenvolvimento de um país e a participação de um país no comércio mundial." Além disso, o departamento de Comércio ressaltou que a decisão foi motivada por pedidos de adesão à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Em março de 2019, o presidente Jair Bolsonaro viajou a Washington para pedir a Donald Trump apoio à entrada do Brasil na OCDE. Em troca, o presidente dos EUA disse que o país teria que "abrir mão" do tratamento preferencial na Organização Mundial do Comércio (OMC).

Ainda na nota oficial, o governo dos EUA destacou que não considerou indicadores de desenvolvimento social, como taxas de mortalidade infantil, analfabetismo e expectativa de vida ao nascer nascimento, como base para mudar o status dos países.

**Fonte: G1**

## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Náutica Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

Por que Bolsonaro está sendo acusado de colocar indígenas em risco em meio à pandemia de covid-19



## OS 5 PRINCIPAIS PONTOS DE CONFLITO ENTRE GOVERNO BOLSONARO E INDÍGENAS

**A conflituosa relação entre o presidente Jair Bolsonaro e povos indígenas brasileiros ganhou um novo capítulo neste mês, quando membros de 45 etnias se reuniram em uma aldeia em Mato Grosso para protestar contra o governo.**

No encontro, convocado pelo cacique kayapó Raoni Metuktire entre os dias 14 e 17 de janeiro, os indígenas afirmaram em um manifesto "que está em curso um projeto político do governo brasileiro de genocídio, etnocídio e ecocídio".

"As ameaças e falas de ódio do atual governo estão promovendo a violência contra povos indígenas, o assassinato de nossas lideranças e a invasão das nossas terras", diz o texto, redigido ao fim da reunião, na aldeia Piaracu, na Terra Indígena Capoto Jarina.

### O QUE É ETNOCÍDIO?

Participaram do encontro e endossaram o manifesto algumas das principais organizações indígenas brasileiras, como a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) e a Aty Guasu (Grande Assembleia Guarani Kaiowá).

As organizações dizem representar a ampla maioria das comunidades indígenas brasileiras.

Uma associação indígena simpática a Bolsonaro protestou contra o encontro. Em nota, o Grupo dos Agricultores Indígenas disse que as visões expostas no evento convocado por Raoni não eram compartilhadas por todos os povos indígenas.

O grupo é liderado por membros da etnia paresi, que plantam soja em suas terras, também em Mato Grosso, e têm relação próxima com o governo. A entidade diz representar várias etnias, mas não cita quais. A disputa espelha o complexo universo dos povos indígenas brasileiros. Segundo o IBGE, há no Brasil 305 etnias indígenas, que falam ao menos 274 línguas.

Parte dos grupos se relaciona há séculos com a sociedade envolvente (não indígena): entre seus membros há estudantes universitários, moradores de zonas urbanas e servidores públicos. Na outra ponta, há dezenas de etnias em isolamento voluntário, cujos membros não dominam o português e só se relacionam esporadicamente com comunidades vizinhas. Os demais povos se encontram entre esses dois extremos.

Em algumas etnias, há líderes com visões divergentes quanto ao modo de vida que deve ser perseguido pelas comunidades. É o caso de caciques kayapós que se associaram a garimpeiros e defendem a regulamentação da mineração em terras indígenas — posição rechaçada pelos kayapós alinhados a Raoni, que dizem ser maioria.

### PRINCIPAIS PONTOS DE CONFLITO ENTRE BOLSONARO E OS INDÍGENAS CRÍTICOS A SEU GOVERNO:

#### 1. Demarcações paralisadas

Durante a campanha presidencial, Bolsonaro disse que não demarcaria nenhuma terra indígena se fosse eleito — e tem cumprido a promessa. Disse ainda que buscava reduzir áreas já demarcadas, o que ainda não fez.

**As terras indígenas demarcadas pertencem à União e são destinadas à "posse permanente" e ao "usufruto exclusivo" dos indígenas, não podendo ser vendidas.**

Bolsonaro já defendeu entregar os títulos das terras para as comunidades para que elas possam negociá-las — a medida, porém, exigiria uma mudança constitucional.

Hoje, segundo a Funai, já foram concluídos 440 processos de demarcação de terras indígenas no país. Essas áreas correspondem a 12,6% do território nacional e se concentram na Amazônia.

Segundo o Censo de 2010 do IBGE, há 817,9 mil integrantes no Brasil — 0,4% da população total do país. É por isso que Bolsonaro costuma dizer que "há muita terra para pouco índio no Brasil".

Porém, embora várias etnias de fato contem com amplas áreas demarcadas, muitas tiveram pequenos territórios demarcados ou ainda aguardam a regularização de suas terras.

É o caso, por exemplo, de grande parte das etnias que habitam as regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste, onde muitas terras reivindicadas pelas comunidades são cobiçadas ou ocupadas por não-indígenas, o que travou muitos processos.

Segundo a Funai, há 248 processos de demarcação de terras indígenas em curso. Essas áreas equivalem a um décimo das terras já demarcadas, ou 1,2% do território nacional. O caso dos guarani kaiowá, de Mato Grosso do Sul, é emblemático.

Embora sejam o segundo povo indígena mais numeroso do Brasil, com cerca de 43 mil integrantes segundo o IBGE, muitos membros da etnia vivem em reservas superpovoadas, onde sofrem com problemas comuns a bairros de periferia de grandes cidades.

Outros vivem acampados em áreas hoje ocupadas por fazendas e que as comunidades reivindicam como territórios ancestrais. Nos últimos anos, conforme o ritmo de demarcações diminuiu, muitas comunidades recorreram à Justiça para tentar destravar os processos.

Elas argumentam que demarcar terras indígenas é um dever constitucional do governo. Em seu artigo 231, a Constituição de 1988 diz que "são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens".

Também foi a Constituição que abriu o caminho para a demarcação de terras extensas em partes do Brasil ao reconhecer o direito dos indígenas à reprodução física e cultural, onde pudessem manter tradições como a caça, a pesca e a abertura de roças, além de criar novas aldeias ou movê-las periodicamente.

A Carta estabeleceu um prazo de cinco anos para que todas as terras fossem demarcadas, o que não foi cumprido.

Hoje, segundo o IBGE, 42% dos indígenas vivem fora de terras indígenas.

## 2. Mineração em terras indígenas

Bolsonaro defende que as terras indígenas sejam abertas para atividades econômicas de grande escala, como a mineração e o agronegócio.

Em várias ocasiões, ele afirmou que os indígenas não podem "continuar sendo pobres em cima de terras ricas", referindo-se principalmente aos depósitos minerais presentes em territórios indígenas na Amazônia.

O presidente tem se aproximado de indígenas favoráveis à mineração e disse que enviaria ao Congresso um projeto de lei para regulamentar a atividade. Segundo ele, a iniciativa melhorará os padrões de vida das comunidades.

A Constituição prevê a possibilidade de mineração em terras indígenas, mas desde que a atividade seja regulamentada por lei. Como nenhuma lei sobre o tema foi aprovada, a prática é hoje ilegal.

Apesar disso, em algumas terras indígenas, garimpeiros atuam há décadas, geralmente com o aval de algumas lideranças locais.

Indígenas críticos à regularização da mineração temem os impactos ambientais e sociais da atividade em suas terras. Em garimpos de ouro, por exemplo, é comum o uso de mercúrio, substância que contamina rios e peixes e pode provocar danos neurológicos em humanos.

Há ainda o receio de que o ingresso de forasteiros para trabalhar nas minas traga doenças e estimule a prostituição de mulheres indígenas.

## 3. Expansão do agronegócio

Bolsonaro diz que também enviará ao Congresso uma proposta para autorizar a agropecuária em grande escala em terras indígenas. Segundo o presidente, a expansão da pecuária nesses territórios poderia ajudar a baixar o preço da carne bovina no país.

Hoje a maioria das comunidades indígenas pratica uma agricultura tradicional, voltada ao consumo dos próprios moradores ou a mercados locais.

Mas há exceções. Nos últimos anos, algumas comunidades passaram a arrendar suas terras para produtores de grãos. As iniciativas são contestadas judicialmente, pois a Constituição estabelece o "usufruto exclusivo" dos indígenas sobre as riquezas do solo, rios e lagos de seus territórios.

Em Mato Grosso, indígenas da etnia parsi passaram eles próprios a cultivar soja, milho e feijão com máquinas modernas em 18 mil hectares (o equivalente a 18 mil campos de futebol) de seu território.

O governo diz que, com a regulamentação, as comunidades poderão ter acesso a mecanismos hoje disponíveis para outros agricultores brasileiros, como financiamentos e assistência técnica.

Já os críticos apontam para os riscos associados à produção agropecuária em larga escala, como a contaminação por agrotóxicos e a perda da biodiversidade.

Há ainda o temor de que as atividades econômicas vultosas impactem os modos de vida das comunidades, provocando o abandono de tradições e estimulando o individualismo.

#### 4. Cultura e integração

Bolsonaro costuma dizer que os indígenas devem ser "integrados" à sociedade nacional – mesmo discurso adotado pelo governo durante a ditadura militar (1964-1985).

Ao discursar na Assembleia Geral da ONU, em setembro, o presidente afirmou que "algumas pessoas, de dentro e de fora do Brasil, apoiadas em ONGs, teimam em tratar e manter nossos índios como verdadeiros homens das cavernas".

Em outras ocasiões, disse que os indígenas são "pobres coitados" e que "nosso projeto para o índio é fazê-lo igual a nós".

A Constituição de 1988, no entanto, reconheceu a organização social, os costumes, as línguas, as crenças e as tradições dos indígenas, rompendo com a perspectiva integracionista adotada pelo Estado brasileiro até então.

Líderes indígenas dizem que, ao tratar da cultura indígena, Bolsonaro expõe visões racistas e etnocêntricas (crença de que uma cultura é superior às demais).

O discurso que associa os indígenas à pobreza também é contestado, especialmente em comunidades que vivem na floresta e contam com recursos naturais abundantes, como caça, pesca e frutos.

Muitos líderes criticam ainda o discurso de que seriam manipulados por ONGs. Eles dizem que as entidades são suas parceiras e que, muitas vezes, preenchem a ausência do Estado em suas regiões.

#### 5. Órgãos indigenistas

Quando assumiu, Bolsonaro transferiu a Fundação Nacional do Índio (Funai) do Ministério da Justiça para o Ministério da Agricultura e retirou do órgão a atribuição de demarcar terras indígenas.

As mudanças agradaram à bancada ruralista, que exerce forte influência sobre o Ministério da Agricultura e historicamente vê a Funai com desconfiança.

Mas os indígenas protestaram e conseguiram fazer com que o Congresso revertesse as decisões do presidente. Após o revés, Bolsonaro publicou uma nova Medida Provisória tentando novamente retirar da Funai a atribuição de demarcar terras indígenas, mas desta vez foi impedido pelo Supremo Tribunal Federal.

Em julho, o presidente nomeou para a chefia da Funai o ex-delegado da Polícia Federal Marcelo Augusto Xavier da Silva, que é próximo de ruralistas.

Para a chefia da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), Bolsonaro nomeou a fisioterapeuta Silvia Nobre Waiãpi, indígena da etnia Waiãpi, do Amapá.

O movimento indígena, porém, diz que a secretária não tem representatividade e nem experiência relevante no setor. Em 2019, duas vezes indígenas ocuparam a sede da Sesai em Brasília em protesto contra a gestão de Waiãpi.

Em março, o governo chegou a cogitar extinguir a Sesai, mas recuou após uma forte reação contrária entre indígenas.

NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

**Entenda a determinação do STF de que governo aja contra covid-19 entre indígenas e evite "extermínio de etnias"**



## REPORTAGENS:

CORREIO BRAZILIENSE

Gilmar Mendes  
suspende veto de  
Bolsonaro sobre uso de  
máscara em prisões



## GILMAR MENDES REJEITA AÇÃO DE EDUARDO BOLSONARO E MANTÉM CPI DAS FAKE NEWS

**Ministro afirmou que comissão e inquéritos no STF são de vital importância para identificar quadrilhas que manipulam o debate público e violam a ordem democrática.**

O ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF), rejeitou em abril, uma ação apresentada pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) para impedir a prorrogação da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das Fake News, em funcionamento no Congresso Nacional.

"Os fatos apurados pela CPI em tela assumem a mais alta relevância para a preservação da nossa ordem constitucional. Não à toa, há uma crescente preocupação mundial com os impactos que a disseminação de estratégias de desinformação e de notícias falsas tem provocado sobre os processos eleitorais", diz o ministro na decisão.

Segundo o deputado federal, a ampliação da duração dos trabalhos "está na iminência de ocorrer". Ao STF, os advogados do deputado argumentaram haver irregularidades no andamento da CPI, como desrespeito ao foco da linha de investigação definida no requerimento de instalação da comissão.

"Necessária a medida liminar uma vez ameaçados os direitos políticos do Impetrante, cujos danos, se concretizados, poderão ser irreversíveis, às custas da manutenção dos direitos fundamentais do Impetrante, bem como daqueles que ele representa", afirma a ação de Eduardo Bolsonaro.

"A CPI está apenas cumprindo com o seu dever constitucional de investigar o objeto para o qual foi criada. O impetrante [Eduardo] alega que o objeto da CPI estaria sendo desvirtuado, mas não se desincumbiu do ônus de demonstrá-lo concretamente, sendo certo que a mera afirmação nesse sentido – desacompanhada de elementos indiciários – carece de valor jurídico", afirmou o documento.

Ao rejeitar a ação de Eduardo Bolsonaro, Gilmar citou que a CPI e dois inquéritos em tramitação no STF – um que investiga fake news e outro que apura atos contra a democracia – "são de vital importância para o desvendamento da atuação de verdadeiras quadrilhas organizadas que, por meio de mecanismos ocultos de financiamento, impulsionam estratégias de desinformação, atuam como milícias digitais, que manipulam o debate público e violam a ordem democrática".

Para Mendes, a tentativa restringir os trabalhos da comissão parece incompatível com a própria funcionalidade desse tipo de colegiado.

O ministro discordou da tese da defesa de Eduardo Bolsonaro de que investigar fake news nas eleições de 2018 fuja do objeto da CPI e disse se tratar de uma linha de apuração "assessória" aos trabalhos do colegiado.

"A investigação da utilização de perfis falsos para influenciar os resultados das eleições 2018 constitui um dos objetos principais da referida CPI, e não mera questão acessória, de modo que não se verifica violação a direito líquido e certo do impetrante", afirmou Gilmar.

Mendes lembrou que os atos da CPI podem ser questionados no STF e que a Corte está atuando quando provocada.

"Não se está a fixar a validade de todo e qualquer ato investigativo praticado no bojo da referida CPI, uma vez que tais atos sempre poderão ser individualmente submetidos à sindicância jurisdicional desta Corte", disse o ministro.

Ao STF, Eduardo Bolsonaro também pediu a invalidação de reuniões do colegiado realizadas em dezembro do ano passado. Em uma delas, houve o depoimento da líder do PSL, Joice Hasselmann (SP).

Segundo a ação, a deputada "proferiu discurso de várias horas com o único intuito de enfraquecer a legitimidade política do aqui Impetrante e de demais membros de sua base política, acusando-os de terem relação íntima em um complexo esquema de disparos de fake news".

Em outra reunião, diz a ação, os deputados fizeram discursos que "demonstraram a tendência imparcial das inquirições".

Os advogados de Eduardo Bolsonaro relataram na ação ao STF que Joice Hasselmann retirou da comissão parlamentares que pertenciam à base aliada do governo substituindo-os por deputados "sabidamente da oposição, inimigos declarados, visando manter e intensificar a perseguição".

Foram substituídos no colegiado os deputados Filipe Barros (PSL-PR), a deputada federal Caroline de Toni (PSL-SC), bem como seus suplentes, a deputada federal Carla Zambelli (PSL-SP) e o deputado federal Carlos Jordy (PSLRJ).

"Os referidos deputados eram membros da comissão e, em última análise, os únicos defensores dos interesses políticos da base aliada ao governo, ou seja, a única voz que representava a atuação política do Sr. Presidente da República e do Impetrante", afirmou.

O pedido de Eduardo Bolsonaro relatou ainda que as convocações de testemunhas aprovadas pela CPI eram de pessoas "sabidamente opositoras ao atual governo" e que foram negados pedidos de convocação apresentados por deputados alinhados ao governo.

**Fonte: G1**

## Deputados avaliam pelo menos três formas de criminalizar propagação de fake news





## REPORTAGENS:

'Novo cangaço' leva medo às pequenas cidades

Deixei identificar 3 grupos de São Paulo que se especializaram em ataques com barricada e confronto policial para explodir cidades



## A AMEAÇA DO 'NOVO CANGAÇO', QUE CAUSA TERROR NO INTERIOR DE SP



**A cidade de Botucatu, a 235 km de São Paulo, viveu cenas de terror durante um violento assalto ocorrido no município na madrugada de quinta-feira (30/7).**

Um grupo de cerca de 40 bandidos armados e mascarados atacou pelo menos três agências bancárias da cidade — uma delas foi destruída por explosivos —, fez moradores reféns e por mais de três horas trocou tiros com policiais, ferindo dois deles.

Um dos suspeitos também foi atingido e morreu. Publicados nas redes sociais, vídeos gravados por moradores da cidade mostram cenas de intenso tiroteio pelas ruas do centro de Botucatu. Em alguns deles, os bandidos aparecem de máscaras e também munidos de armas de grosso calibre.

Ataques como esse se tornaram mais frequentes nos últimos anos, principalmente em cidades pequenas e médias do Sudeste. Investigações indicam que as ações são planejadas e também executadas por membros de facções criminosas, principalmente do Primeiro Comando da Capital (PCC).

No ano passado, o Estado de São Paulo registrou 21 roubos a bancos, segundo dados da Secretaria de Segurança Pública. Até junho deste ano, a pasta contabilizou novos 14 ataques.

Esses ataques vem sendo chamados pela mídia de "novo cangaço", pelas táticas usadas pelos criminosos. O termo foi cunhado no início deste século, para se referir aos grupos de dezenas de bandidos que invadiam municípios do sertão nordestino para assaltar bancos e carros-fortes.

Essas ações eram semelhantes ao modus operandi dos cangaceiros que aterrorizaram o Nordeste no início do século 20, como o bando de Virgulino Ferreira da Silva, o famoso Lampião.

Esse tipo de grandes assaltos chegou ao Sudeste "há cerca de cinco anos", explica Guaracy Mingardi, analista criminal e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. "Esses grupos escolhem cidades pequenas e médias, com poucas vias de acesso e efetivo policial pequeno", diz.

Normalmente, os alvos são agências bancárias ou transportadoras de valores. Em sua maioria, os assaltos ocorrem durante a madrugada, quando as ruas e o comércio estão vazios, além da presença policial ser menor. Vias de acesso ao local do roubo são fechadas com barricadas, e membros da quadrilha ocupam locais estratégicos para impedir a aproximação de policiais ou da população.

### Explosões, vias fechadas e armamento pesado

Em maio deste ano, uma ação semelhante ocorreu em Ourinhos, outra cidade média do interior paulista. Na ocasião, criminosos armados explodiram uma agência bancária e destruíram uma base da Polícia Militar.

Em 2016, outro grande assalto noturno amedrontou moradores de Ribeirão Preto, também no interior de São Paulo. Na ação, os bandidos usaram um caminhão e uma retroescavadeira para fechar ruas, e atiraram em transformadores para deixar a região sem energia elétrica. Também houve intenso tiroteio com a polícia.

Esse tipo de ação foi usada por bandidos brasileiros inclusive fora do país, em um assalto a uma transportadora de valores em Ciudad del Este, na fronteira do Paraguai com o Brasil, em abril de 2017.

Na ocasião, um bando de 30 homens se aproximou da seguradora Prosegur e, durante três horas, tentou entrar no prédio onde havia milhões de reais — a empresa não revelou quanto foi roubado, mas, na época, a polícia local chegou a falar em até US\$ 40 milhões. O grupo utilizou metralhadoras e fuzis, como a .50, capaz de derrubar aeronaves. Bombas foram lançadas para ultrapassar as paredes blindadas do edifício. À época, delegados brasileiros e paraguaios afirmaram que o crime fora organizado pela facção PCC.

"A tática é mais ou menos a mesma nessas ações: o grupo fecha os acessos, obriga a polícia a ficar parada e impede a aproximação de reforço usando armamento muito potente", diz Mingardi.

Segundo ele, investigações demonstraram que nem sempre todos os membros da quadrilha são filiados ao PCC — a rede criminosa ajuda a planejar as ações e fornece armamentos. "Dois ou três membros do PCC planejam o assalto, mas o grupo é formado pelos chamados 'primos', que são parceiros da facção e agem em conjunto com ela. Quando conseguem o dinheiro, ele é repartido", diz Mingardi.

De acordo com o supervisor do Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos (Garra), Eduardo Brotero, a ação planejada e repentina dos criminosos em cidades menores dificulta a atuação policial."

É muito difícil o combate (a esse tipo de assalto), porque eles têm a vantagem de ter uma divisão de tarefas. Há arrombadores, seguranças e piloto de fuga. As quadrilhas estudam rotas de fuga, fazem reconhecimento do local, têm uma logística especializada e atacam à noite. Fica muito difícil para a polícia, mesmo que chegue num tempo exímio", afirmou.

O supervisor da tropa de elite da Polícia Civil de São Paulo disse que as quadrilhas estudam inclusive o comportamento dos policiais que atuam na região onde pretendem atacar.

"Eles sabem onde estão os batalhões, quando acontecem as trocas de turno e sabem até onde é a casa de alguns policiais e as rotinas deles. Sem contar que eles não trabalham com a lei, então fazem pessoas reféns, usam como escudo. Isso dificulta muito o combate", disse Brotero.

O supervisor do Garra afirmou que as quadrilhas costumam atacar bancos de cidades com menos de 50 mil habitantes. Dessa maneira, eles conseguem ter uma superioridade numérica em relação aos policiais da região. O armamento, afirma, também é poderoso: utilizam calibre .50 e .30.

Segundo Brotero, esses grandes e violentos assaltos traumatizam pequenas e médias cidades do interior. "Imagine uma cidade mais pacata, onde mal existem roubos, mas que é atacada por uma quadrilha disposta a tudo. O trauma que essas ações causam nas pessoas é muito grande", afirma.

## 'Novo cangaço

'Esse tipo de assalto — quando um grupo criminoso toma o controle de uma pequena cidade para roubar — não é novo no Brasil. No início do século passado, Lampião e seu bando de cangaceiros ganhavam a vida praticando saques semelhantes.

No final dos anos 1990, surgiu o chamado "novo cangaço", quando grupos de criminosos passaram a invadir cidades do sertão nordestino (municípios carentes de efetivo policial) para saquear bancos e carros-fortes. As ações, bastante violentas, terminavam em tiroteios e mortes de policiais e civis inocentes.

O principal líder do "novo cangaço" era José Valdetário Benevides Carneiro, que comandou dezenas de ações cinematográficas pelo Rio Grande do Norte — ele morreu em 2003 durante um confronto com a polícia.

Em um dos roubos comandados por Valdetário, na cidade de Macau, o delegado Antonio Teixeira Jr. sentiu na pele a violência do grupo. "Soubemos que haveria um ataque. O grupo de Valdetário roubou três bancos. Quando saímos do batalhão da PM, ouvimos os tiros. Levei três tiros: um no braço, um na perna e outro de raspão no rosto", diz Teixeira Jr, delegado há 23 anos — na época ele era o titular da delegacia regional de Macau.

Segundo ele, que hoje trabalha na delegacia de Mossoró, interior do Rio Grande do Norte, esse tipo de ação "saiu de moda" na região. "Hoje vivemos um conflito de facções criminosas, algumas delas vindas do Sudeste e outras locais. Elas brigam pelo controle do tráfico de drogas", afirma.

Para Thadeu Brandão, coordenador do Observatório da Violência do Rio Grande do Norte (Obvio) e professor de sociologia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, existem semelhanças entre o "novo cangaço" e os recentes assaltos a cidades do Sudeste, embora elas sejam mais sobre procedimentos do que a respeito do perfil dos criminosos.

"O novo cangaço era mais ligado a um ciclo de vinganças, conflitos familiares e de justiça em relação à atuação da polícia. Valdetário chegava a distribuir dinheiro para algumas pessoas. Hoje, apesar do modus operandi dos roubos ser parecido, o tipo de criminoso e o objetivo do assalto são bem diferentes daquela época", explica.

"O criminoso de agora pensa principalmente no dinheiro, quer roubar para ficar rico e andar de carro de luxo. É diferente do novo cangaço, quando havia até uma espécie de busca da honra por meio dos crimes. Hoje, o matador é mais profissional: mata mais pelo dinheiro.

"Nas raízes do cangaço original, que consagrou figuras como Lampião na história do país, também estava um elemento de revolta contra o coronelismo, o descaso do poder público e as injustiças sociais no Nordeste. Apesar de terem deixado um rastro de morte e terror em várias cidades, eram vistos por parte da população, como heróis.

**Fonte: BBC NEWS**

## REPORTAGENS:

O brasileiro não esquece: afinal, nota de R\$ 200 é sinal de inflação?

Preocupação tem sido levantada por assistentes da Exame Research que possuem a experiência do longo período inflacionário brasileiro



## NOTA DE R\$ 200: POR QUE AGORA E QUAL A RAZÃO DE TANTA POLÊMICA



**O lançamento da nota de R\$ 200 foi anunciado pelo Banco Central nesta quarta-feira (29/07) e gerou grande repercussão — desde críticas no sentido de que facilitaria lavagem de dinheiro até memes com imagens de como deveria ser a nova cédula do real.**

Por que houve um alarde tão grande depois do anúncio? Para o economista Fábio Terra, professor de economia da Universidade Federal do ABC, parte da explicação está na surpresa, já que não havia notícias de que o Banco Central estudava lançar a nova nota.

E a outra parte, ele diz, é explicada pelo "efeito psicológico" que uma nota de R\$ 200 pode ter em um país que viveu um grande período de alta inflação — desde meados dos anos 1980 até 1994, quando o Plano Real conseguiu finalmente controlar o processo inflacionário e estabilizar a moeda.

"A nota com valor muito alto pode trazer para a memória coletiva o susto de que o dinheiro está perdendo valor", disse Terra, que é pós-doutor pela Universidade de Cambridge.

Para a política monetária, a expectativa é importante, mas os economistas apontam que o Brasil está bem longe de voltar a ver inflação alta. Muito pelo contrário. Com a economia em retração, a expectativa é que a inflação fique abaixo dos 2% neste ano.

Os economistas do mercado financeiro esperam que a inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) fique em 1,67% neste ano, segundo o Boletim Focus, do Banco Central, divulgado na última segunda-feira. A previsão para o Produto Interno Bruto (PIB) é de uma retração de 5,77% neste ano.

Terra disse, ainda, que o anúncio num momento em que o Brasil registra mais de 90 mil mortes e 2,5 milhões de casos confirmados de covid-19 pode dar a sensação para alguns de que "talvez as prioridades não sejam tão prioritárias". Será a primeira vez, em 18 anos, que o real ganhará uma cédula de novo valor. Ela se juntará aos seis valores de cédulas hoje em circulação: R\$ 2, R\$ 5, R\$ 10, R\$ 20, R\$ 50 e R\$ 100.

### Por que o BC decidiu criar a nota de R\$ 200 agora?

Está exatamente nos efeitos da pandemia a explicação do Banco Central sobre por que lançar esta nova cédula, que começará a circular no fim de agosto, com imagem do lobo-guará. Os detalhes da imagem da cédula, que está em fase final de testes, não foram revelados.

O Banco Central diz que a decisão, aprovada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), foi tomada para "atender ao aumento da demanda por dinheiro em espécie que se verificou durante a pandemia de covid-19". Em março, a quantidade de dinheiro vivo com a população era de aproximadamente R\$ 216 bilhões, segundo o Banco Central. A partir desse momento, esse montante começou a subir rapidamente e hoje está em R\$ 277 bilhões.

Um dos motivos para o aumento da demanda por cédulas é o que o Banco Central chama de entesouramento, que é o dinheiro guardado em casa.

Não só o Banco Central do Brasil, mas bancos centrais de outros países observaram o entesouramento desde que a pandemia começou. Isso não é um fenômeno típico do nosso país. Em momentos de incerteza, as pessoas tendem a fazer saques e acumular reservas. O dinheiro, em tempos de incerteza, é sinal de segurança, estabilidade", disse a diretora de Administração do Banco Central, Carolina de Assis Barros.

Agora, a previsão do Banco Central é de que, ao longo do ano, entrem em circulação 450 milhões de unidades da nova cédula. O governo disse que a medida não tem impacto na base monetária do país - isso significa, numa explicação simples, que não será um "dinheiro a mais" circulando. É como se, em vez de colocar duas notas de R\$ 100 em circulação, o Banco Central substituísse por uma de R\$ 200.

### Dificuldade com o troco

Terra diz que, avaliando com o olhar do Banco Central, a medida facilita a logística de distribuição de notas. "Isso vai fazer com que menos notas precisem ser carregadas", disse, em referência à distribuição de moeda em um país tão grande quanto o Brasil.

Ele concorda com a avaliação de que muita gente, em momento de crise, decide guardar dinheiro vivo. Segundo o economista, isso é ainda mais forte para quem tem dívidas. "Ter o dinheiro na mão é uma certeza de que ele não será tomado pelo banco." Um ponto negativo da nova cédula, ele diz, é o troco que ela vai exigir. "Para quem recebe o auxílio emergencial, em vez de sacar 6 notas de R\$ 100, o saque será de 3 notas de R\$ 200. Pessoas que pegarem nota de R\$ 200 vão fazer transações de baixo valor, o que vai exigir grande volume de notas menores para dar troco."

Um dos primeiros questionamentos que surgiram enquanto o Banco Central fazia o anúncio foi: mas isso não vai contra um movimento mundial de ampliar a quantidade de transações por meio digital?

Embora em muitos países a circulação de cédulas esteja diminuindo e muitos estabelecimentos nem aceitem dinheiro vivo, o Banco Central bateu na tecla de que, no Brasil, o pagamento em espécie ainda é o meio mais frequente. Em uma pesquisa feita em 2018, 60% dos entrevistados responderam que o dinheiro era a forma de pagamento que eles mais utilizavam.

Terra diz que o uso de dinheiro é espécie é uma consequência da grande desigualdade no Brasil, o que torna mais difícil aumentar o uso de meios digitais de pagamento, como vem ocorrendo em outros países. A nota de 500 euros, por exemplo, que era uma das cédulas de maior valor no mundo, deixou de ser produzida. Foi em 2016 que o Conselho do Banco Central Europeu decidiu que os países deveriam deixar de produzi-las até 2019. Os dois últimos do bloco a fazerem isso foram Áustria e Alemanha, em abril do ano passado.

'Malas de dinheiro' Outra crítica à decisão anunciada pelo Banco Central foi que isso facilitaria crimes como a lavagem de dinheiro. O Banco Central respondeu dizendo que o Brasil tem um "arcabouço contra lavagem de dinheiro extremamente elevado" e que isso "não depende" do valor das cédulas.

Para Terra, trata-se de uma "crítica irônica". "A pessoa que faz o ilegal vai tentar lavar dinheiro de toda forma. Serão necessárias menos malas para carregar o mesmo dinheiro agora, pelo múltiplo maior. Mas não é a nota que induz o crime."

**Fonte: BBC BRASIL.**

 Correio Braziliense

Nota de R\$ 200 é a tomada de três pinos do Banco Central

Tal como a tomada de três pinos, cujas razões técnicas nunca foram convincentes, a nova cédula de R\$ 200 anunciada pelo Banco Central... 2 dias atrás



## REPORTAGENS:

OMS defende o desenvolvimento 'seguro' de vacina contra a Covid-19



## TESTE DE VACINA CONTRA CORONAVÍRUS COMEÇA EM SP, E MÉDICA É 1º VOLUNTÁRIA



**A primeira dose da vacina contra o coronavírus que está sendo testada em São Paulo foi aplicada na manhã de hoje na em uma médica do Hospital das Clínicas. Esta é a terceira fase da pesquisa e serve para testar a eficácia e segurança.**

Ao todo, são 9 mil voluntários de seis estados brasileiros que serão monitorados durante três meses por um corpo científico. Entre os voluntários, metade vai receber duas doses do imunizante num intervalo de 14 dias. O restante, uma substância sem efeito.

Foram recrutadas pessoas que cumpriram as seguintes exigências: ser profissional de saúde, não ter sido infectado com covid-19 e não estar grávida, no caso de mulheres. Os testes são uma parceria do Instituto Butantan e a farmacêutica chinesa Sinovac Life Science.

O diretor do Instituto Butantan, Dimas Covas, foi na mesma linha e disse que é um "dia histórico". Os outros 12 centros começarão a aplicar a vacina na próxima semana. O cronograma estipula que até sexta algumas dezenas de voluntários receberão as doses e serão verificado se o procedimento teve resultado positivo.

Os estados onde estão os 12 centros de pesquisa envolvidos no estudo clínico são: São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Distrito Federal. As pessoas que receberam a dose farão consultas regulares e haverá um contato telefônico regular para monitorar o estado de saúde. Os voluntários receberam um diário e há enfoque para descrever as sensações logo depois da aplicação da dose. Todos serão acompanhados por um ano.

**Fonte: UOL NOTÍCIAS**

## COMO FUNCIONAM AS VACINAS?

### Como funcionam as imunizações?

O objetivo das imunizações é estimular o organismo a produzir anticorpos contra determinados germes, principalmente bactérias e vírus. O nosso sistema imunológico cria anticorpos específicos sempre que entra em contato com algum germe. Se entramos em contato com o vírus da rubéola, por exemplo, ficamos doente apenas uma vez, pois o corpo produz anticorpos que impedem que o vírus volte a nos infectar no futuro.

A lógica da vacina é tentar estimular o organismo a produzir anticorpos sem que ele precise ter ficado doente antes. Tentamos apresentar ao sistema imune a bactéria ou vírus de forma que haja produção de anticorpos, mas não haja desenvolvimento da doença.

Geralmente uma vacina age apenas contra um único germe. Por exemplo, a vacina contra o sarampo não protege o paciente contra catapora e vice-versa. Já existem vacinas conjuntas, que são na verdade duas ou mais vacinas dadas em uma única administração, como a vacina tríplice viral, que é composta por três vacinas em uma única injeção: sarampo, rubéola e caxumba. O sistema imune é estimulado simultaneamente contra esses três vírus. Nem toda vacina pode ser dada em conjunto.

### Tipos de vacinas e imunizações

A grande dificuldade na hora de desenvolver uma vacina é criá-la de modo que a bactéria ou vírus consigam estimular o sistema imunológico a criar anticorpos, mas não sejam capazes de provocar doença. Às vezes, basta expor o organismo à bactéria ou ao vírus mortos para haver produção de anticorpos e tornar o paciente imune a este germe. Porém, nem todos os vírus ou bactérias mortos são capazes de estimular o sistema imune, fazendo com que tenhamos que buscar outras soluções para imunizar o paciente.

O grau de maturidade do sistema imunológico também é importante. O ideal seria podermos dar logo todas as vacinas ao recém-nascido. Infelizmente isso não funciona. O nosso sistema imune precisa de tempo para se desenvolver e ser capaz de gerar anticorpos quando estimulados pela vacinação.

## REPORTAGENS:

O que se sabe sobre a vacina da Rússia contra o coronavírus e por que ela desperta dúvidas



### MÉDICO DO BUTANTAN: VACINAS PODERÃO CONTROLAR A DOENÇA, MAS NÃO O VÍRUS



#### Medicamentos não vão acabar com novo coronavírus, alerta pesquisador.

As vacinas em desenvolvimento no mundo contra o novo coronavírus, oficialmente denominado SARS-CoV-2, poderão conseguir controlar a doença causada por ele, a covid-19.

No entanto, nenhuma delas será capaz de acabar com a circulação do coronavírus no planeta. A declaração é do médico Ricardo Palacios, diretor de Pesquisa Clínica do Instituto Butantan, um dos centros de pesquisa do mundo que participa do desenvolvimento de vacinas contra o vírus.

“Nós queremos gerar uma expectativa correta para a população. Nós não vamos acabar com o coronavírus com uma vacina. Qualquer uma que seja a vacina. O coronavírus veio e veio para ficar. Ele vai nos acompanhar. Durante todo o tempo de nossas vidas, nós teremos coronavírus circulando”.

De acordo com o diretor, as vacinas que estão em desenvolvimento no mundo pretendem controlar a covid-19, a doença causada pelo novo coronavírus. O pesquisador faz uma analogia entre a covid-19 (causada pelo coronavírus), e a gripe, causada pelo vírus influenza. Pessoas vacinadas contra o vírus influenza podem chegar a desenvolver a gripe, mas, na maioria das vezes, a doença não se desenvolve de forma grave, que poderia levar à morte.

Segundo ele, o mesmo deverá ocorrer com as vacinas contra o novo coronavírus. Elas serão pouco eficientes em impedir a infecção das pessoas com o novo coronavírus, mas deverão proteger as pessoas de desenvolver a covid-19 em sua forma grave.

“O vírus influenza não desapareceu e segue conosco. Seguirá, talvez, durante toda a nossa vida. Mas a gente tem uma doença [a gripe] controlável. A maior parte das pessoas vacinadas consegue controlar a doença. Se chegar a se infectar, não terá uma doença grave, não morrerá dessa doença”, explicou.

Segundo Palacios, o objetivo de todas as vacinas é proteger contra a doença e não contra a infecção. “Proteger contra a infecção é uma coisa a mais que, eventualmente, pode acontecer e até pode acontecer por um tempo limitado”, disse.

O Instituto Butantan, na capital paulista, é um dos centros do mundo que participa das pesquisas de construção de uma vacina contra o novo coronavírus. O instituto firmou uma parceria, no dia 10, com o laboratório chinês Sinovac Biotech, que possuiu uma vacina em fase avançada de desenvolvimento, a Coronavac – que utiliza o coronavírus inativado para estimular uma resposta imunológica do organismo.

**Fonte: Agência Brasil**

## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Agenda Inglês

Coronavírus: os sete erros que põem Brasil na rota do 'lockdown', segundo especialistas



## BRASIL ESTÁ RELAXANDO MEDIDAS DE ISOLAMENTO ALÉM DO RAZOÁVEL, ALERTA CIENTISTA



**Enquanto o Brasil enfrenta média diária de mais de mil mortes por covid-19 e tem sucessivos recordes de novas infecções pelo novo coronavírus, diversas regiões flexibilizaram a quarentena.**

Cenas de bares e restaurantes lotados, praias cheias e lojas com muitos clientes se tornaram comuns nas últimas semanas.

A flexibilização do isolamento social no país não se restringe às cidades que atualmente têm queda de casos de covid-19 ou apresentam números estáveis, como São Paulo (SP) e Manaus (AM).

Ela também ocorre em municípios com crescimento de números de mortes e novas infecções pelo novo coronavírus, como cidades do interior.

Especialistas de todo o mundo apontam que um risco da flexibilização é o fato de que muitas pessoas podem pensar que a situação da pandemia está contornada.

Desta forma, podem ter a falsa impressão de que a vida pode voltar a ser como era antes da propagação do Sars-Cov-2, nome oficial do novo coronavírus.

Na Europa, por exemplo, os casos voltaram a subir recentemente em diversos países, após o fim da quarentena. Por lá, autoridades apontam um número crescente de regiões com surtos localizados de covid-19.

Em razão disso, governantes locais pediram mais cautela aos cidadãos.

Em meio à flexibilização da quarentena no Brasil, a microbiologista Natalia Pasternak, pesquisadora do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de São Paulo (USP), considera que muitas pessoas "não entenderam que a pandemia continua no seu auge no país".

"Talvez essas pessoas sejam movidas pela falsa impressão de platô e de que as coisas se estabilizaram. Mas elas não percebem que a gente estabilizou no alto, com mais de mil mortes por dia. Isso não é normal. Por isso, não é desejável que normalizem isso e tudo bem viver assim", afirma a especialista à BBC News Brasil.

O país já registrou mais de 95 mil mortes por covid-19 e quase 3 milhões de casos. Apesar disso, cenas de pessoas que vivem como se nada estivesse acontecendo são frequentes. Em locais reabertos, há constantes situações de clientes sem máscaras ou sem adotar o distanciamento social, de ao menos 1,5 metro."

As coisas não podem ser reabertas e parecer que liberou geral", critica Pasternak.

### A flexibilização

A OMS recomenda que uma região só flexibilize o isolamento social quando os casos se tornam esporádicos e concentrados em algumas localidades, em um nível que não sobrecarregue o sistema de saúde.

A entidade também aponta que esse afrouxamento da quarentena deve ser acompanhado de testes em massa para identificar os casos, isolá-los, tratá-los e monitorar os pacientes positivos e as pessoas com quem tiveram contato.

Ainda segundo a OMS, é recomendável que antes de flexibilizar o isolamento a região consiga proteger os mais vulneráveis a surtos, como em favelas, onde há grande concentração de pessoas em espaços pequenos.

A organização também orienta que sejam tomadas medidas para evitar transmissão do vírus em locais de trabalho e que a população seja conscientizada da importância de combater a pandemia.

Um dos principais critérios apontados por especialistas para que a reabertura de uma região aconteça com segurança é avaliar a taxa de reprodução do coronavírus, ou  $R_t$ , que deve ser menor que 1 — o número indica quantas pessoas podem ser contaminadas por quem está com o vírus.

Quando essa taxa é maior que um, significa que o infectado pode transmitir o vírus para mais de uma pessoa. Assim, representa que o número de casos pode aumentar exponencialmente. Muitos países esperaram esse índice ficar abaixo de um, indicando assim desaceleração de novos casos, para afrouxar as medidas de isolamento.

De acordo com o Imperial College, de Londres, a taxa atual de reprodução do vírus no Brasil é de 1,08, índice que representa que a transmissão continua descontrolada no país — há mais de três meses, esse número é superior a 1. Mesmo sem seguir adequadamente as recomendações da OMS para reabertura da economia e com a taxa de reprodução do vírus acima de 1, diversos Estados brasileiros têm flexibilizado o isolamento social.

Em virtude da dimensão do Brasil, especialistas apontam que é difícil que haja uma mesma medida para todos os lugares. Desta forma, recomendam que cada autoridade local defina o melhor momento para a reabertura, com base em critérios como análise da curva de casos e mortes na região e a quantidade de leitos disponíveis em hospitais.

### **As consequências da flexibilização com mais de mil mortes diárias**

Pasternak ressalta que a flexibilização da quarentena precisa ocorrer com segurança, com as pessoas usando máscaras e adotando o distanciamento físico, sem aglomerações."

Mas não é o que está acontecendo em muitos locais. Falta entendimento para muitas pessoas, que se aglomeram em locais que não tinha necessidade de ir neste momento, como em lojas ou shoppings."

Ela destaca que, com a reabertura da economia, o transporte público também fica cheio.

"As pessoas precisam trabalhar e não é possível pedir isolamento nos ônibus ou metrô. É uma situação que demonstra a falta de comunicação e logística nessa pandemia", diz.

A cientista não descarta que a flexibilização da quarentena cause uma segunda onda, nos locais em que os casos de coronavírus estabilizaram ou diminuíram, ou piore a situação de lugares que enfrentam a primeira onda de Sars-Cov-2.

"É difícil prever. Mas pode, sim, acontecer uma segunda onda bastante elevada ou piorar a atual situação de alguns lugares, pois estamos relaxando as medidas além do razoável. As pessoas estão se aglomerando em um período que o vírus ainda está em grande circulação", diz.

"O Brasil é muito grande. Há locais que já saíram da primeira onda, como Manaus e São Paulo, mas em outras regiões, como no Sul e no Centro-Oeste, os casos estão aumentando agora. Por conta do tamanho do país, as regiões serão atingidas em tempos e intensidades diferentes", explica Pasternak.

O aumento de casos após a reabertura de uma região é natural, segundo Pasternak. "O vírus não foi a lugar nenhum e dificilmente vai ser erradicado. O que temos que fazer é controlar a transmissão dele, vigiar e controlar novos casos e surtos que podem se tornar novos focos da epidemia", declara.

"Por isso, o ideal é que a reabertura aconteça somente quando a taxa de transmissão do vírus estiver abaixo de um. Somente assim, cada vez menos haverá pessoas suscetíveis a infectar os outros", afirma a cientista.

A especialista frisa que a decisão de reabertura de uma cidade tem que ser tomada por uma equipe multidisciplinar, que inclui diversos especialistas da área da saúde, e não pode se restringir a atender os interesses da economia.

"É preciso avaliar se os números, ao menos, estão caindo com frequência. Também é necessário analisar a capacidade de leitos de UTI nos hospitais da região. Tudo isso precisa influenciar a decisão de um gestor", detalha a cientista.

**Fonte: BBC BRASIL.**



## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

'Mães estão no limite': famílias vivem estresse inédito com crise e quarentena



## MEDIDAS DO BRASIL SÃO 'INSUFICIENTES' PARA CONTER CORONAVÍRUS, DIZ FORÇA-TAREFA INTERNACIONAL DE CIENTISTAS

**O Brasil não tem, atualmente, medidas suficientes em vigor para conter a disseminação do novo coronavírus.**

Essa é uma das conclusões de um estudo inédito assinado por quase 80 cientistas de instituições brasileiras e do Reino Unido a partir de dados colhidos entre março e abril de 85 municípios.

A pesquisa aponta que, apesar de insuficiente para reduzir a expansão do coronavírus, o fechamento do comércio e de escolas em São Paulo e no Rio de Janeiro após o início da pandemia chegou a reduzir a taxa de transmissão do vírus para até um terço do identificado antes das medidas.

"O estudo oferece evidências de que as intervenções em vigor continuam insuficientes para manter a transmissão do vírus sob controle no país", diz o artigo, primeiro sobre a pandemia na América Latina a ser publicado pela revista Science.

Divulgado em um momento em que o Brasil registra recordes diários de casos e passa da casa das 80 mil mortes, ficando atrás neste quesito apenas dos EUA, o documento assinado pela força-tarefa de cientistas aponta a "necessidade urgente de medidas como testagem, mapeamento de contatos entre pessoas contaminadas medidas de distanciamento social" no país.

Também entre os resultados do estudo, segundo os cientistas, está o maior conjunto de dados genômicos sobre o novo coronavírus na América Latina. Entre março e abril, a força-tarefa sequenciou 427 novos genomas do vírus no Brasil - um material inédito que pode ajudar na resposta a vacinas e na antecipação de novos surtos.

### Circulação

A partir de dados de anônimos de circulação de pessoas a partir de telefones celulares, o estudo permitiu informações estatísticas que permitiram que os pesquisadores estimassem a taxa de transmissão do vírus, representada pela letra R (reproduction number, ou número de reprodução, em tradução livre).

"Até vacinas e medicamentos estarem disponíveis, as medidas sociais de distanciamento são essenciais para reduzir o número de infecções e salvar vidas", diz à BBC News Brasil o cientista Nuno Rodrigues Faria, professor do Imperial College (Londres) e da Universidade Oxford e um dos autores do estudo.

A partir da mobilidade das pessoas, o estudo mostra que medidas como o fechamento de escolas e do comércio em meados de março, no Rio de Janeiro e em São Paulo, permitiram que a taxa de transmissão R caísse de 3 para valores entre 1 e 1,6.

"Resultados acima de 1 indicam que a transmissão está crescendo. Abaixo de 1, que está sob controle", explica o professor. Desde o relaxamento das medidas de restrição, a taxa R se mantém acima de 1 no Brasil.

O estudo também mediu o impacto das limitações impostas à entrada de estrangeiros no país e revela que mais de 100 linhagens do vírus haviam entrado em diferentes lugares do Brasil até o fim de abril, vindo principalmente da Europa.

A maioria esmagadora dos vírus presentes no Brasil chegaram antes das restrições à entrada de estrangeiros, indicando que as medidas chegaram tarde demais.

**Fonte: BBC BRASIL**

NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

### 3 motivos que explicam por que casos de covid-19 voltaram a crescer no Brasil



## REPORTAGENS:

Como Malala sobreviveu a atentado e foi para uma das melhores universidades



### MALALA DEFENDE FUNDEB E DIZ QUE NÃO HÁ MERITOCRACIA NO BRASIL SEM IGUALDADE NA EDUCAÇÃO

**Não há no Brasil extremismo à altura do Talebã, que por anos proibiu que meninas fossem a escolas no vale onde nasceu Malala Yousafzai, no Paquistão.**

**Aos 15 anos, já conhecida por lutar pela educação, Malala foi alvejada no olho por um extremista e entrou em coma.**

**Mas o tiro saiu pela culatra: recuperada, a menina ganhou projeção e poder político, trouxe a atenção do mundo para as estudantes de seu vilarejo e se tornou a pessoa mais jovem da história a ganhar um prêmio Nobel da Paz. Ela só tinha 17 anos.**

Hoje, aos 23, formada em filosofia, política e economia pela universidade de Oxford, Malala diz se preocupar com o futuro das brasileiras — **especialmente o de meninas negras e indígenas** que, por razões diferentes das dela, não conseguem estudar e correm o risco de ver suas escolas fecharem.

“Mais de 1,5 milhão de meninas estão fora da escola no Brasil”, diz Malala em entrevista exclusiva à BBC News Brasil.

“Meninas negras e indígenas estão entre as que têm menos chance de completar 12 anos de educação, por conta da pobreza, do racismo estrutural e de outras barreiras sociais.

“À reportagem, por escrito, a jovem que tinha apenas 11 anos quando narrou o terror talebã em um blog anônimo mostra intimidade com o debate sobre educação em Brasília.

“É animador ver que estamos chegando perto de diminuir as diferenças na educação para milhões de meninas do Brasil”, diz Malala à BBC News Brasil. “O Fundeb é fundamental para assegurar um futuro em que todas as meninas brasileiras possam ir à escola, não importa onde vivam.

“Alvo da votação mais importante do ano sobre a educação no Brasil, o **Fundeb (Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica)** é responsável pela distribuição de R\$ 150 bilhões anuais em verbas para escolas e professores, da creche ao ensino médio.

Com a meta de reduzir a desigualdade na educação pública, o fundo reforça o caixa educacional dos municípios mais pobres do país. Se ele não for renovado nos próximos meses, será extinto em 31 de dezembro.

#### 'Um futuro melhor para o Brasil'

Contra um forte lobby do governo de Jair Bolsonaro, que tentava empurrar a renovação do Fundeb para 2022, a Câmara dos Deputados aprovou, em 21 de julho, uma proposta de emenda à Constituição (PEC) que aumenta os recursos repassados pela União.

Nos próximos dias, o Senado pode confirmar a decisão, que também torna o fundo permanente, ou devolvê-la aos deputados.

A paquistanesa teve contato com o tema durante conversas com estudantes e ativistas em 2018, durante sua única visita ao Brasil — quando comemorou 21 anos.

“No fim do ano passado, ativistas do Fundo Malala e meninas brasileiras se reuniram com parlamentares no Congresso Nacional. Elas falaram sobre os desafios que as meninas brasileiras enfrentam em suas comunidades e trouxeram atenção nacional ao Fundeb”, conta a ativista internacional. Fundado por Malala e pelo pai, Ziauddin Yousafzai, em 2013, o **Fundo Malala investe e apoia ativistas da educação no Afeganistão, Brasil, Etiópia, Índia, Líbano, Nigéria, Paquistão e Turquia**. O objetivo da ONG é lutar por educação gratuita para e de qualidade para meninas.

## **Crianças educadas gerariam trilhões em riqueza**

À BBC News Brasil, Malala afirma que “falhar no investimento no futuro de meninas sem acesso a escolas significa uma perda para todo o país”.

“A educação das meninas cria uma sociedade mais saudável e pacífica e uma economia mais forte”, diz Malala, com base em uma pesquisa publicada há dois anos pelo Instituto Malala e o Banco Mundial.

“Ela mostra que, **se todas as meninas (do mundo) completassem 12 anos de escola, elas adicionariam US\$ 30 trilhões (R\$ 160 trilhões) à economia global**, acabando com lacunas na força de trabalho e gerando novos empregos”, explica.

### **O presidente Bolsonaro e seus representantes na esplanada dos ministérios, no entanto, têm criticado o aumento nos recursos destinados pelo governo à educação pública.**

No ano passado, o então ministro da Educação, Abraham Weintraub, retirou o apoio do governo à proposta do novo Fundeb, afirmando que ela “feria o equilíbrio fiscal” e não era “solvente a longo prazo”.

O Ministério da Economia, comandado por Paulo Guedes, disse que não há dinheiro suficiente para elevar a participação da União.

Em março, em videoconferência com prefeitos, Guedes defendeu a prorrogação do Fundeb no formato atual, em vez da aprovação da nova PEC. “O Brasil vive uma política econômica de austeridade, considerada pela ONU a mais drástica contra direitos sociais em todo o planeta”, avalia Denise Carreira. “Ela culpabiliza o gasto social e ambiental pela crise econômica. Usa um discurso ideológico que defende um estado mínimo em um país com desigualdade imensa e está longe de garantir as condições básicas de sobrevivência da população.”

“A experiência internacional é clara: quem quer dar um salto educacional precisa melhorar as escolas e tornar a profissão realmente valorizada e atrativa, o que não acontece no Brasil”, diz.

“E essa austeridade acaba estimulando disputa de recursos entre as áreas sociais”, segue Carreira. “No contexto da pandemia, a saúde tem sido privilegiada. Mas a educação é a política mais capilar de um país, a que chega mais no cotidiano da população. Todos os dias, milhões de famílias se organizam para que seus filhos, seus netos, possam ir a escola, um dia a dia sustentado majoritariamente por mulheres, mães, tias, avós.

“A especialista, que foi uma das criadoras do Fundeb na primeira década dos anos 2000, diz que o transporte escolar e merendas estão entre os grandes desafios do país. “Ele é fundamental para que comunidades do campo, quilombolas, indígenas tenham direito à educação. No sertão do Piauí, crianças caminham 13 km, 15 km para chegar a escola. E quando chegam lá, têm ainda aquela alimentação precária, bolachas, enlatados e é isso.”

### **'Não esperem ficar adultas'**

Na entrevista à concedida à BBC News Brasil, Malala disse ter “memórias maravilhosas” do aniversário que passou no Brasil. “Conheci garotas em todo o país e aprendi sobre sua luta pela educação e por igualdade.”

“Portanto eu sei muito bem quão fortes são as meninas brasileiras”, continua Malala.

Questionada sobre que mensagem mandaria às brasileiras que sonham, um dia, chegar aonde Malala chegou, a jovem surpreende. “Elas não precisam ser como eu!” Malala prossegue:

“Meninas e jovens mulheres contribuem com suas comunidades de várias formas diferentes por meio de organização, tecnologia, arte, educação e outros”.

Ela encerra a entrevista com um recado.

**“Meu único conselho é que vocês saibam que não precisam esperar ficarem adultas para se tornarem líderes.”**

**Fonte: BBC BRASIL.**

## REPORTAGENS:

Queimadas no Pantanal de MT aumentaram 530% em 2020, diz instituto



Senado vota nesta quinta indicação ao Executivo para defender o Pantanal de queimadas



## POR QUE PANTANAL VIVE 'MAIOR TRAGÉDIA AMBIENTAL' EM DÉCADAS

**O Pantanal passa pela sua fase mais crítica das últimas décadas. O bioma enfrenta uma de suas maiores secas da história recente, sofre com o desmatamento e tem o pior período de queimadas desde o fim dos anos 90.**

A atual situação do Pantanal, maior área úmida continental do planeta, preocupa ambientalistas.

Nos primeiros sete meses deste ano, o principal rio do Pantanal atingiu o menor nível em quase cinco décadas.

A chuva foi escassa. O desmatamento cresceu. Os incêndios aumentaram. E a fiscalização por parte do poder público, segundo entidades que atuam na preservação da área, diminuiu.

Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) apontam que os primeiros sete meses de 2020 foram os que registraram mais queimadas em comparativo ao mesmo período de anos anteriores, ao menos desde o fim dos anos 90 — período em que o Inpe desenvolveu a plataforma que se tornou referência para monitorar focos de calor no Brasil. O mês passado, por exemplo, foi o julho em que o Pantanal mais pegou fogo nos últimos 22 anos. Conforme o Inpe, foram registrados 1.684 focos de queimadas. No mesmo mês, no ano passado, foram 494 focos. O recorde de queimadas em julho, até então, havia sido em 2005, com 1259 registros.

Pesquisadores apontam que a situação no bioma, localizado na Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai (BAP), deve permanecer difícil pelos próximos meses.

Em julho, algumas cidades de Mato Grosso do Sul e de Mato Grosso, Estados que abrigam o Pantanal, sentiram as consequências de um dos períodos ambientais mais difíceis do bioma. Essas regiões chegaram a ficar encobertas por fumaças vindas dos incêndios no Pantanal.

A situação piora os problemas respiratórios de moradores da região e se torna ainda mais perigosa no atual contexto da pandemia de coronavírus, principalmente para as pessoas que integram o grupo de risco, como idosos e pacientes com doenças pré-existentes.

Especialistas ouvidos pela BBC News Brasil consideram que não há dúvidas: o Pantanal vive atualmente a sua maior tragédia ambiental das últimas décadas.

"Esse cenário de redução de chuvas no primeiro semestre do ano, o menor nível do rio (em período recente) e, principalmente, os incêndios de grandes proporções indicam isso", diz o engenheiro florestal Vinícius Silgueiro, coordenador de inteligência territorial do Instituto Centro de Vida (ICV).

"E o receio é que isso seja um 'novo normal', como consequência das mudanças acumuladas causadas pelo homem, que alteram o ciclo de chuvas, seca e das inundações naturais do Pantanal", acrescenta o geógrafo Marcos Rosa, coordenador técnico do MapBiomas, iniciativa que monitora a situação dos biomas brasileiros.

### Período de seca

O nível das águas do rio Paraguai, principal formador do Pantanal, chegou a 2,10 metros em junho, de acordo com a Marinha do Brasil. É o mês que costuma marcar o pico do rio ao longo do ano. Foi a menor marca dos últimos 47 anos, segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Há 120 anos, esse dado é medido no trecho do rio Paraguai que passa no município de Ladário (MS).

"Em casos raros e excepcionais, essa cheia passou de 6,5 metros", diz o biólogo Carlos Roberto Padovani, pesquisador da Embrapa. Os pesquisadores consideram que a média da cheia é em torno de 5,6 metros.

Com os níveis baixos do rio, a quantidade de água que chega ao Pantanal também reduz e pouco da planície é inundado. Nos próximos dois meses, a situação deve piorar. "Agosto e setembro são os períodos mais secos. As chuvas costumam começar em outubro, mas neste ano pode demorar ainda mais", afirma Padovani.

Um dos fatores associados à falta de chuva no Pantanal e em outros biomas brasileiros é a degradação da Amazônia.

"Com a aceleração do desmatamento da Amazônia, ao longo dos anos, o período de chuvas tem encurtado e as secas se tornaram mais severas na região central e sudeste do país", explica Vinícius Silgueiro, do Instituto Centro de Vida.

No primeiro semestre de 2020, foram registrados 3.069,57 km<sup>2</sup> de áreas sob alerta de desmatamento na Amazônia, maior número no período nos últimos cinco anos. Os dados são do sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real, do Inpe.

O crescente desmatamento da Amazônia afeta duramente o fenômeno conhecido como "rios voadores", no qual a corrente de umidade que surge na floresta origina uma grande coluna de água, que é transportada pelo ar a vastas regiões da América do Sul."

A Amazônia dá vida a, praticamente, todos os biomas do continente, incluindo o Pantanal. À medida que a floresta vai diminuindo e perdendo suas funções ecológicas, esse 'serviço ambiental' que ela presta também vai sendo alterado e se perdendo", explica Silgueiro.

A atual situação do Pantanal pode piorar ainda mais com o fenômeno climático La Niña, que provoca o resfriamento das temperaturas médias Oceano Pacífico e é responsável por invernos pesados e grandes secas ao redor do mundo.

A realidade da seca no Pantanal se torna ainda mais complicada devido a uma situação recorrente na região: a expansão do desmatamento no bioma e em seu entorno.

De acordo com o Inpe, até o ano passado foram desmatados 24.915 km<sup>2</sup> do Pantanal, correspondente a 16,5% do bioma. O número equivale, por exemplo, a pouco mais de quatro vezes a área de Brasília.

### **O agronegócio**

A principal causa da expansão do desmatamento no Pantanal, segundo especialistas, é o crescimento do agronegócio na região.

Há décadas, o bioma convive com a produção extensiva de gado. Um levantamento do Instituto SOS Pantanal aponta que cerca de 15% da área do Pantanal foi convertida em pastagem.

### **Recorde de queimadas**

De janeiro a julho deste ano, foram registrados 4.218 focos de incêndio em todo o Pantanal. Nos mesmos meses em 2019, foram 1.475 registros. Os dados são do Inpe. Até então, o maior registro no período, desde o início da série histórica do instituto, havia sido em 2009, quando o monitoramento localizou 2.527 focos.

### **Fogo causado pelo homem**

Especialistas ouvidos pela reportagem afirmam que a imensa maioria dos incêndios que têm ocorrido no Pantanal – alguns acreditam que a totalidade deles – são causados pelo homem.

O uso do fogo para a renovação de pasto também é citado pelos especialistas entre as motivações para os incêndios no Pantanal. Uma das dificuldades para punir os responsáveis pelo início do fogo, segundo as autoridades, é descobrir a origem das chamas.

"O principal problema para localizar quem, de fato, põe fogo é a dimensão da área do Pantanal. Aliado a isso, há a falta de estrutura dos órgãos ambientais fiscalizadores, dos quais o Ministério Público depende para eventual responsabilização civil ou criminal", diz a promotora Ana Rachel Borges de Figueiredo Nina, do Ministério Público de Mato Grosso do Sul.

**Fonte: BBC BRASIL**

## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

Greve dos entregadores: o que querem os profissionais que fazem paralisação inédita



NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

Nem CLT, nem autônomo: o projeto de lei que quer 'regrar' a relação de aplicativos com trabalhadores



## 'BREQUE DOS APPS': A GREVE DE ENTREGADORES

**Entregadores de aplicativos como Rappi, Loggi, Ifood, Uber Eats e James cruzaram os braços no dia 1º de julho, segundo os organizadores, cobrando melhores condições no trabalho, medidas de proteção contra o novo coronavírus e melhor remuneração.**

Em meio à pandemia, um decreto presidencial classificou os serviços de entrega como atividade essencial para fins de enfrentamento da disseminação do vírus.

No entanto, há uma série entregadores que denunciam a insuficiência de equipamentos de segurança pessoal, como máscaras e álcool em gel. Além disso, o modelo de contratação dos entregadores é sem vínculo empregatício, direitos trabalhistas, alimentação e plano de saúde.

Ainda há relatos dos trabalhadores sofrerem bloqueios frequentes pelas empresas ao recusar alguma entrega.

Os restaurantes, por outro lado, sentiram impactos da paralisação recebendo poucos ou nenhum pedido. Segundo reportagem apurou, motoboys que trabalham como "fixos" salvaram as poucas entregas.

De acordo com levantamento do site Appbot, publicado no jornal Extra, os cinco principais aplicativos receberam mais de 50 mil avaliações durante o dia, sendo que 96% delas com uma estrela. Dar nota baixa aos serviços era uma das orientações passadas por organizadores para quem não pudesse comparecer às ruas.

**Fonte: Yahoou Notícias**

NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

'Adeus, iFood': entregadores tentam criar cooperativa para trabalhar sem patrão



## "UBERIZAÇÃO" DO TRABALHO: VOCÊ SABE O QUE É?

Atualmente, a modificação constante do mercado de trabalho exige que o trabalhador apresente um perfil profissional dinâmico e capaz de se moldar às necessidades de momento.

Além disso, a crise econômica, a globalização, a diminuição dos empregos formais, as expressivas modificações na legislação trabalhista – especificamente no caso do Brasil – desregulação e flexibilização de várias de suas normas, o aumento do empreendedorismo, dentre outras causas, têm provocado um incremento no labor executado através de tecnologias disruptivas, como a da Uber, por exemplo, que oferece, **por meio de aplicativo, serviços sob demanda e que têm por finalidade mediar** consumidores que precisam de transporte e motoristas que precisam de trabalho.

Exatamente por estar atento à toda sorte de flexibilização dos direitos laborais implementadas a partir da Reforma Trabalhista, promovida pela Lei 13.467/17, bem como pela Lei 13.874/19, da Liberdade Econômica, e pela Medida Provisória 905/19, que altera mais de 86 artigos da CLT (a carteira verde e amarela), o setor de inovação tecnológica tem procurado ocupar mais esse espaço, criando novos aplicativos semelhantes ao da Uber, destinados a mediar outros segmentos de prestação de serviços, tais como: entregas, limpeza, beleza, professores, babás, eventos, enfermagem, cuidadores de idosos, dentre outros tantos, promovendo o avanço da chamada "gig economy" ou "uberização".

Plataformas digitais extremamente bem montadas conseguem atrair milhares de trabalhadores para que lhes cedam sua mão de obra por uma remuneração ínfima, supostamente sob o pálio de uma contratação de trabalho autônomo, normalmente exercido em jornadas extremamente longas e exaustivas, sendo muitas destas atividades laboradas com contornos evidentes de subordinação, hipossuficiência econômica e sujeição aos riscos do negócio.

Em decorrência disso, a precarização das condições de trabalho vem ocorrendo perigosamente em prejuízo dos trabalhadores, já que pode ficar oculta sob uma falsa promessa de poder servir para ocupar um tempo ocioso ou como uma alternativa de trabalho, por exemplo, tendo o trabalhador a sua atividade virtualmente controlada e determinada a ser realizada nos moldes e nas metas da empresa que detém a plataforma digital de intermediação, sob pena de vir a ser desligado.

No Brasil, não existe um levantamento específico acerca do tamanho da “uberização” do trabalho. No entanto, certamente parte desse contingente está inserida atualmente entre os 11,5 milhões de trabalhadores informais do país, segundo o IBGE. Principal representante da economia de compartilhamento, a Uber possui em torno de 600 mil motoristas cadastrados no país.

Neste contexto, também chama a atenção um estudo recente da Associação Aliança Bike, que mostra que existem cerca de 30 mil ciclistas na cidade de São Paulo que trabalham como entregadores para aplicativos de internet, tendo eles um perfil de jovens, entre 18 e 27 anos, das periferias da cidade e que chegam a trabalhar em média até 12 horas por dia, durante os sete dias da semana, auferindo uma remuneração média de R\$ 936 mensais.

Números assim mostram que esse tipo de relação de trabalho veio pra ficar e tende progressivamente a aumentar. Exatamente em função disso, é necessário que se atente para o fato de que, em um futuro próximo, inúmeros trabalhadores poderão estar prestando seus serviços às referidas plataformas digitais sem qualquer vínculo de emprego e proteção trabalhista e previdenciária, o que evidencia que questões desta natureza não podem ser deixadas ao livre comando do mercado, sob pena de se verem materializados graves prejuízos aos direitos laborais mais básicos dos trabalhadores.

Em verdade, o desafio que se afigura de agora em diante para todos os atores envolvidos neste processo, inclusive os tribunais é, no mínimo, o de garantir a proteção à dignidade da pessoa do trabalhador e a função social da empresa, devendo o poder público agir com presteza e agilidade no sentido de urgentemente regulamentar a atividade, bem como os recolhimentos tributários e previdenciários.

**Fonte: Tribuna de Minas**



## REPORTAGENS:

NEWS | BRASIL

Notícias Brasil Internacional Economia Saúde Ciência Tecnologia Aprenda Inglês

Racismo no Brasil: todo mundo sabe que existe, mas ninguém acha que é racista, diz Djamila Ribeiro



## ‘VIDAS NEGRAS IMPORTAM’ CHACOALHA BRASILEIROS ENTORPECIDOS PELA ROTINA DE VIOLÊNCIA RACISTA

**Movimento negro cobra adesão permanente da população branca ao debate racial, inspirada nos protestos antirracistas que reverberam dos Estados Unidos.**

Foi preciso uma onda de protestos antirracistas nos Estados Unidos para despertar parte da sociedade branca que fecha os olhos diante da violência policial, **se acostumou a banalizar o genocídio de jovens negros nas favelas** ou a ser **complacente** com a ausência de representatividade em posições de destaque no Brasil.

Muita gente aderiu à versão brasileira de Black Lives Matter (Vidas negras importam), espalhando nas redes sociais hashtags como a #blackouttuesday, mas, além das campanhas de ocasião, **o engajamento permanente pela causa antirracista ainda segue restrito às vozes do movimento negro.**

“Acredito que ainda falta muita empatia com mortes de pessoas negras por parte de quem está afastado dessa realidade no Brasil”, observa o advogado Thiago Amparo, professor de políticas de diversidade na Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP).

“Sempre há protestos de familiares, vizinhos da comunidade e atores de movimentos negros, mas pouca solidariedade de pessoas brancas participando desses atos e, principalmente, utilizando seus espaços de privilégios para mudar a situação. **Ativismo digital é importante**, desde que a gente também se manifeste de maneira mais contundente em nossas áreas de atuação, como cobrar das instituições jurídicas o controle da polícia ou que a imprensa cubra a dinâmica das mortes de pessoas negras não só quando elas eclodem. Isso significa mostrar que vidas negras efetivamente importam.”

Em que pesem as campanhas pontuais pela internet, ativistas negros ressaltam que suas reivindicações históricas por meio da resiliência ao longo de décadas não podem ser interpretadas como efeito do que acontece nos Estados Unidos. “As pessoas estão dizendo que finalmente ‘os negros abriram os olhos’. Isso é de um grau de racismo e crueldade absurdo”, afirma Mônica Oliveira, membro da Coordenação da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco.

“A luta do movimento negro no Brasil vem de séculos atrás. Se nós não tivéssemos nos organizado, jamais teríamos sobrevivido neste país que, desde a escravidão, opera um projeto sistemático de eliminação da população negra.”

### Representatividade também importa

Um programa sobre racismo protagonizado por pessoas brancas. No dia 2 de junho, a edição do Em Pauta, na GloboNews, gerou críticas na internet por ter apenas jornalistas e comentaristas brancos debatendo a respeito da discriminação racial no Brasil. Em gesto de mea-culpa, a produção da Globo escalou uma equipe composta somente por profissionais negros para o programa, apresentado por Heraldo Pereira. Na atração, as jornalistas Aline Midlej, Flávia Oliveira, Maju Coutinho, Lilian Ribeiro e Zileide Silva compartilharam experiências a partir de atitudes discriminatórias que vivenciaram ao longo da carreira.

“Causa estranhamento um programa feito por apresentador e comentaristas negros porque, com o racismo à brasileira, nos acostumamos a normalizar ausências e a desigualdade”, afirma Thiago Amparo.

“Foi muita bem-vinda essa atitude da GloboNews, mostrando a importância de se criticar e cobrar mudanças. Não dá pra falar da questão racial sem ter pessoas negras em pé de igualdade com pessoas brancas.

Mas a promoção da diversidade tem de ir além do debate racial. As pessoas negras devem falar sobre todos os temas, de política internacional à economia. E os meios de comunicação precisam ser mais parecidos com a sociedade que os consomem.”

Em defesa da representatividade nas universidades, perfis de redes sociais têm se mobilizado para expor fraudadores de cotas raciais, que consistem em denunciar alunos brancos que passaram no vestibular de universidades públicas inscritas em reserva de vagas para negros ou indígenas.

Apesar de uma das principais contas de exposição ter sido removida pelo Twitter, o movimento gerou reação de instituições de ensino, caso da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que, em nota, explicou que, no início deste ano, substituiu a autodeclaração pela análise de uma comissão interna de heteroidentificação. A banca também é responsável por apurar fraudes no sistema de cotas.

**Fonte: El País Brasil**





## RACISMO NO BRASIL

**Caso Miguel: morte de menino no Recife mostra 'como supremacia branca funciona no Brasil', diz historiadora.**

**Na semana em que protestos motivados pela morte de um homem negro, George Floyd, por um policial branco nos Estados Unidos se espalharam também pelas redes sociais brasileiras, o filho negro de uma empregada doméstica, Miguel Otávio, morreu ao cair de um prédio de luxo no Recife, enquanto estava aos cuidados da patroa, branca.**

Para a historiadora Luciana da Cruz Brito, professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e especialista em história da escravidão, abolição e pós-abolição no Brasil e nos EUA, a morte de Miguel resume o debate sobre as diferenças entre a questão racial nos dois países.

"A nossa supremacia branca é assim. Não tivemos leis segregacionistas, como nos Estados Unidos, mas temos o mesmo princípio de que algumas pessoas são mais humanas do que outras", disse à BBC News Brasil.

O garoto de 5 anos tinha acompanhado a mãe, Mirtes Renata de Souza, ao trabalho no apartamento dos patrões, já que as creches em Recife estão fechadas por causa da pandemia de covid-19. Mirtes teve de descer para passear com o cachorro da patroa, e deixou o filho aos cuidados desta.

O menino começou a chorar enquanto a patroa fazia as unhas com uma manicure e entrou no elevador do prédio, no 5º andar, para buscar a mãe. Imagens do circuito de câmeras de segurança, divulgadas pela Polícia Civil, mostram o momento em que a patroa, identificada por Mirtes em entrevista à TV Globo como Sari Corte Real, fala com o menino no elevador e parece apertar um dos botões. De acordo com a investigação, o menino desceu no 9º andar, escalou uma grade na área dos aparelhos de ar-condicionado e caiu.

**Confira a matéria na íntegra no QR code abaixo.**

NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

**Caso Miguel: morte de menino no Recife mostra 'como supremacia branca funciona no Brasil', diz historiadora**



≡ EL PAÍS

ESPORTES

RACISMO NO FUTEBOL | OPINIÃO

***O futebol desconstrói o mito da democracia racial***

Discriminação contra negros em um ambiente convidativo ao preconceito escancara a realidade que se camufla fora dos estádios



**MITO DA DEMOCRACIA RACIAL NO BRASIL**



**Bem, amigos, chegamos ao fim!  
Este material será útil demais nos seus estudos, tenho certeza! Abaixo deixarei mais  
notícias e QRcodes para vocês!  
Obrigada pela confiança, vamos juntos atrás da aprovação!**



**15 anos sem Jean Charles de Menezes:  
'Minha dor ainda não acabou', diz mãe**



**Barakah: Emirados Árabes Unidos  
inauguram primeira usina nuclear do  
mundo árabe**



**Como traficantes mexicanos usam  
pandemia para ganhar  
popularidade distribuindo  
alimentos**



**Como eram as rotas de fuga pelas quais  
muitos nazistas escaparam para a  
América do Sul após a 2ª Guerra**



**Por que o canal do Panamá está ficando  
sem água**



NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

**1,5 milhão de crianças sem creches e 11 milhões de analfabetos: os desafios urgentes para o Brasil 'passar de ano' na educação**



NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

**Por que desenvolver uma vacina é tão complexo — e nem sempre factível**



NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

**Brasil tem mais de 2 milhões de curados de covid-19: o que o número indica na luta contra a pandemia do coronavírus**



NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

**O ato de heroísmo que evitou tragédia com carga explosiva como a de Beirute no Brasil**



NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

**Explosão no Líbano: De onde veio e para onde ia o nitrato de amônio que causou explosão em Beirute**



NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

**Com porto destruído, Líbano vive temor de desabastecimento e fome**



**Quais os desafios de fazer um imunizante chegar à população**



O muçulmano eleito presidente do país sul-americano que mais deve crescer no mundo neste ano



Por que Brasil já pode ter atingido 'fundo do poço' da recessão - e o que isso significa



Por que gigantes como Starbucks, Coca-Cola, Unilever e Diageo suspenderam publicidade nas redes sociais



Dos Medici à Amazon: como pandemias ajudaram megacorporações a crescer ainda mais



Caso Miguel mostra o que o Brasil perde com falta de apoio a crianças vulneráveis



**Estava tudoooo finalizado!**

**Mas aí surgiu um novo acordo entre Israel e Emirados Árabes  
mediado pelos Estados Unidos.. Não poderia deixar de fora!**

# Entenda por que a aproximação entre Israel e Emirados Árabes é importante



Medida mexe no tabuleiro político do Oriente Médio ao agradar aliados dos EUA e irritar palestinos e grupos hostis aos israelenses. Mediação é positiva para Donald Trump às vésperas das eleições americanas.

"Israel e Emirados Árabes Unidos concordaram em normalizar totalmente as relações diplomáticas entre os dois países. Sob mediação dos Estados Unidos — meses antes das eleições que decidem o futuro do presidente Donald Trump —, o acordo terá consequências no jogo político da região.

- **Reconhecimento de Israel** — No mundo árabe, só Egito e Jordânia reconheciam formalmente Israel. A diferença em relação aos Emirados Árabes é que esses dois países tinham disputas territoriais resolvidas após acordos com o governo israelense que terminaram em reconhecimento.
- **Situação da Palestina** — Os países que não reconhecem Israel adotam essa posição por considerar que o território israelense pertence aos palestinos. Com mais um estado árabe mantendo laços com os hebreus, lideranças da Palestina temem a perda de apoio nas disputas territoriais e já anunciaram retaliações.
- **Questão do Irã** — Inimigo dos Estados Unidos e de Israel, o Irã tenta evitar maior influência americana no Golfo Pérsico e apoia facções como os rebeldes houthis do Iêmen. Os EUA, por sua vez, contam com apoio da Arábia Saudita, país muito próximo dos Emirados Árabes tanto politicamente quanto geograficamente.

Além disso, Israel se comprometeu em interromper a anexação de territórios ocupados na Cisjordânia, mas admitiu que os planos ainda estão na mesa. A medida estava prevista, de certa forma, em um projeto de paz traçado pela Casa Branca com ajuda de Jared Kushner, genro de Donald Trump e assessor do governo americano.

Outra expectativa é a abordagem de Trump sobre esse acordo durante a campanha pela reeleição. Faltam menos de três meses para o pleito em que o republicano concorrerá com o democrata Joe Biden. O atual presidente deve mencionar que mediou as conversas entre Israel e Emirados Árabes para mostrar ao eleitorado alguma conquista na área de política externa."

Leia a matéria na íntegra, vale muito a pena!

Fonte: G1

NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês



## Por que o acordo anunciado entre Israel e Emirados Árabes é histórico

MUNDO

## Irã e Turquia criticam acordo entre Israel e Emirados Árabes

A Turquia acusou os Emirados Árabes Unidos de 'trair a causa palestina' ao aceitar um acordo de normalização das relações com Israel, com mediação dos Estados Unidos



# Entenda por que a aproximação entre Israel e Emirados Árabes é importante



Medida mexe no tabuleiro político do Oriente Médio ao agradar aliados dos EUA e irritar palestinos e grupos hostis aos israelenses. Mediação é positiva para Donald Trump às vésperas das eleições americanas.

"Israel e Emirados Árabes Unidos concordaram em normalizar totalmente as relações diplomáticas entre os dois países. Sob mediação dos Estados Unidos — meses antes das eleições que decidem o futuro do presidente Donald Trump —, o acordo terá consequências no jogo político da região.

- **Reconhecimento de Israel** — No mundo árabe, só Egito e Jordânia reconheciam formalmente Israel. A diferença em relação aos Emirados Árabes é que esses dois países tinham disputas territoriais resolvidas após acordos com o governo israelense que terminaram em reconhecimento.
- **Situação da Palestina** — Os países que não reconhecem Israel adotam essa posição por considerar que o território israelense pertence aos palestinos. Com mais um estado árabe mantendo laços com os hebreus, lideranças da Palestina temem a perda de apoio nas disputas territoriais e já anunciaram retaliações.
- **Questão do Irã** — Inimigo dos Estados Unidos e de Israel, o Irã tenta evitar maior influência americana no Golfo Pérsico e apoia facções como os rebeldes houthis do Iêmen. Os EUA, por sua vez, contam com apoio da Arábia Saudita, país muito próximo dos Emirados Árabes tanto politicamente quanto geograficamente.

Além disso, Israel se comprometeu em interromper a anexação territórios ocupados na Cisjordânia, mas admitiu que os planos ainda estão na mesa. A medida estava prevista, de certa forma, em um projeto de paz traçado pela Casa Branca com ajuda de Jared Kushner, genro de Donald Trump e assessor do governo americano.

Outra expectativa é a abordagem de Trump sobre esse acordo durante a campanha pela reeleição. Faltam menos de três meses para o pleito em que o republicano concorrerá com o democrata Joe Biden. O atual presidente deve mencionar que mediou as conversas entre Israel e Emirados Árabes para mostrar ao eleitorado alguma conquista na área de política externa."

Leia a matéria na íntegra, vale muito a pena!

Fonte: G1

## NEWS | BRASIL

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

### Por que o acordo anunciado entre Israel e Emirados Árabes é histórico



## MUNDO

### Irã e Turquia criticam acordo entre Israel e Emirados Árabes

A Turquia acusou os Emirados Árabes Unidos de 'trair a causa palestina' ao aceitar um acordo de normalização das relações com Israel, com mediação dos Estados Unidos



MUNDO

## Irã chama acordo entre Israel e EUA de “estupidez estratégica”



Chegou até aqui? Parabéns!  
Você é top!  
Confia em você, beleza?  
Tamo junto demais e vamo vamo conquistar essa vaga.

"Aí, maloqueiro, aí, maloqueira  
Levanta essa cabeça  
Enxuga essas lágrimas, certo?  
Respira fundo e volta pro ringue  
Cê vai atrás desse diploma  
Com a fúria da beleza do Sol, entendeu?  
Faz isso por nós  
Faz essa por nós!  
Te vejo no pódio  
Ano passado eu morri  
Mas esse ano eu não morro"  
*Amarelo - Emicida*

Fim.